



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**APROPRIAÇÃO DO CAPITAL CULTURAL MIDIÁTICO NO INGRESSO DE
ESTUDANTES CANDIDATOS E COTISTAS EM CURSOS DE GRADUAÇÃO DE
ALTA SELETIVIDADE**

LARISSA SILVA DE LIRA

BRASÍLIA – DF

2021

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**APROPRIAÇÃO DO CAPITAL CULTURAL MIDIÁTICO NO INGRESSO DE
ESTUDANTES CANDIDATOS E COTISTAS EM CURSOS DE GRADUAÇÃO DE
ALTA SELETIVIDADE**

LARISSA SILVA DE LIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em educação da Universidade de Brasília – PPGE-UnB, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação. Linha de pesquisa em Educação, Tecnologias e Comunicação – ETEC.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Lopes de Sousa.

**BRASÍLIA - DF
2021**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**APROPRIAÇÃO DO CAPITAL CULTURAL MIDIÁTICO NO INGRESSO DE
ESTUDANTES CANDIDATOS E COTISTAS EM CURSOS DE GRADUAÇÃO DE
ALTA SELETIVIDADE**

Larissa Silva de Lira

DISSERTAÇÃO APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA

Brasília, _____/2021

Prof. Dr. Carlos Alberto Lopes de Sousa
Universidade de Brasília - UnB
(Orientador)

Prof. Dra. Márcia Lopes Reis
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filhos - UNESP
(Examinadora Externa)

Prof. Dra. Andrea Cristina Versuti
Universidade de Brasília - UnB
(Examinadora Interna)

Prof.a. Dra. Graciella Watanabe
Universidade Federal do ABC - UFABC
(Suplente)

Não existe saber mais ou saber menos: há saberes diferentes.
Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me sustentou nos momentos de dificuldade.

Ao meu professor e orientador, Carlos Alberto Lopes de Sousa, que com toda humanidade, paciência e compreensão me direcionou e instruiu a desenvolver esta pesquisa.

Aos meus pais, José Nilton e Sônia Maria, pelo apoio incondicional, pelo carinho e palavras de incentivo.

Aos meus irmãos, Lucas e Letícia, por todo o apoio e o carinho.

Aos meus amigos e às amigas, que me deram todo suporte e incentivo para não desistir da jornada acadêmica.

Aos e às colegas do grupo de pesquisa e da UnB, Júlia Schnorr, Vanessa Soares, Sirlene Rodrigues, Helga Souza, Francisco Valmir Silva e Lorena Braga por toda a atenção, as sugestões e as orientações direcionadas à pesquisa.

Aos membros da banca examinadora, pelas ricas observações e contribuições para a pesquisa.

Aos e às estudantes cotistas, por disponibilizarem tempo, boa vontade e interesse em participar da pesquisa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por contribuir com o apoio financeiro para a elaboração da pesquisa, no período em que fui bolsista CAPES, de outubro de 2019 a março de 2021.

RESUMO

A aprovação em cursos de alta seletividade social no ensino superior demanda nível de conhecimento para realizar provas de ingresso. O processo de apropriação de conhecimento, no contexto das novas tecnologias da informação, envolve contato com diferentes fontes de informação e tal hibridismo caracteriza os processos de estudos de jovens candidatos e cotistas. Graças às novas tecnologias da informação, fontes legítimas de conhecimento e fontes não legítimas se mesclam e contribuem para potencializar táticas de estudos de jovens das classes populares (SETTON, 2005). Na realidade brasileira, o maior acesso às TIC ainda predomina entre famílias de maior instrução e renda (PDAD, 2018), questionando-se, assim, como se dá a prática de estudos de estudantes da rede pública, candidatos e ingressos em cursos seletivos na universidade, e como se apropriam do capital cultural midiático no processo de ingresso à universidade. Logo, a presente pesquisa tem como objetivo analisar os traços de convergências e dissonâncias entre o perfil das famílias e dos estudantes candidatos às cotas sociais a cursos de alta seletividade social da universidade e, também, dos aprovados, estabelecendo compreensão crítica entre os discursos e a conexão com condições de apropriação do capital cultural midiático nas práticas formais de estudo. Para tanto, a pesquisa se fundamentou nos escritos de Bourdieu (2013, 2007, 2001, 1985) e de Setton (2005), no intuito de explicitar a confluência e novas formas com as quais o conceito de capital cultural se manifesta. O estudo buscou respaldo metodológico na análise de discurso francesa proposta por Pêcheux (1997) e na triangulação de dados abordada por Triviños (1984). Um dos dados que se sobressaiu na análise relaciona-se às divergências entre o perfil dos estudantes cotistas e candidatos de escola pública, em que estudantes cotistas apresentam maior similaridade com o perfil de estudantes aprovados em cursos seletivos na UnB (CESAR, 2017), a maioria são homens que participaram de cursinhos preparatórios e com mães com formação em nível superior. Em relação às práticas de estudos e apropriação do capital cultural midiático, estudantes cotistas recorrem às mídias sociais e ferramentas pedagógicas para ampliar seu conhecimento, por meio de uma rede de apoio colaborativa (familiares, amigos), em contrapartida, jovens candidatos apresentam baixo contato com capital tecnológico (ALVARADO; MARTINELL; MÉNDEZ, 2014) em seu estado objetivado, devido ao fator econômico não favorecer aquisição de meios (acesso à Internet e TIC).

Palavras-Chave: Capital Cultural Midiático, TIC, Trajetória escolar, Estudante Cotista, Estratégia-Tática.

ABSTRACT

Passing high social selectivity courses in higher education requires a level of knowledge to take entrance exams. The knowledge appropriation process, in the context of new information technologies, involves contact with different sources of information, such hybridity characterizes the study processes of young candidates and quota holders. Thanks to new information technologies, legitimate sources of knowledge and non-legitimate sources are mixed, and contribute to potentialize study tactics for young people from the popular classes (SETTON, 2005). Still a Brazilian reality, greater access to ICT still predominates in families with higher education and income (PDAD, 2018), thus questioning how is the practice of studying public school students, candidates and admissions to selective courses at the university, and how they appropriate the media cultural capital in the university admission process. Therefore, this research aims to analyze the traces of convergences and dissonances between the profile of families and students applying for social quotas to courses of high social selectivity at the university and also those approved, establishing critical understanding between the discourses and also associating the conditions of appropriation of media cultural capital in formal study practices. Therefore, the research will be based on the writings of Bourdieu (2013, 2007, 2001, 1985) and Setton (2005), in order to explain the confluence and new forms in which the concept of cultural capital manifests itself. The study seeks methodological support in French discourse analysis, proposed by Pêcheux (1997) and in data triangulation, addressed by Triviños (1984). One of the data that stood out in the analysis is related to the divergences between the profile of quota students and public school candidates, in which quota students are more similar to the profile of students approved in selective courses at UnB (CESAR, 2017), a Most are men, who attended preparatory courses and with mothers with higher education. Regarding the practices of studies and appropriation of media cultural capital, quota students use social media and pedagogical tools to expand their knowledge, through a collaborative support network (family, friends), on the other hand, young candidates have low contact with technological capital (ALVARADO; MARTINELL; MÉNDEZ, 2014) in its targeted state, because the economic factor does not favor the acquisition of means (access to the internet and ICT).

Keywords: Media Cultural Capital, ICT, School trajectory, Quota Student, Tactical Strategy.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AD	Análise do Discurso
CODEPLAN	Companhia de Planejamento do Distrito Federal
DF	Distrito Federal
DAC	Decanato de Assuntos Comunitários
FI	Formação ideológica
FD	Formação Discursiva
GDF	Governo do Distrito Federal
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IES	Instituição de Ensino Superior
MEC	Ministério da Educação
PAS	Programa de Avaliação Seriada
PDAD	Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
TIC	Tecnologias da Informação e Comunicação
UnB	Universidade de Brasília

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Artigos selecionados e palavras-chave (2012 a 2020)	15
Quadro 2 - Dados do perfil dos pais dos estudantes candidatos a cursos seletivos (2018 e 2020).....	63
Quadro 3 - Perfil dos pais dos universitários ingressos em cursos seletivos (2017 e 2020)	64
Quadro 4 - Perfil dos estudantes candidatos e cotistas (2017, 2018 e 2020)	70
Quadro 5 - Origem escolar dos estudantes candidatos e ingressos a cursos de alta seletividade	75
Quadro 6 - Tática e prática de estudo dos cotistas	90
Quadro 7 - Função Da Mídia Social Para Os Cotistas	96

LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS

Figura 1 - Post Instagram “UnB Paquera”	49
Figura 2 - Regiões administrativas do Distrito Federal.....	50
Figura 3 - Triangulação de dados da pesquisa.....	62
Gráfico 1 - Candidatos e quantidade de livros lidos no prazo de 6 meses.	86
Gráfico 2 - Cotistas e quantidade de livros lidos no prazo de 6 meses	88
Gráfico 3 - Mídias sociais mais utilizadas pelos cotistas	96

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	REVISÃO DE LITERATURA.....	15
3	REFERENCIAL TEÓRICO E CONTEXTO DAS TICS NO CENÁRIO BRASILEIRO E DO DISTRITO FEDERAL.....	27
4	METODOLOGIA.....	46
4.1	PROCEDIMENTOS DE PESQUISA: ANÁLISE DO DISCURSO	46
4.2	COLETA DOS DADOS.....	47
4.2.1	Contexto da pesquisa – pandemia.....	48
4.3	SUJEITOS DA PESQUISA E INSTRUMENTOS PARA A COLETA DOS DADOS: ENTREVISTA E QUESTIONÁRIO	50
4.3.1	Condensação de dados (2017, 2018, 2020).....	50
4.4	OS COTISTAS	54
5	UNIDADES DE ANÁLISE E ANÁLISE DE DADOS	62
5.1	CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL DOS ESTUDANTES E DAS SUAS FAMÍLIAS: DISSONÂNCIAS E CONVERGÊNCIAS.....	63
5.2	INFLUÊNCIA DOS PAIS NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO.....	72
5.3	TRAJETÓRIA ESCOLAR.....	75
5.4	LUGAR E PRÁTICAS DE LEITURA E ESTUDO NA RELAÇÃO CAPITAL CULTURAL MIDIÁTICO E ESCOLA.....	79
5.4.1	Dificuldades “Tá bom assim, não penso não”	79
5.4.2	Tempo livre e descanso.....	84
5.4.3	Táticas, local de estudo e dificuldades	89
5.4.4	Capital Cultural e Capital Cultural Midiático	104
6	CONCLUSÃO.....	114
	REFERÊNCIAS	119
	APÊNDICES.....	127
	APÊNDICE I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	127
	APÊNDICE II – ROTEIRO DE ENTREVISTA	129

1 INTRODUÇÃO

O conceito de capital cultural abordado por Bourdieu (2007) se configura como elemento distintivo à medida que delega vantagens para quem o detém. As condições de aquisição material contribuem para o processo de apropriação das disposições culturais, logo, indivíduos com maior poder aquisitivo, acesso e disposição de apropriação aos bens culturais logram melhores oportunidades no jogo social, por vezes, conquistas reconhecidas totalmente pelo mérito individual.

A ideologia do “dom” propagada majoritariamente pelas instituições de ensino afirma que a conquista de aptidões é fruto de trabalho e dons (BOURDIEU, 2007), desconsiderando um conjunto de condicionantes que colaboram para a desigualdade de rendimento escolar dos indivíduos, em particular oriundos das classes populares (BROCCO; ZAGO, 2014). Segundo Bourdieu (2013), tal instituição socializadora colabora para a reprodução do discurso dominante utilizando-se de mecanismos de eliminação como a ideologia do “dom”. Nesse bojo, casos excepcionais de sucesso escolar entre indivíduos de classes populares dão autenticidade à essa ideologia como plausibilidade à escola justa, o que de fato não ocorre.

Tal ideologia, fruto do discurso meritocrático, contribui para reproduzir e disseminar um discurso elitizado, que imputa e deixa às margens aquele que não conquista boas notas ou não se enquadra no perfil de bom aluno. O acesso à educação superior, historicamente frequentada por uma elite, está sofrendo alterações no perfil do seu alunado graças às ações afirmativas, a exemplo da Política de Cotas. Nesse sentido, a Lei 12.711/2012 vem abrindo portas para o acesso ao ensino superior, priorizando reserva de vagas a partir de critérios étnicos, raciais e sociais de seleção. No entanto, sabe-se que os cursos de alta seletividade, como Medicina, Direito, Psicologia, Nutrição e Engenharia Civil, ainda estão longe de alcançar a taxa de 50% da reserva de vagas para os estudantes cotistas, tornando-se dos cursos (QUAL CURSO?) com maiores índices de estudantes ricos, brancos e oriundos da rede particular de ensino (RISTOFF, 2014).

O sucesso escolar de estudantes oriundos da rede pública, por vezes, é destacado nas manchetes da mídia, outra instância socializadora (SETTON, 2005), que enaltece a conquista, o empenho e o trabalho próprio dos estudantes. A trajetória de lutas não só pelo ingresso, mas também pela permanência¹ universitária é silenciada e não problematizada nos noticiários, propagando, assim, um conteúdo no qual “[...] impera a naturalização das práticas e uma visão meritocrática do mundo social” (SOUZA *et al.*, 2013, p. 8). Em contrapartida, autores apontam

¹ A discussão sobre a permanência não é o foco do estudo, embora citado no texto.

elementos condicionantes para a permanência do estudante de classes populares na educação superior, como o investimento financeiro, o apoio dos familiares e a automotivação (BROCCO; ZAGO, 2014). Além disso, destacam que não é suficiente apenas a oferta do ingresso, mas também de meios para fomentar a permanência, o que torna necessário a adoção de políticas de permanência e inclusão social para os estudantes das classes populares.

Diante desse cenário, o foco do presente estudo volta-se em compreender outros elementos que contribuem para o ingresso de estudantes candidatos e cotistas em cursos de alta seletividade, refletindo sobre a apropriação do “capital cultural midiático” (SETTON, 2005, p.96) e do capital cultural (BOURDIEU, 2007) por tais estudantes no processo de aprendizagem, bem como, saber que tipo de TIC são acessíveis para esse público e quais táticas² de estudo traçam através das TIC para ingressar na universidade. É sabido que a desigualdade social e educacional não é dissolvida com o uso das tecnologias, ela só mascara condições de acesso à tecnologia (PISCHETOLA, 2016).

A proposta diferencial da presente pesquisa está em compreender criticamente como estudantes oriundos da rede pública, candidatos e ingressos em cursos concorridos na universidade, se apropriam do capital cultural midiático nos processos de estudos. Para tanto, o objetivo geral é analisar os traços de convergências e dissonâncias entre o perfil das famílias e dos estudantes candidatos às cotas sociais a cursos de alta seletividade social da universidade e também dos aprovados, estabelecendo compreensão crítica entre os discursos e a conexão com condições de apropriação do capital cultural midiático nas práticas formais de estudo. Com base em Lira (2017, a respeito dos cursos mais seletivos do PAS/UnB (1996 a 2017)), optou-se por selecionar estudantes ingressos ou possíveis candidatos aos cinco cursos mais seletivos do PAS/UnB (1996 a 2017): Medicina, Direito, Psicologia, Nutrição e Engenharia Civil.

A escolha pelo tema surgiu na graduação, durante a elaboração do trabalho de conclusão de curso que investigou sobre o ingresso de estudantes oriundos de escola pública em cursos seletivos na UnB por meio do PAS. Através do levantamento de reportagens sobre o tema em um jornal de grande circulação no Distrito Federal, pôde-se constatar que no universo de 56 estudantes citados, apenas 6 estudaram na rede pública de ensino, logo, a presença de estudantes oriundos de escolas particulares nas notícias prevalece significativamente em comparação ao número de estudantes de escola pública (LIRA, 2017). Destarte, as notícias com esse teor acabam por colaborar para a naturalização da imagem do estudante aprovado em cursos

² No texto da dissertação também haverá referência ao termo “estratégia”, mas a centralidade da pesquisa está na “tática” em função de ser algo concreto, imediato, como abordado na obra de Certeau (1998) e Martin-Barbero (1997), o que será explicitado em outro capítulo.

seletivos, além de não problematizarem questões relacionadas à desigualdade social e educacional (LIRA, 2017).

Em consequência desse trabalho, inquietações sobre o processo de ingresso e permanência dos estudantes cotistas emergiram, além de aspectos referentes ao uso do conteúdo midiático e o processo de apropriação do capital cultural midiático (SETTON, 2001; 2005) por esse público em um contexto de desigualdade social (BOURDIEU, 2007). Da mesma forma, o tema também faz parte dos debates realizados no grupo de pesquisa que tem como eixo a educação, os sujeitos sociais e o capital informacional. No que tange ao ingresso ao ensino superior, inquire-se como o estudante oriundo da rede pública utiliza o conteúdo difundido pelas TIC no seu processo de estudo. Tal alternativa pode demonstrar diversificação na prática educativa quanto ao meio de acesso à informação, revelando que há alternativas de fontes de informação, dando margem às fontes não legítimas de conhecimento (SETTON, 2005).

O acesso à informação se diversificou com o advento da Internet, tornando-se um elemento distintivo para aqueles que o possuem e reforçando as desigualdades sociais (PISCHETOLA, 2016). Os estudantes da rede pública de ensino que anseiam conquistar uma vaga em cursos seletivos na educação superior precisam se desdobrar para estudar o conteúdo solicitado no edital, que vai além do conteúdo ofertado na escola. Desse modo, tais estudantes precisam recorrer às plataformas disponíveis na Internet como tática de estudo com o uso de “ferramentas pedagógicas” (SAMPAIO, 2019, p. 129) para acessar um conhecimento informal que lhes possa ser útil na luta pelo ingresso na instituição superior.

Dessa forma, os objetivos específicos a serem alcançados na presente pesquisa são três, que se desdobram em: verificar se há consonâncias e dissonâncias nas características das famílias, bem como, entre o perfil dos estudantes candidatos às cotas sociais em cursos de alta seletividade social e dos estudantes aprovados; identificar o lugar de estudo e práticas de apropriação do capital midiático nas práticas de estudo associadas à escola e no que demonstra resistências às tecnologias no discurso dos estudantes e, analisar como se dá a condição de acesso à universidade pública entre estudantes candidatos e estudantes cotistas aprovados em cursos seletivos, considerando a apropriação de capital cultural midiático nas práticas de estudo.

A metodologia escolhida para ser aplicada na presente pesquisa é a análise do discurso francês de Michel Pêcheux (1997), que busca compreender o sentido que o indivíduo denota ao discurso fruto de uma estrutura social que condicionará a postura do sujeito defronte o mundo social. Para Pêcheux (1997), a análise do discurso trafega entre “[...] três regiões do conhecimento científico” (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 163): o materialismo histórico, a linguística e a teoria do discurso. Nesse sentido, as relações sociais estabelecidas são permeadas

por uma estrutura discursiva que pode ser interpretada a partir da análise das três regiões mencionadas, com o intuito de apresentar as condições de formação do discurso no propósito de interpretá-lo e problematizá-lo. O instrumento de pesquisa selecionado foi a entrevista semiestruturada, que, de acordo com a proposta de Triviños (1987), busca orientar à uma postura atenta do entrevistador com o objetivo de guiar e proporcionar um espaço confortável para que o entrevistado possa contribuir de forma espontânea.

O trabalho está dividido em quatro capítulos. Inicia com a revisão sistemática de literatura, no segundo capítulo discorre-se sobre a apropriação do capital cultural midiático e capital cultural nos segmentos populares, na sequência apresenta-se a metodologia com a proposta de expor uma análise com base na Análise de Discurso dos dados obtidos de questionários e entrevistas realizadas em diferentes anos (2017, 2018, 2020) com estudantes candidatos e cotistas de cursos de alta seletividade social, relacionando e problematizando com o referencial teórico. Vale ressaltar que o levantamento de dados realizado no ano de 2020 ocorreu em um contexto de pandemia, ocasionada pela COVID-19³. No intuito de conter a disseminação do vírus, medidas protetivas e preventivas, como o isolamento social, foram implantadas em diversos países, inclusive o Brasil, afetando diretamente as relações sociais e, no caso deste estudo, no processo de pesquisa e levantamento de dados.

³ Para maiores informações sobre a Pandemia ocasionada pelo novo coronavírus (COVID-19), acessar o site da Organização Pan-Americana da Saúde: <https://www.paho.org/pt/covid19>

2 REVISÃO DE LITERATURA

Com o propósito de estabelecer uma discussão com base em artigos que tematizam sobre os eixos em que a pesquisa se fundamenta - capital cultural midiático, Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) e práticas de estudo e cotas sociais -, pesquisou-se por trabalhos que contemplem o tema no Portal de Periódicos Capes e no Mendeley, bases de dados reconhecidas por disponibilizarem produções científicas de diferentes países e extensa base de artigos. No momento do levantamento dos artigos, optou-se por pesquisar o período de 2012 a 2020, devido a 2012 ser o ano em que a Lei nº 12.711/2012⁴ foi sancionada. Para melhor visualização, o quadro abaixo apresenta o número de artigos selecionados:

Quadro 1 - Artigos selecionados e palavras-chave (2012 a 2020)

PLATAFORMA	TOTAL DE ARTIGOS	PALAVRAS-CHAVE	ARTIGOS SELECIONADOS
MENDELEY	66	“capital cultural midiático” or “cultural media capital” and “educação superior”	1
MENDELEY	23	“capital cultural midiático” or “cultural media capital” and “estudos”	1
MENDELEY	3	“capital cultural midiático” or “cultural media capital” and “ensino médio”	1
MENDELEY	25	“TIC” and “capital cultural” or “cultural capital”	1
CAPES PERIÓDICOS	181	“capital cultural midiático” or “capital mediatico” and “TIC” and “educação superior”	2
CAPES PERIÓDICOS	16	“perfil estudantes” and “educação superior” and “TIC”	1
CAPES PERIÓDICOS	23	“perfil familiar e estudantil” and “cotas” and “ensino superior”	1
CAPES PERIÓDICOS	91	“capital cultural” and “cotas” and “educação superior”	4
Total			12

Fonte: Elaborada pela autora (2021).

No Mendeley, foi localizado um número expressivo de artigos internacionais em língua espanhola, assim, do total de 117 artigos, 7 artigos internacionais foram selecionados. Na base de dados da Capes Periódicos, 311 artigos foram encontrados, sendo que apenas 6 deles foram selecionados, totalizando 12 artigos para compor a revisão de literatura devido à proximidade

⁴ Lei n. 12.711/2012 ou Lei de Cotas, implementa que 50% das vagas dos cursos ofertados em universidades federais ou institutos federais sejam reservados a alunos que cursaram os três anos do ensino médio em escola da rede pública, independente da modalidade de ensino (EJA ou curso regular). Para tanto, as vagas são distribuídas de acordo com pré-requisitos, os quais são: 1. Estudantes da rede pública de ensino com renda familiar bruta igual ou inferior a um salário-mínimo e meio per capita; 2. Estudantes da rede pública de ensino com renda familiar superior a um salário-mínimo e meio. Cabe também mencionar que a Lei leva em consideração a cor, caso o estudante seja preto, pardo ou indígena (PPP) ele poderá concorrer a uma vaga, sendo estudante PPP e de escola pública. Vale mencionar que os colégios militares são considerados como escolas públicas de ensino médio, de acordo com a LDB (1996).

com o tema, apresentando, no título ou nas palavras-chave, as categorias mencionadas na busca. Logo, a revisão de literatura apoia-se em artigos nacionais e algumas referências internacionais.

Fundamentada no conceito de capital cultural elucidado por Pierre Bourdieu, a pesquisa realizada por Alvarado, Martinell e Méndez (2014) *El capital tecnológico una nueva especie del capital cultural una propuesta para su medición* apresenta um novo gênero de capital cultural diante da cultura universitária e novas tecnologias. Esse novo conceito denominado capital tecnológico, dentro do jogo social, se torna um elemento de distinção e contribui para o prolongamento escolar, concorrendo para o sucesso escolar do indivíduo.

Com o desigual acesso aos dispositivos eletrônicos, as TIC se tornam um fator que aumenta o fosso da desigualdade entre aqueles que possuem o acesso e o conhecimento para utilizar tais dispositivos e aqueles que não possuem tal bagagem e acesso. Discrimina-se, assim, indivíduos, não só por sua origem, mas por suas habilidades e competências frente à cultura digital (ALVARADO; MARTINELL; MÉNDEZ, 2014). Nesse sentido, as disposições internalizadas pelos indivíduos no âmbito familiar (capital incorporado) que podem proporcionar ou não meios materiais, como o acesso a dispositivos eletrônicos (capital objetivado) e o contato ou não com objetos culturais, os quais podem render vantagens escolares e abrirem possibilidades para um possível sucesso escolar, isto é, a obtenção do diploma (capital institucionalizado). Da mesma forma, o capital tecnológico se apresenta em três estados semelhantes aos termos empregados por Bourdieu (2007) ao caracterizar o capital cultural. O capital tecnológico incorporado seria o nível de apropriação, afinidades e socialização com os dispositivos e o conteúdo digital; o capital tecnológico objetivado está associado ao dispositivo eletrônico (objeto) e acesso à Internet (qualidade) e, por último, o capital tecnológico institucionalizado se materializaria em cursos e diplomas legitimando o conhecimento adquirido. Vale ressaltar que o processo de internalização do capital cultural demanda tempo do indivíduo e disposição, pois se trata de um cultivar-se, trabalho individual e singular a cada indivíduo (BOURDIEU, 2007).

O mito da igualdade de oportunidades pregado pela instituição de ensino opera a favor da lógica do capital tecnológico que, segundo Alvarado, Martinell e Méndez (2014, p. 26), se assemelha a “[...] cualquier otra especie de capital, funciona como recurso que se invierte y se ejerce em determinadas relaciones sociales; como cualquier capital, está desigualmente distribuido y su posesión otorga ventaja en la competencia en el campo respectivo”. Significa que o nível de capital cultural e de capital tecnológico concorre para favorecer ou não o êxito escolar. Diante disso, a instituição de ensino deve criar espaços e políticas que oportunizem a incorporação das TIC, se atentando à estrutura, aos níveis e individualidade de cada estudante

no intuito de diminuir as desigualdades de oportunidades acarretadas pela desigualdade social e educacional.

Sobre o uso das TIC na educação, Casillas e Martinell (2017), em *eNotas para una sociología de la incorporación de las TIC a la educación*, pontuam sobre o peso do capital tecnológico nas relações sociais, apresentando dados acerca de uma pesquisa com estudantes e professores da Universidade Veracruzana. Assim, respaldados em conceitos como capital tecnológico e o *habitus digital*, buscam refletir sobre as experiências escolares. O estudo aponta que o sistema de ensino segue valorizando capitais distintivos, como o cultural e tecnológico, contribuindo para o fosso das desigualdades. A universidade pesquisada se localiza no México, país latino assim como Brasil, onde “[...] hay profundas desigualdades entre las naciones y en América Latina profundas desigualdades al interior de los propios países” (CASILLAS; MARTINELL, 2017, p. 3). Com isso, as desigualdades econômicas decorrentes da estrutura social influenciam no acesso aos dispositivos eletrônicos e o nível de capital cultural reflete no grau de apropriação da tecnologia pelos indivíduos.

A cultura digital começa a modificar posturas e espaços de socialização, o acesso à informação e comunicação, assim como práticas, a técnica, o modo de pensar são transformadas devido às novas interações possíveis através da tecnologia. As redes sociais abrem possibilidades para novos modos de leitura, interação, produção, principalmente entre os jovens. No entanto, o acesso ao capital tecnológico solicita um nível socioeconômico que está atrelado à origem social e trajetória de vida dos estudantes. Para Casillas e Martinell (2017), capital tecnológico seria uma capacidade individual de saber fazer e utilizar as TIC, as quais podem se converter em vantagens no jogo social. Outro conceito abordado, o *habitus digital*, está associado ao comportamento do indivíduo diante da cultura digital e à capacidade de manejo tecnológico e virtual, o que demanda também uma postura ética e moral nas ações realizadas virtualmente. O estudo tinha como objetivo identificar o impacto dessa cultura no processo de aprendizagem e detectou que tais recursos estão transformando “[...] todos los niveles educativos” (CASILLAS; MARTINELL, 2017, p. 4) na interação professor e estudante.

Acerca do uso das TIC por jovens vulneráveis, Estefanía, Castilla e Martínez (2016), em *El uso de las TIC en el ocio y la formación de los jóvenes vulnerables*, identificam os diferentes tipos de ócio a partir da cultura digital. Esses ócios são classificados a partir da sua prática, como *ocio digital social*, relativo à busca de informação na rede e redes sociais; *ocio digital móvil*, quando se utiliza do dispositivo móvel, e o *ocio digital lúdico*, que está relacionado ao entretenimento (jogos). Diante desse cenário, questiona-se como os jovens vulneráveis, caracterizados como aqueles que não possuem capacidade de usufruir das

oportunidades devido a sua posição social, se relacionam com as TIC. O artigo baseou-se em um projeto desenvolvido com estudantes de sete universidades espanholas (2012 a 2015), com aplicação de questionário para identificar dados socioeconômicos e características da trajetória escolar e familiar.

Constatou-se que os jovens são de famílias de baixa renda e monoparentais, em que um dos pais não possui vínculo empregatício, e apresentam baixo nível de escolaridade. São jovens que, apesar do baixo rendimento escolar, demonstram satisfação com o uso das TIC, pela possibilidade de acessar conhecimento (60,1%) e pela capacidade de desenvolvimento de habilidades como liderança, “[...] gestión de conflictos / crisis, habilidades comunicativas y habilidades de gestión del tiempo para el trabajo personal y en equipo” (ESTEFANÍA; CASTILLA; MARTÍNEZ, 2016, p. 79) e consideram que as atividades realizadas por meio do *ocio digital* são importantes para as suas vidas (69,4%), contudo, o índice é menor em comparação à taxa de satisfação dos jovens não vulneráveis (83,5%), demonstrando que esses últimos aproveitam mais desse espaço. Os mesmos autores, respaldados em Melendro (2014), ressaltam que há o manejo de conteúdos de baixo nível de complexidade entre jovens vulneráveis.

Ao tratar sobre o perfil dos estudantes brasileiros e condições de acesso à educação superior, Gonçalves e Ramos (2019), em *Sucesso no campo escolar: condicionantes para entrada na universidade no Brasil*, mapearam os condicionantes que favorecem o sucesso escolar e salientaram que em cursos seletivos os candidatos oriundos de classes altas obtêm mais êxito. O estudo analisou dados do questionário socioeconômico aplicado pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) respondido por estudantes candidatos a três cursos diferentes, incluindo Medicina, no Sistema de Seleção Unificada (SISU) em 2010. Também, esse estudo, descreveu o perfil dos candidatos que não zeraram as provas do ENEM e destaca que o capital cultural e o econômico pesam nas possibilidades de ingresso na educação superior. O hábito de leitura se destacou por apresentar divisão entre legítimo e menos legítimo, da mesma forma, o sistema de ensino classifica e valoriza a cultura legítima, o que contribui para a reprodução social, pois, “[...] nossas desigualdades econômicas e sociais passam pelo sistema escolar” (GONÇALVES; RAMOS, 2019, p. 8). A maioria dos estudantes que participaram da amostra é oriunda da rede pública de ensino, são jovens de 18 a 24 anos, cerca de 84,5% deles são provenientes de famílias com renda até cinco salários-mínimos, mães e pais com diploma de graduação chegam a 17,9% e 13,7%, respectivamente, e a maioria não é branca, cerca de 52,9%. Conforme os resultados, os estudantes da classe média possuem aproximadamente 4,1% mais possibilidades de atingir a nota mínima de ingresso na educação superior em comparação

aos estudantes de renda baixa, sendo uma variável de grande abalo. Outro ponto interessante, é que famílias maiores tendem a ter menos chances de obter nota mínima de corte e menos hábitos de leitura de obras legítimas (capital cultural), como livros, jornais e revistas, os quais corroboram para o êxito escolar.

López e Franco (2014), em *TIC y mediaciones culturales en la educación superior: hacia un programa multidimensional*, apresentam a influência das representações simbólicas relacionadas às TIC e às práticas midiáticas adotadas por estudantes da Universidad Santo Tomás do primeiro, sexto e nono semestre do Departamento de Humanidades. A pesquisa busca compreender como a produção de conhecimento, o processo de aprendizagem e momentos de descanso se configuram em torno da cultura digital. Optou-se por realizar grupos focais em vias de compreender as representações simbólicas acerca das TIC relacionadas aos processos de comunicação. O resultado do estudo evidenciou que os processos educativos são mediados por agentes que são capazes de configurá-lo, entre eles estão a família, a universidade, os professores, os meios de comunicação e os estudantes. Na visão dos entrevistados, no meio acadêmico ainda prevalece a visão do professor autoritário e que barra o uso das mídias sociais em sala de aula. No entanto, trechos das falas dos estudantes ressaltam a importância das redes sociais, como o *Facebook* e o *Youtube*, como ferramentas úteis para a aprendizagem, possibilitando o compartilhamento de conhecimento e suporte para estudos. Também ressaltam que as TIC no contexto social e cultural atual concorrem para reforçar critérios de distinção social relacionados ao “[...] consumismo, moda, facilismo, aislamiento y dependencia” (LÓPEZ; FRANCO, 2014, p. 14).

O contato com as TIC solicita um nível de conhecimento dos indivíduos para um uso significativo na universidade. Nesse sentido, as competências tecnológicas e o capital cultural de estudantes de uma universidade pública do México foram alvo da pesquisa realizada por Noriega, Carvajal e García (2017), em *Capital cultural y competencias digitales en estudiantes universitarios*. Competência remete a um saber fazer, capacidade de manejo que envolve condicionantes e conhecimentos técnicos para finalizar uma ação. Segundo Noriega, Carvajal e García (2017, p. 101), competências e TIC “[...] se conciben como aquellas disposiciones que adquieren los individuos a través de múltiples instituciones como por ejemplo: la familia, la escuela y los medios de comunicación”. Nesse sentido, o uso das TIC demanda competências para o melhor desempenho ao navegar em rede, as quais são desenvolvidas através do contato com diferentes instituições. Nesse contexto, Noriega, Carvajal e García (2017) citam Orozco (1997), autor que afirma o poder de distinção da competência no âmbito social. Dessa forma, a pesquisa objetivou compreender como as competências relativas às TIC estão associadas ao

capital cultural do estudante universitário de uma universidade tecnológica pública. O estudo de corte quantitativo descritivo identificou as características da família, a trajetória escolar e a adoção ou não das tecnologias por parte dos estudantes, mencionando desde a interação social até o manejo das TIC nas atividades escolares.

O resultado da pesquisa realizada com 1094 estudantes atesta que a sua maioria possui computador e acesso à Internet, 93.3% e 79.4%, respectivamente, o que significa apropriação tecnológica (material); quanto ao uso rotineiro das TIC, cerca de 42.6% dos estudantes as usam para pesquisar informações básicas e/ou específica e para a solução de problemas relativos ao trabalho, 40.3%. O capital familiar e o escolar foram o ponto de partida para identificar o capital cultural, para isso, dividiu-se os estudantes em grupos (herdeiros, regulares, heróis e risco) a partir do nível dos capitais mencionados. Identificou-se que cerca de 25,8% dos estudantes que apresentam capital escolar alto e capital familiar baixo denominados *héroes*, têm desempenho escolar semelhante ao de estudantes *herderos* ou privilegiados, com capital escolar e familiar alto. Nesse sentido, os herdeiros aproveitam melhor as oportunidades oferecidas pela universidade devido ao seu nível alto de capital cultural e apresentam “[...] *competência de domínio em TIC más altas*” (NORIEGA; CARVAJAL; GARCÍA, 2017, p. 114).

As redes sociais são amplamente utilizadas pelos jovens por meio das quais socializam e estabelecem relações de colaboração. Nessa temática, Rámila e Martinell (2016) abordam, em *Redes sociales en educación superior: transformaciones tecnológicas, de socialización y de colaboración entre estudiantado universitario*, o uso das redes sociais digitais como instrumento para socialização e colaboração entre estudantes de Direito da Universidad Veracruzana com idade entre 17 e 28 anos. O artigo se baseou em dados de questionários aplicados em outros trabalhos, a partir dos quais foi possível identificar a trajetória escolar, capital cultural e rendimento acadêmico, além do nível de apropriação tecnológica. De forma geral, o trabalho investiga o vínculo entre processos didáticos aplicados pelos docentes, TIC e estudantes universitários.

A vida social e profissional foi afetada pelas alterações acarretadas pelas TIC, alterando valores, frequência e motivo do uso da Internet para atividades acadêmicas ou socialização e colaboração. Para compreender essa dinâmica, aplicou-se um questionário a 19 estudantes do último semestre e 14 estudantes calouros do curso de Direito. Entre as respostas, destacaram-se as relativas ao uso das redes sociais, em que 51.52% dos estudantes universitários assinalaram que sempre utilizam esse meio para se socializar e colaborar e frequentemente, 33.33%, dispõem de dispositivos móveis para o acesso, além de usarem o computador para o acesso às redes sociais. Entre as mídias sociais mais utilizadas com fins acadêmicos, o

Facebook sobressaiu, com 41.94% para a opção de uso “sempre”, bem como, para o uso não acadêmico, com cerca de 59.26%. Os respondentes mencionaram o apoio dessa rede social como facilitadora da comunicação com os colegas e com o docente e uso do *inbox* para acessar arquivos. Nesse sentido, as formas de socializar e de se comunicar estão sofrendo mudanças devido as novas formas de percepção de mundo que as TIC possibilitam, afetando também o como aprender, pois mídias digitais estão sendo utilizadas como “[...] soporte medianamente importante del proceso educativo” (RÁMILA; MARTINELL, 2016, p. 107).

Urbina e Peralta (2013), em *Cultura y apropiación social de las TIC's*, realizaram uma aproximação entre TIC's e processos culturais para verificar as novas formas de apropriação das tecnologias e sua influência no capital cultural. Para isso, professores de um programa de especialização e tecnologia analisaram o uso das TIC's por estudantes de um Instituto Tecnológico. Respaldados em Martín-Barbero, Urbina e Peralta (2013), salientam que a apropriação tecnológica perpassa por uma percepção de produtos culturais que resulta em probabilidades de mudanças nas práticas culturais. Nessa dinâmica, os indivíduos necessariamente estão imersos em “[...] códigos y significados de las TIC's siendo capaces de utilizarlas de acuerdo a sus propios intereses y necesidades”. Vale ressaltar que há diferenças entre o uso da TIC's e sua apropriação, sendo que a última solicita um conhecimento prévio que “[...] les permita interiorizar plenamente sus significaciones y sus utilidades” (URBINA; PERALTA, 2013, p. 5). Uma das reflexões realizadas pelo estudo problematiza que a apropriação tecnológica decorre de fatores culturais e que estes influenciam a forma de utilizar e aprender por meio das TIC's, isto é, o inconsciente do indivíduo moldado pelas condições subjetivas e objetivas refletem no processo de aprendizagem, no contato com a Internet, na linguagem virtual, na comunicação estabelecida em rede e, quando direcionados para a aprendizagem tecnológica, podem contar “[...] con la cultura y capacidad sócio-técnica para impulsar dinámicas colectivas de información y/o trabajo” (URBINA; PERALTA, 2013, p. 16), podendo lhes gerar vantagens profissionais.

As novas sociabilidades proporcionadas pelas redes sociais é o foco do artigo *Facebook e novas sociabilidades* escrito por Amante (2014), que investiga novas formas de ser virtualmente para entender o jovem contemporâneo. Para tanto, apresentou uma revisão de literatura acerca dos aspectos diferenciados do uso do Facebook, relacionando-o ao capital social, à manifestação de identidade dos jovens e ao contexto de aprendizagem. Amante (2014) ressalta que os jovens expõem uma autoapresentação de sua identidade no Facebook, utilizando aspectos que melhor representem o seu eu ou aquilo que gostariam de ser, assim, esses jovens moldam sua identidade por meio das relações estabelecidas dentro e fora do mundo virtual.

Sobre aspectos acadêmicos, a rede social mostra-se como meio de integração social dos estudantes onde assuntos acadêmicos são tratados indiretamente (formar grupos, resolver questões sobre trabalhos acadêmicos), como troca de informações relacionadas a assuntos educacionais. Nesse sentido, o *Facebook* aparece na revisão de literatura apresentada no artigo como ferramenta de aprendizagem informal e cultural para o universitário, contribuindo na ampliação do capital social e educacional. As interações estabelecidas no meio virtual são vistas pelos jovens como parte da sua vida, carregadas de sentido e significado, por isso, investigar as interações no meio virtual vai além da ferramenta, abrindo-se espaço para analisar experiências culturais e sociais no meio juvenil.

Cabe ressaltar, também, trabalhos que apresentem a influência das redes sociais digitais na vida de jovens do Ensino Médio para constatar como o processo de aprendizagem de estudantes graduandos e estudantes com ensino médio (concluído ou não) se concretiza diante da cultura digital. Santos e Santos (2014) contribuem nessa discussão com o artigo *As redes sociais digitais e sua influência na sociedade e educação contemporâneas*, no qual abordam a relevância e a presença das redes sociais digitais como fonte de informação e comunicação para estudantes e docentes oriundos da rede pública de ensino do Rio Grande do Norte. O estudo de caráter exploratório fundamenta-se em um levantamento bibliográfico.

Já a pesquisa de campo do citado estudo foi realizada em uma escola pública municipal e teve como público estudantes com idade entre 15 e 31 anos, tendo maior taxa de respondentes a faixa etária dos 21 aos 26 anos (51%). A maioria apresentou grau de escolaridade elevado (87%), em curso ou com ensino superior finalizado, e (13%) cursavam o Ensino Médio. A pesquisa identificou que o contexto contemplava novas formas de socialização em rede que condicionam novos comportamentos, como o publicar e ler virtualmente, sendo que 51% publicavam conteúdos associados às notícias, 31% divulgavam temas relacionados ao entretenimento e apenas 7% publicavam conteúdo acadêmico. As mídias sociais mais utilizadas (frequência) e citadas pelos estudantes foram “[...] *Facebook*, *Twitter*, E-mails em geral, *Tumblr*, *WhatsApp*, *Skype* e *Instagram*, nessa ordem” (SANTOS; SANTOS, 2014, p. 315).

Em relação à leitura, a maioria (69%) afirmou o costume de acompanhar notícias e apenas 8% disseram ter interesse em ler conteúdo acadêmico. Santos e Santos (2014) salientam que as redes sociais digitais cooperam para a formação de opinião, logo, são plataformas que influenciam o pensamento dos indivíduos, os quais afirmaram sofrer tal influência desse meio (95%), por isso a relevância do saber utilizar as TIC.

Compreendemos, para tanto, que não basta a presença de novas tecnologias de informação e comunicação é preciso que as pessoas saibam utilizá-las em suas

relações interpessoais, na produção de informações, na construção de novos conhecimentos e no processo de aprendizagem (SANTOS; SANTOS, 2014, p. 320).

Nesse contexto, a instituição de ensino precisa reconhecer maneiras de aprender proporcionadas pelas novas configurações sociais, nas quais o indivíduo passa a ser produtor de conhecimento nas redes sociais e receptor. Também, que estudantes com nível médio (concluintes ou não do Ensino Médio) encontram nas redes sociais espaço ainda tímido para o acesso e a troca de informações acadêmicas ou educativas.

Outra pesquisa que contribui na discussão acerca das trajetórias de estudantes e cotas foi a realizada por Souza (2012), intitulada *Desempenho dos candidatos no vestibular e o sistema de cotas na UERJ*. O autor explicita quais condicionantes favorecem o desempenho dos estudantes candidatos às cotas, entre eles o nível de escolaridade do pai e a renda da família são fatores que potencializam o sucesso escolar. Com base nos dados do vestibular de 2009 da UERJ, traçou-se os determinantes do desempenho dos estudantes candidatos, no qual o apoio aos estudos por parte da família, o processo de escolha das escolas optando-se por instituições de qualidade, corroboram para melhor desempenho do estudante. Contudo, a maior parte dos prováveis cotistas escolhe concorrer a vagas em cursos menos seletivos ou por profissões de menor prestígio social. As carreiras com maior prestígio social demandam e exigem capital cultural, ou seja, os candidatos que anseiam preencher essas vagas precisam apresentar capital cultural significativo para obter sucesso, acrescido de outros condicionantes.

Infelizmente, o sonho de cursar o ensino superior ainda aparece muito distante da realidade de estudantes de escolas públicas, conforme abordado na pesquisa realizada por Bonaldi (2018), *Entre a “autoeliminação” e o enfrentamento incerto: disposições e dissonâncias frente ao ensino superior público*. Segundo a pesquisa, as disposições e circunstâncias podem se converter em dissonâncias vivenciadas por estudantes do Ensino Médio de uma escola municipal de São Paulo na luta pelo futuro incerto de ingressar no ensino superior. Também ressalta que tais disposições podem estar em desalinho com a demanda de conhecimento e aptidões que exames de ingresso à universidade solicitam, contudo, famílias das classes populares traçam caminhos em busca do prolongamento escolar, para além do ensino básico.

Com base em entrevistas realizadas com 26 estudantes de escola pública, com idade entre 17 e 19 anos matriculados em um cursinho popular⁵, e entrevistas com estudantes que

⁵ Segundo Bonaldi (2018), os cursinhos populares são geralmente lecionados gratuitamente por estudantes graduandos em alguma universidade pública ou por militantes. O curso tem como público estudantes da rede pública de ensino. O curso pode ou não cobrar uma taxa simbólica para o ingresso e permanência, podendo também ofertar vagas sem cobrança.

cursavam Engenharia em uma universidade pública, a pesquisa discorreu sobre as dissonâncias entre ambos. A partir da comparação entre os processos de socialização familiar dos estudantes, constatou-se que jovens dos cursinhos populares, devido ao meio social em que cresceram, apresentam “[...] a incorporação implícita e inconsciente de algo das formas linguísticas correntes no meio social em que esses jovens foram socializados” (BONALDI, 2018, p. 250), ademais, o acesso aos espaços culturais, a frequência a cursos de língua estrangeira e intercâmbios amplamente abordados na trajetória escolar de estudantes do curso de engenharia não eram encontrados no discurso dos estudantes da rede pública. Dessa forma, estudantes do curso de engenharia apresentam bagagem cultural e experiências mais próximas ao mundo acadêmico e tal familiaridade contribui para naturalizar a presença ou expectativas de ingresso no meio acadêmico. No entanto, tal cenário é algo distante para jovens do cursinho popular, o que se converte em desvantagem defronte a concorrência do exame. A pesquisa constatou que apesar das dissonâncias de socialização e nível de capital cultural dos jovens dos cursinhos populares defronte à demanda dos exames de ingresso no mundo acadêmico, os “[...] modelos impulsionadores de trajetórias educacionais” (BONALDI, 2018, p. 251) agem como meios de fomento para o acesso ao curso superior, sendo eles:

A) a incorporação de disposições linguísticas qualitativamente diferenciais entre classes sociais; B) a forma como se organiza o convívio entre pais e filhos, com especial atenção para práticas e gostos culturais, bem como para as experiências de fruição do tempo livre que tais formas de convívio possibilitam e, por fim, C) a estruturação ou não do cotidiano das crianças e jovens por meio de cursos ou de formações extraescolares (BONALDI, 2018, p. 258).

Bonaldi (2018), ao relacionar pontos impulsionadores de trajetórias educacionais, respaldou-se em Lareau (2003), que investigou famílias da classe média e pobres nos Estados Unidos e apontou tendências de socialização familiar vivenciados por essas famílias. Vale ressaltar que a ausência de “capital informacional”, ou seja, a falta de informação sobre os processos seletivos de ingresso ao ensino superior por estudantes do cursinho popular era recorrente, e que eles buscavam se informar através de colegas ou familiares próximos ou até mesmo pelo professor.

Fator de grande relevância para o ingresso no ensino superior, a política de cotas é abordada em *Destinos, escolhas e ensino superior*, por Barbosa (2015), como ação afirmativa que vai contra a estrutura desigual da sociedade. A pesquisa contribui para a discussão sobre as políticas de cotas raciais e sociais, bem como, outros programas de ingresso à educação superior, como Reuni e ProUni. Em vias de colaborar para a discussão da atual pesquisa, optou-se por apresentar a parte que discorre sobre possibilidades de prolongamento escolar por meio

da política de cotas, a qual também reserva vagas a estudantes oriundos de escola pública. O artigo se fundamentou em estudos realizados por pesquisadores do LAPES/UFRJ/CNPQ e nos escritos de Dubet.

Com a expansão do sistema de ensino superior desde o ano 2000, o debate acerca da democratização passou a ser frequente no meio acadêmico, assim, organizar e elaborar programas e políticas para o acesso a essa etapa de ensino passou ser o foco. Isso desencadeou a adoção de políticas de ação afirmativa em diferentes instituições de ensino superior, a exemplo da Universidade de Brasília, que foi uma das pioneiras a adotar o sistema de cotas raciais (AQUINO *et al.*, 2017) com o intuito de amenizar as desigualdades de acesso ao ensino superior, entretanto, questões estruturais não contribuem para o prolongamento escolar de determinados indivíduos. Um dos fatores que mais impactam no rendimento escolar, influenciando os destinos escolares, é a origem social, logo, as políticas públicas e os programas institucionais de permanência podem corroborar para o prolongamento e permanência na universidade. Barbosa (2015) pontua que em casos de prolongamento escolar de indivíduos desfavorecidos socialmente e negros não convém generalizar e tratar como sucesso escolar, pois o destino social pesa nas oportunidades, podendo suprimir escolhas já realizadas.

Além das dificuldades de ingresso, a permanência universitária aparece como um percurso complexo e árduo para jovens das classes populares, principalmente quando se deparam com a solicitação de um conhecimento com o qual não tiveram contato outrora, pois a bagagem cultural e a trajetória escolar influenciam no acesso e permanência universitária, segundo as pesquisas nas quais Barbosa (2015) se fundamenta. Contudo, os programas de manutenção e permanência universitária ofertados pelas Instituições de Ensino Superior (IES) podem promover e aumentar as possibilidades de sucesso escolar para estudantes de classes populares. Destarte, as políticas de acesso ao ensino superior são de extrema importância para o ingresso de indivíduos social e historicamente excluídos, que buscam não se tornarem mais um destino determinado pelo ambiente social, lutando, portanto, por oportunidades e escolhas que possibilitem a concretização de projetos diante de um contexto de dificuldades decorrentes do espaço social e econômico onde estão inseridos.

Cruz, Reis e Soares (2020)⁶, em sua pesquisa sobre *o uso das redes sociais no espaço acadêmico*, registraram que os recursos tecnológicos proporcionam uma profícua troca de informação acadêmica. A pesquisa teve como universo o total de 69 estudantes veteranos do

⁶ A pesquisa de Cruz, Reis e Soares (2020) foi elencada na fase de atualização de revisão de literatura, portanto, no levantamento de novos dados da pesquisa. Por essa razão, não aparece no quadro inicial do presente capítulo, que descreve o número de artigos pesquisados no Mendeley e Capes Periódicos.

curso de Direito que responderam um questionário. Pode-se constatar que as redes sociais proporcionam um sentimento de bem-estar entre os jovens e atuam com foco em facilitar o acesso à informação, colaborando para a troca entre pares para que, assim, o jovem possa construir e ampliar o próprio conhecimento. Os dados da pesquisa apontam que a maioria dos respondentes julga que as redes sociais são espaços para estabelecer comunicação e trocar informações, gerando, assim, benefícios. Entre os principais benefícios estão, a possibilidade de se comunicar e trocar informação com o outro (65,2%), relações pessoais (47,8%), entretenimento (52,2%), pesquisas gerais (42%) e atividades acadêmicas (34,8%). Verifica-se que o uso das redes sociais ainda não é muito expressivo quando o foco são as atividades acadêmicas. Mas não deixa de ser um espaço a que estudantes recorrem para estabelecer uma aprendizagem colaborativa, troca de informações, textos, PDFs.

Debruçando-se em artigos nacionais e internacionais, o presente capítulo discorreu sobre a influência das TIC no processo de socialização de jovens, bem como, o uso desses dispositivos no processo de ensino e aprendizagem. Para isso, conceitos como capital tecnológico, cultura digital e apropriação tecnológica foram introduzidos em vias de tratar também das trajetórias de jovens das camadas populares. O perfil dos familiares e dos estudantes de classes populares apontados em alguns artigos nacionais (BONALDI, 2018; BARBOSA, 2015; SANTOS; SANTOS, 2014) sinalizam para famílias de baixa renda com baixo nível de capital cultural, e alto índice de pais que não concluíram o ensino básico, famílias de jovens que pleiteiam ou ingressaram na universidade.

3 REFERENCIAL TEÓRICO E CONTEXTO DAS TICS NO CENÁRIO BRASILEIRO E DO DISTRITO FEDERAL

Santaella (2004), fundamentada na semiótica de Peirce, explica que há uma diferença entre mediação e meio, em que o signo transmitido por um meio de comunicação precisar ser “corporificado” (SANTAELLA, 2004, p. 203), ou seja, precisa estar materializado em um meio para que seja possível sua mediação, sendo tal processo muito complexo. Os meios de comunicação ou “veículos de massa” (SANTAELLA, 2004, p. 203), como jornal, televisão e rádio, não conseguem realizar as atribuições da mediação, as quais se concretizam através do trânsito de signos que partem desse meio.

De acordo com Pierce, mediação carrega o mesmo sentido que signo. Santaella (2004), em seus escritos fundamenta-se em Pierce, o qual enfatiza que as relações são permeadas por signos, tudo é signo, sendo que a mediação parte do subjetivo, da percepção dos signos visual, ou híbridos, gerando assim, pensamento-signo. Martín-Barbero (1997) conota a mediação “a mutação da materialidade técnica em potencialidade socialmente comunicativa”, sem esvaziar o sentido dos meios de comunicação, mas a mediação vai além de ser mero meio, sua dinâmica envolve a influência do meio social que molda sentidos, gerando assim diferentes usos, um processo ativo de apropriação, em diferentes temporalidades e espaços sociais: “O campo daquilo que denominamos mediações é constituído pelos dispositivos através dos quais a hegemonia transforma por dentro o sentido do trabalho e da vida da comunidade” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 262).

Segundo Santaella (2004, p. 56), os processos de recepção “[...] são complexos e criativos, envolvendo necessariamente reinterpretações e ações de resistências ativa. Há mediações culturais na construção do sentido que produzem leituras diferenciadas de uma mesma mensagem, de acordo com o grupo social do destinatário”. Defronte de pesquisas de recepção realizadas a partir do século 80, a mesma autora salienta que o espaço social exerce influência sobre os esquemas de percepção e juízo numa perspectiva bourdieusiana, possibilitando diversas formas de interpretação da mesma mensagem. Também Setton (2005, 2004) revelou que o uso de meios de comunicação colabora no processo de ampliação do capital cultural de indivíduos das classes populares, extraindo daí que diferentes tipos de informações propagadas pelas mídias sociais e veículos de comunicação possibilitam um aproveitamento desse conteúdo como fonte de informação para estudos, não apenas entretenimento.

A partir dessa nova relação estabelecida entre o conteúdo difundido pela mídia e o indivíduo, cabe refletir sobre o proveito dessa informação para a ampliação do capital cultural

e do capital cultural midiático. Antes, se torna necessário elucidar alguns conceitos empregados na teoria bourdieusiana, os quais influenciaram na construção de outros conceitos presentes nas pesquisas elaboradas por Setton (2004, 2005).

Bourdieu (2013), em suas obras, investiga sobre a vivência social partindo da análise das relações de forças estabelecidas no meio social e boa parte de suas pesquisas se debruçaram em problematizar as desigualdades escolares, associando-as à desigualdade social. Suas obras têm como intuito cooperar na construção da teoria cultural e ideológica. Para isso, seus estudos acerca do sistema de ensino fundamentaram-se na análise da instituição francesa de ensino a partir da década de 1960. O autor salienta com senso agudo sobre o poder dessa instituição na “[...] reprodução da estrutura da distribuição do capital cultural entre as classes” (BOURDIEU, 2013, p. 295). Em outras palavras, significa dizer que o sistema de ensino coopera para reprodução de estruturas de relações que favorecem a manutenção das classes dominantes. No campo das relações de classe, Bourdieu (2013) vislumbra os sistemas simbólicos como *estruturas estruturadas*, em que as categorias daí oriundas são resultantes de um processo histórico ou criadas no intuito de fundamentar e defender ações um tanto diversas e desiguais.

Para Bourdieu (2007), a afiliação a algum grupo ou/e as relações estabelecidas entre grupos são mediadas por redes duráveis de “ligações permanentes e úteis” (BOURDIEU, 2007, p.67), fator de relevância na formação do capital social. O capital econômico e o capital cultural são capitais que corroboram para o nível de capital social, não são autônomos um do outro, havendo troca entre eles, por vezes colaborando para avolumar determinado capital. Nesse sentido, a rede de contatos tecida pelo indivíduo pode influir na dimensão e no efeito dos outros capitais, como o cultural, o simbólico ou o econômico. As redes de ligações estabelecidas no grupo podem gerar lucros materiais ou simbólicos.

Assim como o capital social oportuniza o aumento do ganho econômico, simbólico e determina relações sociais, o capital cultural ou herança cultural contribui para a vivência escolar que pode se converter em possível sucesso escolar. Tal cenário colabora para a desigualdade escolar, pois, conforme Bourdieu (2007, p. 43), “[...] diferenças sutis ligadas às antigüidades do acesso à cultura continuam a separar indivíduos aparentemente iguais quanto ao êxito social e mesmo ao êxito escolar”. Essa aparência de igualdade camufla diferenças brutais na trajetória escolar, em que se delega privilégios aos indivíduos oriundos das classes dominantes ou que compartilham da cultura dominante e relega-se os excluídos. Isso significa que as esperanças de vida escolar dependem de fatores aquém da força de vontade do estudante, dentre eles, os de ordem social, demográfica, cultural e econômica (SETTON, 2005). Pensando em um sistema de ensino constituído por estudantes tão diversos, oriundos de configurações

familiares heterogêneas, diferentes condicionantes interferem diretamente nas possibilidades de sucesso escolar.

Os reflexos da educação formal não se estancam na sua ação funcionalista, ou seja, eles colaboram para reproduzir a estrutura social de acordo com a lógica econômica. Nesse processo, o capital cultural que influencia no desempenho escolar se torna algo valioso e distintivo (BOURDIEU, 2007). Sob essa perspectiva, o rendimento escolar dependerá do investimento econômico, social e cultural previamente transferido das famílias aos herdeiros. Assim, o sistema de ensino reflete um modelo classificatório adotado pela própria sociedade, seguindo um “princípio divisório” na lógica das relações entre as classes dominantes e dominadas. Tal sistema classificatório, com aparência comunitária, transfere um sistema de sentido às ações.

Bourdieu (2013, p. 297) interpreta que sem condições preexistentes, ou melhor, sem o “código que permite decifrá-los”, o processo de aquisição/decifração dos bens culturais e simbólicos se torna mais difícil, assim como dificulta a aquisição da cultura por parte do indivíduo. Essa internalização de precondições tem início na família, conforme pontuado por Bourdieu (2013, p. 308), “[...] através da aprendizagem imperceptível imposta pela educação familiar como modo de aquisição dos instrumentos de apropriação da cultura dominante cujo monopólio encontra-se em mãos das classes dominantes”. Dessa forma, as condições para a recepção da cultura escolar têm início no seio familiar, onde se instrui o como se portar, como aprender, “isto é, além do saber e do saber fazer, as maneiras de ser, dizer e fazer” (BOURDIEU, 2013, p. 308), e isso, ao ser internalizado pelo estudante, pode lhe gerar vantagens e êxito escolar. Vale ressaltar que a transmissão desse código da família para o herdeiro precisa se assentar na cultura erudita ou ter certa proximidade a ela. Nessa lógica, o sistema de ensino busca valorizar aqueles que apresentem características de bom aluno, com proximidade com o mundo da arte, com práticas e consumos culturais de caráter distinto (distinção social), como frequência a teatros, museus, concertos, leitura de obras associadas à cultura legítima.

Se apropriar de algo, de algum conteúdo solicita um esvaziar-se de outro conteúdo. Tal dinâmica toca em escolhas, preferências e especialmente na moral, dando-se preferência a determinado conteúdo em detrimento de outro, isto é, a lógica de seleção parte também do espaço social e relações sociais que o indivíduo estabelece. Martín-Barbero (1997) salienta que a apropriação se manifesta por meio de seus usos, a cultura hegemônica é constituída “(...) de apropriação do sentido pelo poder, de sedução e de cumplicidade” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 104), assim, tem-se a apropriação de determinado conteúdo confluyente com aquilo que

a cultura hegemônica solicita. Nesse sentido, se apropriar de algo, muitas vezes passa por uma avaliação do que é significativo, importante, considerando as condições materiais de vida. Recaindo na questão dos usos, da arte de fazer e refazer a partir da cultura hegemônica, o uso tático das estratégias, esse modo de usar se manifesta em um processo de apropriação, melhor, em “usos como operadores de apropriação” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 114).

A dinâmica de aquisição do capital cultural se apresenta por fases, que são definidas em três conceitos. Os três estados em que o capital cultural pode se manifestar são: o incorporado, objetivado e o institucionalizado. O primeiro estado, o incorporado, demanda tempo do indivíduo, pois se trata de um trabalho pessoal que envolve um processo de incorporação ou “inculcação” do capital cultural e está associado ao corpo, o que demanda tempo e dedicação do indivíduo. Por isso Bourdieu (2007, p. 75) pontua sobre ser um “trabalho do sujeito” em “cultivar-se”, enfatizando que o trabalho de incorporação depende do tempo e investimento pessoal do próprio sujeito para que resulte em “[...] uma propriedade que se fez corpo, e tornou-se parte integrante da ‘pessoa’, um *habitus*”.

O segundo estado, o objetivado, seria a objetificação do capital cultural incorporado, podendo se apresentar no formato material como escritos, telas, esculturas, entre outros. Para se apropriar desse tipo de capital, se torna necessário adquirir previamente o capital incorporado, isto é, instrumentos e meios para apropriação de determinados bens culturais ou simbólicos, e esse capital pode ser transmitido em sua materialidade. O diploma acadêmico é uma das formas pelas quais o último estado, o institucionalizado, se apresenta. Símbolo de valor reconhecido na sociedade, o diploma confere valor ao indivíduo que o detém, podendo gerar vantagens materiais ou simbólicas no jogo social, dependendo de outros fatores para tal fim (BOURDIEU, 2007).

Dessa forma, o capital cultural, requisito necessário para lograr sucesso escolar, parte de uma valorização da cultura dominante ou de elite que, segundo Setton (2004, p. 70), sempre endossou um caráter “evolucionista e etnocêntrico” que percebe a cultura como algo que proporciona evolução, progresso em relação à ignorância, ao mau gosto, desvalorizando, assim, outras manifestações do saber que vão contra tal perspectiva elitista, tradicional.

As pesquisas realizadas por Setton (2001, 2004, 2005) que versam sobre a educação popular no Brasil no âmbito da cultura de massa, que tematizam sobre as pré-disposições e disposições à cultura informal em segmentos com baixa escolaridade, bem como, a concepção de indústria cultural relatada por Bourdieu, evidenciam que instâncias legítimas de conhecimento, como a escola, não são consideradas apenas como a única fonte de conhecimento, abrindo espaço para outras fontes híbridas de saberes, como aquele conteúdo

repercutido pelas mídias. Nessas pesquisas, Setton objetiva compreender como se dá o processo de aquisição desse conhecimento pelos estudantes das classes populares, visto que cada indivíduo está diante de disposições objetivas diferenciadas decorrentes da sua localização social e que podem refletir nas suas disposições subjetivas.

Com o advento da tecnologia, as práticas tradicionais de educação não instigam mais os estudantes. Diante disso, o estudante passou a reinventar “[...] suas práticas, e a forma como fazem uso delas”, sendo que elas “sofreram profunda alterações” (SETTON, 2004, p. 60), significa dizer que as formas de aprender, como as maneiras de transmitir determinado conhecimento sofreram modificações, refletindo nas práticas educativas dos estudantes. Vinculados com frequência como meio de acesso ao entretenimento ou reprodutor de notícias de teor *omnibus* (BOURDIEU, 2007), os meios de comunicação disseminam informações que, pela lógica abordada por Setton (2004, 2005), podem produzir efeitos além, sem cair no mero papel funcionalista. Os indivíduos que a ela têm acesso, podem usufruir e utilizar desse conteúdo como potencializador para ampliar o repertório cultural por meio do acesso à cultura dita informal.

Tal ação praticada pelos estudantes pode ser classificada como ação tática de acordo com Martín-Barbero (1997). A partir de uma perspectiva histórica e filosófica, esse autor investiga as práticas de comunicação estabelecidas entre mediações e sujeitos, tendo como foco as dinâmicas culturais dos povos latinos. O modo de viver e fazer das camadas populares implicam em táticas que, diferente de estratégias, são definidas por Martín-Barbero (1997, p. 114) como “o modo de operação, de luta”, já a estratégia seria “o cálculo das relações de força”, logo, as táticas são modos de operar pensando as vivências, e o espaço social em que está situado. No contexto da cultura digital, o uso da tecnologia como tática se apresenta como uma válvula de escape para as classes populares que, ao ser reconfigurada, poderá se tornar um meio que potencializará os processos de socialização.

Os meios de comunicação e a tecnologia possibilitam, assim, um novo modo de se relacionar, no entanto, a configuração social e cultural em que o indivíduo está inserido pode influenciar no modo de apropriação das tecnologias. Vale salientar que “As tecnologias não são meras ferramentas transparentes; elas não se deixam usar de qualquer modo: são em última análise a materialização da racionalidade de uma certa cultura e de um ‘modelo global de organização do poder’” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 256), ou seja, a depender da trajetória escolar e familiar do indivíduo, bem como do nível de capital econômico, o uso da tecnologia poderá render-lhe proveitos ou não, já que tal ferramenta é produto de um modelo de sociedade capitalista. A apropriação da tecnologia, assim como o consumo aplicado às práticas rotineiras

envolvem o como usar, que demanda competência culturais e comunicativas que são configuradas pelo *habitus de classe* dos diferentes grupos sociais (MARTÍN-BARBERO, 1997) e esse *habitus* está relacionado ao uso dos dispositivos eletrônicos e à organização da rotina em torno dos meios.

Acerca das apropriações das TIC's, Sorj (2003), ao investigar processos de apropriação da tecnologia por segmentos populares marginalizados no Brasil, identificou que as novas tecnologias são meios que se configuram como requisito de inserção social, mas, na lógica de acesso, os segmentos mais abastados tendem a ter acesso às novas tecnologias primeiramente. Nesse sentido, essas tecnologias aumentam o fosso digital entre pobres e ricos, se tornando um recurso que pode colaborar para o aumento da desigualdade social e exclusão digital.

Sorj (2003) pontua que a exclusão digital envolve cinco fatores, sendo que três deles tocam em um processo de “apropriação ativa” (SORJ, 2003, p. 63) e se desdobram nos seguintes pontos⁷:

- 3) treinamento no uso dos instrumentos do computador e da Internet;
- 4) capacitação intelectual e inserção social do usuário, produto da profissão, do nível educacional e intelectual e de sua rede social, que determina o aproveitamento efetivo da informação e das necessidades de comunicação pela internet;
- 5) a produção e uso de conteúdos específicos adequados às necessidades dos diversos segmentos da população.

Nessa perspectiva, pode-se afirmar que se apropriar ativa e criativamente das novas tecnologias envolve um saber utilizar ferramentas disponíveis na Internet para acessar informações, bem como, interagir com outros usuários (socialização) e produzir conhecimentos que lhe rendam benefícios. No entanto, isso está condicionado ao nível de conhecimento acerca do uso (interação, pesquisa) no ambiente digital, o que toca também em nível de escolarização, que corrobora para a competência intelectual de “[...] selecionar, analisar, compreender e avaliar a informação disponível” (SORJ, 2003, p. 32). Tal prática envolve interações dentro e fora do mundo virtual que podem colaborar para o acesso ao conhecimento e processo de aprendizagem por parte do indivíduo. Ações que por vezes não são contempladas na formação dos indivíduos, que sofrem com a ausência de projetos escolares que fomentem o elaborar, compartilhar e o produzir conteúdo midiático para além do controle do código com o intuito de gerar autonomia e inclusão digital de jovens marginalizados (COSTA, 2007).

⁷ Os dois primeiros fatores que estão associados à exclusão digital seriam: “1) a existência de infra-estruturas físicas de transmissão; 2) a disponibilidade de equipamento/conexão de acesso (computador, modem, linha de acesso) [...]” (SORJ, 2003, p. 63).

Outro estudo que discorre sobre a apropriação tecnológica crítica na prática de docentes⁸ pontua que, apesar da resistência do uso das tecnologias por parte desse público, há, na proposta dos programas da Rede Anísio Teixeira⁹, o uso da tecnologia como “[...] uma linguagem constituída de espaços de comunicações e de relações, um campo de desafios e potencialidades, de oportunidades e ameaças, que podem ser apropriados de diferentes formas nos processos educativos” (WANDERLEY, 2017, p. 140). Ações inovadoras pautadas no uso das tecnologias podem se configurar em um potencial recurso no processo de ensino e aprendizagem, oportunizando o contato e apropriação crítica das novas tecnologias pelos jovens das classes populares, possibilitando uma possível tática contra as dificuldades impostas pela desigualdade social, por meio do uso estratégico que estimule o compartilhamento, a produção e a elaboração de conteúdo por meio das tecnologias educacionais livres.

Na dinâmica de apropriação das tecnologias, o contato com o universo cultural é viável, como acesso aos livros e bens da cultura legítima ou não, oportunizando uma “apropriação simbólica”. Todavia, se faz necessário estar imerso na linguagem predominante do contexto digital, por isso a importância da “apropriação social e cultural daquilo que nos moderniza” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 253). As novas tecnologias são resultado de trabalho tecnológico e científico realizado ao longo da história e que associa novos sentidos às novas tecnologias. Uma dessas acepções associa a figura de um novo meio tecnológico que permite educar os segmentos populares (MARTÍN-BARBERO, 1997).

Nesse jogo de oposições entre culturas, tem-se, de um lado, a cultura dita erudita, valorizada pelo sistema de ensino (BOURDIEU, 2013), e do outro, a cultura informal. Em ambos os contextos, o processo de aquisição cultural ocorre de forma individualizada. A leitura de revistas, jornais ou assistir programas televisivos são “[...] estratégias de adquirir os bens da cultura e do conhecimento e de ter acesso a estes” (SETTON, 2005, p. 80), portanto, diferenciando-se das ações de aquisição do capital cultural enfatizado por Bourdieu (2007), como visita a museus, apreciação de concertos ou eventos culturais (de teor distintivo), exemplos que se contrastam devido à classificação entre bens culturais legitimados pela cultura dominante e práticas culturais de origem não legítima.

⁸ Apesar de o estudo de Wanderley (2017) se referir aos docentes, o conceito de apropriação tecnológica é um referencial a mais na presente dissertação.

⁹ A rede Anísio Teixeira consiste em um programa da rede pública estadual de ensino da Bahia, criado em 2008. É um programa que trabalha com a formação para o uso da tecnologia e construção de mídias da educação, fomentando assim, a pesquisa, produção e difusão de linguagens por meio das TIC. Para maiores informações, acesse: <<http://educadores.educacao.ba.gov.br/noticias/conheca-rede-anisio-teixeira>>.

O que se pretende salientar é que o acesso à informação compartilhada nas mídias sociais a partir das TIC's se torna uma tática para aquisição de conhecimento (SETTON, 2005), ou seja, fontes não legítimas de conhecimento podem oportunizar ampliação do repertório cultural e potencializar o processo de estudo. O estudante que apenas teve como referência o conteúdo ofertado na escola e não, tão pouco vivenciou um ambiente precoce de aprendizado no *ethos* familiar (que valorize a cultura dominante), por necessidade, recorre a outra referência, como a mídia. Nesse cenário, estudantes das classes populares convertem a informação veiculada nas mídias sociais em um “elemento de distinção” devido à possibilidade de transformação da informação em conhecimento, como encontrado nos casos das dez famílias entrevistadas por Setton (2005).

Nesse estudo em particular, Setton (2005) identificou que famílias dos segmentos populares tendem a valorizar a disciplina e a obediência, com características de autoridade paterna ou materna, além de fortes traços de preocupação com o investimento pedagógico para a formação escolar de qualidade dos filhos como meio de possibilidade de ascensão social. Entre as estratégias para manutenção da família, constatou-se a reserva econômica, apesar dos baixos salários. A relação estabelecida no seio familiar era aberta ao diálogo, um espaço afetivo. Colaboram, portanto, para trajetórias de sucesso escolar nesses segmentos e prolongamento dos estudos, as condições psicológicas e materiais estáveis, bem como, a junção de outros fatores.

A cultura midiática, considerada um meio de contato com a cultura não legítima, virou os holofotes para outras fontes de conhecimento de fácil acesso, todavia, o processo de aquisição é particular e diferenciado entre os indivíduos. Significa, também, que sua apropriação requer condições de acesso às informações oriundas de recursos estratégicos, como conteúdo disseminado por “[...] emissões radiofônicas, pela programação da TV, pelas novelas, pelos fascículos, pela produção de programas didáticos, de entrevistas [...]” (SETTON, 2005, p. 87).

Em relação ao conceito de capital cultural abordado por Pierre Bourdieu, Setton (2005) propõem ampliação, incluindo o contexto da cultura digital, que é marcada pela presença de jovens que, em sua maioria, estão se socializando por meio de relações estabelecidas no âmbito virtual. O capital cultural ampliado coloca em destaque o papel da mídia nos vínculos sociais, por isso o termo capital cultural midiático, que se torna “[...] uma forma de recurso, em constante construção, não pertencendo objetivamente ao indivíduo, contudo caracterizando-o e habilitando-o distintivamente em algumas circunstâncias sociais, é possível historicizar e contextualizar sua utilização em diferentes segmentos sociais.” (SETTON, 2005, p. 81).

Por fim, observou-se que a mídia era fortemente acessada e utilizada por dez alunos dos segmentos populares, se tornando uma fonte de informações “[...] com potencial de produzir um novo capital cultural” (SETTON, 2005, p. 95). Observou-se que as configurações familiares valorizavam a cultura legítima, a demanda por boas notas e conduta dócil dos estudantes, bem como, apreciavam e prestigiavam o conhecimento informal e, a partir daí, que seus filhos tinham contato com informações e as utilizavam como meio para ampliar seu repertório cultural, a partir do conteúdo midiático transformado em capital cultural midiático, conhecimento distintivo e importante para atingir o sucesso escolar. Setton (2005) conclui que através do conhecimento difundido por instâncias híbridas (escola, família), como também aquele veiculado pela mídia, aliado às práticas tradicionais de estudo, possibilitou-se aos entrevistados obter sucesso escolar, a exemplo, o ingresso a cursos de alta seletividade em universidades públicas.

Nesse contexto, as condições subjetivas e objetivas resultantes também da trajetória familiar e escolar indicam possibilidades de uso das mídias sociais em prol dos estudos, isto é, dependendo da posição social em que o indivíduo está localizado, o seu modo de aquisição do capital midiático será diferente graças ao meio em que se está inserido. Necessariamente, para internalizar certo conteúdo midiático, se torna imprescindível estar inteirado da linguagem solicitada nesse meio. Tal como o livro didático é um guia na educação formal, e para decifrá-lo se faz preciso a posse da leitura de seus símbolos, similarmente à postura solicitada nas mídias digitais para se navegar e se manifestar, demanda do indivíduo um conhecimento prévio em como acessar e navegar, bem como, da cultura midiática presente (PISCHETOLA, 2016). Diante desse contexto a importância de conhecer a linguagem das mídias, do educar para as mídias com o uso das mídias, se torna latente.

Com o advento da Internet, a nova geração de estudantes está imersa nesse universo da tecnologia e das mídias sociais. Assim, nesse contexto, a interação e socialização recebem novas formas, paredes já não são obstáculos para o contato com a informação, que agora está pulverizada (SETTON, 2005). Para navegar na cultura midiática, se faz necessário ter um certo nível de capital linguístico para que daí se possa extrair benefícios. Conforme Bourdieu (1985), os discursos extraídos desse meio são “[...] unicamente (o lo son sólo excepcionalmente) signos destinados a ser compreendidos, descifrados; son também *signos de riqueza* destinados a ser valorados, apreciados y *signos de autoridade* destinados a ser creídos y obedecidos” (BOURDIEU, 1985, p. 40).

A partir da revisão de literatura apresentada no capítulo anterior, constatou-se que o número de pesquisas que tematizam a apropriação do capital midiático em face de estratégias

de estudos e acesso a cursos elitizados é baixo (AMANTE, 2014; URBINA; PERALTA, 2013; RÁMILA; MARTINELL, 2016; SANTOS; SANTOS, 2014; NORIEGA; CARVAJAL; GARCÍA, 2017; LÓPEZ; FRANCO, 2014; ESTEFANÍA; CASTILLA; MARTÍNEZ, 2016; CASILLAS; MARTINELL, 2017; ALVARADO; MARTINELL; MÉNDEZ, 2014).

No intuito de introduzir tal discussão nesse campo pouco explorado, a presente pesquisa partiu da importância de tratar sobre o tema nesse novo contexto de culturas híbridas (LIMA; VERSUTI, 2018) para problematizar o acesso à universidade e os processos de estudo com o apoio das TIC's no contexto de apropriação do capital cultural midiático. Nesse contexto, hipóteses que afirmam que o capital midiático é apenas um suporte para estudo podem ser ampliadas diante das novas configurações do uso desse capital como linguagem. Trata-se de um novo conceito, no qual o capital cultural midiático (SETTON, 2005) pode se manifestar como uma linguagem, sistema de códigos e símbolos próprios (BOURDIEU, 1985).

Como efeito disso, Setton (2001, p. 28) afirma que: “A tecnologia assume a forma de ideologia, presente em todos os espaços da convivência social, responsável pela crescente submissão dos indivíduos à lógica do mercado [...]”. Já Bourdieu (2013), no pressuposto de seguir a lógica do mercado, isto é, a lógica do lucro (busca de venda e audiência) que está inserida em um contexto competitivo, a indústria cultural acaba perdendo autonomia na elaboração de notícias. Contudo, a forma de aquisição da produção por vezes homogênea da indústria cultural ocorre de forma diferenciada entre os receptores (SETTON, 2001, 2005). Nesse sentido, a produção cultural precisa ser analisada de forma não isolada, pois sua formação abarca outros elementos.

De forma geral, as matérias veiculadas nas mídias buscam por espetacularizar notícias com temas banais para que, assim, “[...] ao enunciarem o discurso do estar a serviço da democratização da informação, ao elegerem os sujeitos como protagonistas de suas produções, os responsáveis pela indústria cultural fazem uso de uma falsificação ideológica” (SETTON, 2001, p. 30). Significa dizer que a indústria cultural segue a lógica do mercado em busca de publicar reportagens que poderão gerar mais lucros e mobilizar um consenso, por vezes padronizado e acrítico.

Nesse cenário, quando matérias tematizam o ingresso de estudantes cotistas em cursos de alta seletividade, o que se vê são notícias que enfatizam os méritos do estudante, elucidando o talento e esforço próprio. Não obstante, Bourdieu (2007, 2013) salienta que a ideologia do dom e o discurso da escola democrática só disfarça um sistema que contribui para perpetuar as desigualdades sociais ao reproduzir um discurso em prol da cultura dominante, excluindo os que não se enquadram no padrão.

Souza (2006) elucida que a sociedade moderna reproduz uma ideologia denominada como “ideologia espontânea”, termo de cunho marxiano. Tal ideologia provoca traiçoeiros efeitos, como o processo de exclusão social e a naturalização da desigualdade periférica.

A ideologia mais bem-sucedida é precisamente aquela que não precisa de palavras e que se mantém a partir do silêncio cúmplice de sistemas autorregulados que produzem, sob a máscara da igualdade formal e da ideologia do talento meritocrático, a “sociodiceia dos próprios privilégios” das classes dominantes (SOUZA, 2016, p. 28).

Os sistemas autorregulados, como o sistema de ensino e as instituições culturais, na sua ação de informar, socializar ou educar colaboram para a perpetuação de uma falsa igualdade, se apoiando, em particular as instituições de ensino, no discurso meritocrático que sustenta o argumento do talento inato do indivíduo, no entanto, “a ideologia do talento meritocrático” (SOUZA, 2006, p. 28) faz parte de outras formas de dominação ideológica.

A ideologia meritocrática privilegia aqueles que dispuseram de tempo, esforço próprio e solicitações externas para investir na ampliação do repertório cultural. Não se compreende que outras práticas podem contribuir na ampliação ou aprofundamento do repertório cultural. Nesse ponto, Souza (2006) ressalta que o capital cultural e o econômico ocupam espaço estruturante na sociedade moderna, já o social, não menos importante, possui peso decisório nas trajetórias de vida, e todos concorrem para a reprodução de uma lógica que valorize acentuadamente a lógica “socioeconômica do conhecimento” (SOUZA, 2006, p. 29), isto é, uma das condições para se obter êxito e sucesso escolar seria um mix de pré-condições alinhadas à cultura dominante, socialmente construídas desde a mais tenra idade no meio familiar.

Oriundos de segmentos populares, com formação escolar na rede pública, filhos de pais por vezes com baixo grau de escolaridade e com ocupação profissional não valorizada, estudantes cotistas ingressos em cursos de alta seletividade seriam a exceção dos outros que não obtiveram sucesso escolar, bem como os estudantes candidatos que concorrem a vagas de cotas na universidade, que precisam se desdobrar no preparo aos exames de ingresso. Os jovens aprovados, retratados como estudantes talentosos e bom filhos nos noticiários das mídias sociais transmitem a imagem de indivíduos que lograram sucesso a partir do trabalho próprio. Contudo, sabe-se que tal justificativa não comporta as desigualdades sociais enfrentadas, não valoriza a política de cotas, bem como, pouco explora acerca das estratégias traçadas para estudar, entre outras questões de cunho econômico e social. Diante desse contexto de divulgação de notícias de baixa criticidade social (BOURDIEU, 2013), inquire-se como indivíduos se localizam

socialmente e constroem o discurso meritocrático, ao passo que o mesmo favorece o individual. Como frisa Souza (2006, p. 29):

[...] boa parte da ideologia meritocrática do individualismo como visão de mundo retira sua plausibilidade precisamente dessa possibilidade do indivíduo se classificar socialmente mediante seu próprio esforço pela incorporação do saber e do conhecimento.

Da mesma forma, a postura dócil dos estudantes das classes dominadas abordada por Bourdieu (2013), também frisada por Souza (2006), possibilita o pensar e problematizar o que é ser jovem periférico em cursos seletivos na universidade, ambiente majoritariamente composto por indivíduos brancos, de famílias abastadas (RISTOFF, 2014). Nesse contexto de tecnologias digitais, compete, também, apresentar dados sobre a exclusão tecnológica, pois estar presente na Internet, nas mídias sociais, significa uma forma de vivência no mundo e sua restrição compele para novas formas de exclusão social, no mundo virtual.

Para contextualizar o cenário do uso das TIC's pela população brasileira, vale destacar dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua (2018) acerca do uso da Tecnologia da Informação e Comunicação – TIC e o acesso à TV, à Internet e do aparelho móvel para uso pessoal, relacionados à renda domiciliar (IBGE, 2018).

No Distrito Federal, cerca de 98,3% das residências possuem televisão, sendo a segunda maior taxa em relação aos outros estados. Tendo como referência a renda per capita dos domicílios particulares e a presença ou não da televisão, observa-se que domicílios com televisão possuem renda per capita mais elevada, em comparação aos domicílios sem televisão, tendo como base a mesma região de moradia. Constata-se, também, que famílias com televisão em casa apresentam rendimento médio per capita de R\$1.844,00 reais ou acima desse valor. De alguma forma, o nível econômico também influencia no acesso e aquisição de bens materiais, como a televisão e acesso à Internet. Dados da PNAD Contínua (2018) salientam que o número de domicílios com microcomputadores (tablets) diminuíram (de 2016 a 2018), uma queda de 31.263 mil para 29.911 mil. Um dos possíveis motivos elencados foi a substituição por aparelhos móveis, como smartphones, já que cumprem funções similares às dos microcomputadores (PNAD, 2018). No mesmo seguimento, o uso do tablet diminuiu nos domicílios brasileiros, caindo de 13,8% (2017) para 12,5% (2018). O Distrito Federal apresentou a taxa mais elevada de domicílios com tablet, cerca de 24,7%. Outro dado interessante, é que em cerca de 80% das residências com tablet havia, também, microcomputador (PNAD, 2018).

Para se adquirir aparelhos eletrônicos, como tablets, microcomputador, smartphones, se torna necessário um nível de capital econômico, como demonstra a PNAD (2018), ao salientar a ausência de microcomputador e tablets em casas de famílias com renda até R\$ 957,00. Em contrapartida, nas residências de famílias com renda per capita de ou acima de R\$ 2.404,00 havia a presença de ao menos um desses equipamentos. Também, a renda aumenta mais nas famílias com ambos os equipamentos, chegando a R\$ 3.798,00. Depreende-se, assim, que o nível de renda familiar per capita domiciliar reflete na condição de existência ou não desses equipamentos nas residências, em que famílias com maior poder aquisitivo apresentam maior presença desses aparelhos e acesso à Internet (PNAD, 2018).

Contudo, o uso do aparelho móvel (smartphones) para acessar à Internet nas residências atingiu o pódio em 2018, no Brasil, com 99,2% de presença nas residências, em sequência está o microcomputador, com 48,1%, seguido da televisão e do tablet com 13,4% (PNAD, 2018). Em relação à renda per capita dos domicílios com presença do microcomputador com acesso à Internet, era em média R\$ 2.569,00, enquanto em domicílios sem acesso à Internet a média era de R\$ 1.025,00. Os índices mais baixos localizavam-se nas regiões Norte e Nordeste. Acerca do acesso à Internet por banda larga, o estudo (PNAD, 2018) apontou que quanto mais elevada a renda per capita domiciliar, melhor o acesso à banda larga fixa. Assim, em domicílios de famílias com renda média per capita de R\$ 982,00, haveria apenas conexão à Internet por banda larga móvel, já nos domicílios com banda larga fixa, a renda seria em média de R\$ 1.321,00, e com ambas as conexões de banda larga, a renda média subiria para R\$ 2.261,00 (PNAD, 2018).

Nesse ponto, observa-se que as TIC's estão sendo utilizadas e aplicadas em diferentes meios, como no ambiente de trabalho comercial ou demais serviços industriais, levando indivíduos de diversos segmentos a ter contato e utilizarem tal aparato (PNAD, 2018, p. 61), até incluindo o seu uso no dia a dia. Assim, os dados PNAD (2018) apresentam que de 2016 a 2018 houve aumento do acesso à Internet nos domicílios brasileiros da população com 10 anos ou mais de idade. No Distrito Federal, a taxa chegou a 90,3%, o maior índice nacional. O acesso à Internet ainda é maior entre o público jovem de 18 a 29 anos de idade e isso pode estar associado à idade escolar. O estudo aponta que a taxa de acesso entre estudantes é mais elevada, 86,6% (2018), em comparação ao índice de acesso entre não estudantes 71,8% (PNAD, 2018). Em relação ao acesso à Internet por estudantes da rede privada, o índice, em 2018, era de 98,2%, em contrapartida, com 16,5 pontos percentuais em 2018 para baixo, os estudantes da rede pública apresentam menos condições de acesso à Internet.

Outro ponto abordado na análise dos resultados do PNAD (2018) relaciona o nível de instrução ao uso da Internet. Nesse sentido, indivíduos oriundos de famílias com maior nível de

instrução tendem a utilizar mais a Internet. Todavia, dados de 2016 a 2018 apresentam um aumento desse acesso por indivíduos dos segmentos de baixa instrução, graças à demanda pelo uso da Internet por diversas atividades (PNAD, 2018). Logo, o trabalho, independente da situação de ocupação, caso solicite a utilização da Internet, pode se apresentar como um condicionante considerável nesse uso, dito como um “facilitador para a ação do trabalhador” (PNAD, 2018, p. 71), como no ambiente escolar ou universitário.

Diante dos dados apresentados pelo PNAD (2018), o uso das TIC's, como o acesso à Internet de qualidade, se apresenta como privilégio presente nos domicílios cujas famílias possuem maior renda e entre famílias com maior nível de instrução. Pressupõe-se, então, que estudantes oriundos de segmentos populares e com pais de baixa instrução, o acesso às TIC's e à Internet de qualidade pode ser dificultoso. A inclusão digital na educação é um tema que vem sendo amplamente estudado e debatido. Pischetola (2016), ao tratar do tema, afirma que o sistema de ensino precisa adotar uma nova postura em relação às TIC's a partir de uma perspectiva que fomente a autonomia dos estudantes através da cultura midiática. O sistema de ensino precisa revisar também o conceito de letramento, pois se torna necessário tratar dos diversos tipos de linguagem que permeiam as relações sociais, abarcando especialmente o ensino do “letramento digital” para “nativos digitais” (PISCHETOLA, 2016, p. 49).

Nesse contexto, a inclusão digital na educação precisa se atentar para os diversos contextos sociais em que os estudantes estão imersos, com o propósito de não agir de forma contrária e excluir grupos que estão distantes da cultura digital. Levando o debate para uma conjuntura sociocultural, Pischetola (2016) salienta que a recepção do conteúdo midiático pode ser “reelaborada” pelo indivíduo, o que delega um caráter singular e particular na aquisição da informação disseminada nas mídias pelo indivíduo, e alerta:

A falta de enraizamento sociocultural de um instrumento tecnológico pode igualmente envolver o risco de que a utilização desse instrumento não apenas reflita, mas replique a marginalização de alguns grupos, ao se constituir em oportunidade só para alguns. Por esse motivo, deve-se dedicar especial atenção aos discursos simbólicos e culturais que são reproduzidos por meio de determinada tecnologia e aos modos como eles são reelaborados pelos usuários (PISCHETOLA, 2016, p. 117).

Nessa lógica da cultura dominante que privilegia certos grupos em detrimento de outros, alguns ficam à margem não só no acesso aos bens culturais, como também no acesso à universidade. Sobre o ambiente universitário, Bourdieu (2013) salienta que a cultura predominante nesse meio tende “[...] sempre a favorecer o sucesso (pelo menos no interior da instituição) de um tipo modal de homem e de obra [...]” (BOURDIEU, 2013, p. 267). Em outras palavras, o processo de seleção, bem como as atividades avaliativas, propende a valorizar

sistemas de disposições que estão de acordo com aquele solicitado pelo sistema de ensino, ou seja, estejam de acordo com a cultura dominante, como também o perfil de estudante que apresente características de “docilidade escolar” (BOURDIEU, 2013, p. 262).

Desse modo, são prestigiados valores e modos de agir e pensar de acordo com “juízos escolares”, podendo se converter em “juízos de classe” (BOURDIEU, 2013, p. 263), particularmente pelos docentes, os quais também praticam a violência simbólica, que decorre de forma tácita nas ações docentes, portanto, tão somente implícito, de maneira a não ser reconhecido por aquele que emite ou recebe a informação. Alicerçado nessa lógica, o julgamento escolar considera a “[...] assiduidade, tenacidade, perseverança, bem como ganhos correlatos” (BOURDIEU, 2013, p. 260) como algumas virtudes dos estudantes dos segmentos populares ou classe média.

Souza (2006) afirma que na sociedade contemporânea o termo virtude vincula-se à concepção de “dignidade humana”, ou seja, os valores morais que permeiam a dignidade humana podem orientar o indivíduo nas suas escolhas. A virtude no contexto dos segmentos dos trabalhadores nasce por meio da necessidade, “a virtude feita necessidade” (SOUZA, 2006, p. 25). Significa que especialmente entre a classe popular as virtudes são consideradas qualidades de sobrevivência, as quais, reconhecidas socialmente, elevam a “autoestima individual” e o sentimento de respeito. Nesse encaixo, a estratificação social acaba por refletir no modo de vida do indivíduo, que sendo de renda baixa, passa por necessidades financeiras, assim, por ocupar uma baixa estratificação social e por falta de recursos que lhe oportunizem melhores condições de vida, acaba sendo forçado a fazer da necessidade uma virtude e, dessa forma, ressignifica suas ações a partir dessa situação de necessidade. Tal ação, pontuada como naturalizada na sociedade capitalista por Souza (2006), evidencia a importância de se descortinar práticas sociais cristalizadas, como Bourdieu (2013, 2007, 2005) fez em suas obras.

Cabe mencionar que Souza (2006) se embasa nos escritos de Bourdieu (2007) para discorrer sobre a lógica da necessidade na moral dos segmentos populares, a qual é reconhecida como virtude.

A moral enraizada nas práticas culturais reflete nas possibilidades de um futuro objetivo. Segundo Bourdieu (2007), as possibilidades de futuro são medidas a partir da realidade objetiva, e os *recursos morais* contribuem em grande medida nas escolhas e no uso de recursos culturais e econômicos. Como uma força, a moral moldada pela trajetória coletiva ou individual reflete nas decisões, e na avaliação das práticas, sendo os capitais econômico e cultural aqueles que colaboram diretamente nas questões morais. A moral dominante que está inclinada às práticas da classe dominante também age como imposição para as demais camadas sociais.

Nessa dinâmica, pais com trajetória escolar interrompida devido à necessidade financeira latente projetam, ou seja, “transfere[m], como se diz, suas ambições” (BOURDIEU, 2007, p. 102) no futuro dos herdeiros, na perspectiva de angariar algo que lhes foi tirado por falta de acesso, de tempo, de condições favoráveis ao prolongamento dos estudos. Sacrifícios, consagrados como virtudes, são prestigiados e admirados, pois os pais veem nessas virtudes alicerçadas na moral o *recurso moral* que condicionará os filhos a um futuro de sucesso a partir de um presente de renúncias e dificuldades.

Bourdieu (2007) sublinha que os efeitos da força da moral, em particular da necessidade feita virtude, se manifestam em práticas e discursos. Algumas práticas associadas à esperança de ascensão social recorrem às “estratégias escolares” em prol de um retorno financeiro. Para tanto, busca-se o uso de recursos para complementar a falta de capital cultural. O sistema de ensino demanda carga de conhecimento, conteúdos e códigos escolares que estão intimamente associados ao nível de capital cultural, assim, o desajuste às demandas escolares desdobra-se em baixo rendimento escolar.

As desigualdades escolares contribuem para que estudantes que não se enquadrem em um perfil de bom aluno, que não obtenham rendimento escolar satisfatório e sejam relegados e reprovados, sejam barrados à continuidade escolar nos anos subsequentes e a uma possível formação escolar e acesso a um emprego mais bem remunerado. Nessa lógica, as desigualdades escolares são convertidas, como em um ciclo reprodutor, em desigualdades sociais, gerando falta de oportunidade e acesso, contribuindo para que indivíduos que fujam dessa regra sejam reconhecidos como casos excepcionais de sucesso escolar, por mérito e esforço próprios.

Em relação à formação da identidade dos jovens, Setton (2002) declara que outras instâncias contribuem para a formação da identidade dos jovens, como a escola e a mídia (SETTON, 2002). A instituição de ensino que outrora detinha o polo do conhecimento compartilha espaço com outra instância, a mídia, que difunde um conhecimento informal, que pode ser tanto utilizado para potencializar as práticas de estudo, quanto como meio de socialização e entretenimento (SETTON, 2005). Os sistemas híbridos de conhecimento disponíveis através das TIC's possibilitam a imersão em um universo de informações, todavia, os dados da PNAD (2018) revelam que o acesso a tablets, computadores e smartphones ainda é uma realidade um pouco distante para indivíduos dos segmentos populares no Brasil, bem como lhes é restrito o acesso à Internet de qualidade.

De acordo com Lima e Versuti (2018), a linguagem e a comunicação que permeiam as relações sociais são carregadas de mensagens com uma gama de signos que são decodificados pelo receptor. Nesse sentido, a cultura em que o indivíduo cresceu irá moldar seu

comportamento e influenciar seu modo de recepção de determinada informação. Assim como os meios de comunicação foram se atualizando e modificando, pode-se afirmar que “mudanças culturais” estão impactando os sujeitos, que frequentemente mantêm contato através de plataformas digitais, como as mídias sociais. “O *WhatsApp*, o *Instagram*, o *Facebook*, o *Google+*, o *Youtube*, o *Twitter*, são exemplos de plataformas que disponibilizam diferentes linguagens possíveis para a comunicação entre seus usuários” (LIMA; VERSUTI, 2018, p. 21). Fruto da expansão da Internet, a cultura midiática está intimamente relacionada ao desenvolvimento social do indivíduo, uma vez que a socialização também ocorre dentro de janelas virtuais, através de suporte de equipamentos tecnológicos. Isso leva a refletir acerca daqueles que não possuem ou que dispõem apenas de acesso de baixa qualidade às TIC’s e à Internet, pois essa condição pode levá-los a não ocupar espaços sociais muitas vezes dominados por segmentos mais favorecidos financeira, social e educacionalmente (PNAD, 2018).

Posto isso, vale investigar como estudantes candidatos e jovens cotistas de cursos seletivos oriundos de segmentos populares traçam estratégias de estudos em prol do ingresso à universidade e quais processos de estudos escolhem com o objetivo de manter boas notas frente à cultura midiática e a desigualdade social presente na sociedade contemporânea. Visto que o ambiente universitário tem como base uma cultura distante daquela presente na formação inicial desses indivíduos (BOURDIEU, 2013), questiona-se quem é esse estudante candidato e jovem cotista, como se dá sua trajetória escolar e familiar e quais convergências e divergências existem entre esses dois tipos de discentes, os candidatos e os aprovados.

É importante realçar que a direção para a interpretação dos dados, no que tange às práticas de estudos dos cotistas, toma como partida o conceito de tática abordado por Certeau (1998) e Martín-Barbero (1997), alinhando-se, também, às definições de recursos estratégicos exemplificados por Setton (2005).

Setton (2005) reconhece como recurso estratégico as diferentes formas de se apropriar do capital cultural. Assim, se configura como estratégia, no contexto de prática informal de estudos, o uso de recursos como leitura de jornal, revistas, livros (*best-sellers*, quadrinhos, entre outros), assistir programas de televisão com foco educativo, navegar na Internet. Fontes não legítimas de conhecimento são recursos estratégicos que possibilitam o acesso à informação e possível aprendizado, denominado como capital cultural midiático, um recurso distintivo no jogo social. Nessa dinâmica, há diferenciação de acesso aos bens culturais. Na mesma vertente, Setton (2005) condissera que a cultura legítima também precisa de um conjunto de estratégias para se legitimar e, assim, seja reconhecida e se reproduza.

A estratégia se torna meio para se fazer legitimar a cultura legítima, mas o uso dos bens culturais pode se dar de forma distinta, a depender da trajetória social e *habitus* do indivíduo. De forma geral, Setton (2005) utiliza-se do termo estratégia para identificar recursos que podem ser meios para se apropriar do capital cultural, os quais podem se concretizar por fontes legítimas ou não legítimas de conhecimento, isto é, indivíduos podem ampliar seu repertório formal por meio de informações difundidas pela indústria cultural.

Presente no cotidiano de muitos indivíduos, a Internet se torna espaço de possibilidade para se reinventar táticas de estudo em prol da apropriação de determinado conhecimento. Valendo-se do termo estratégia, Michel de Certeau e Martín-Barbero fazem alusão às possibilidades de resistir à ideologia dominante utilizando-se do espaço e de recursos do inimigo para reinventar, recriar a seu favor. Para Certeau (1998), estratégia seria a manifestação do poder, o qual é imposto pela classe dominante por meio de relações de força, sobressaindo a imposição dos mais poderosos. Nesse contexto, aquele destituído de poder, denominado como fraco, pode valer-se da tática para burlar as estratégias. As trajetórias indeterminadas (CERTEAU, 1998, p. 100) geralmente fazem uso de táticas, lutando no campo do inimigo, por meio das armas que este lhes disponibiliza.

Desvelando sobre o cotidiano, os trabalhos de Certeau e Martín-Barbero apresentam proximidade, pois este último parte da análise do cotidiano para realizar uma análise de recepção. Assim, Martín-Barbero (2009), fundamentado em Certeau, utiliza o conceito de estratégia e tática para explicitar como se dá o consumo cultural entre a população latina. Salienta que a tática parte da lógica da resistência, utilizando das brechas que o sistema deixa, especialmente em relação à cultura hegemônica, que atua como estratégia da cultura dominante.

Nesse contexto, a cultura popular emerge como espaço de resistência contra a cultura hegemônica. As classes populares utilizam-se de táticas e “[...] reorganizam o que vem da cultura hegemônica, e o interagem e fundem com o que vem de sua memória histórica” (2009, p. 113). Nesse sentido, o que se faz com o conteúdo disseminado, o modo de fazer, é a chave tática, ou seja, a ação, os “usos como operadores de apropriação” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 114) que podem refletir positivamente nas relações sociais, especialmente nas práticas de estudo.

Inseridas no contexto da cultura digital, as tecnologias são ferramentas que seguem a lógica do capital dominante, portanto não são neutras e podem ser passíveis de reconfiguração tática em prol de beneficiar segmentos marginalizados. A prática com o uso de meios tecnológicos para transgredir o sistema dominante pode ser visível entre processos de estudo

de estudantes candidatos ou cotistas de cursos de alta seletividade social, denominadas no presente trabalho como táticas.

Ao ampliar o capital cultural por meio do uso de recursos estratégicos, como a leitura de livros, revistas, conteúdo midiático, observa-se um uso tático de recursos estratégicos, ou seja, o conceito de estratégia nesse contexto se configura como uma ação tática, especificamente quando se trata de indivíduos que recorrem a esses meios para se informar, estudar, aprofundar seu capital cultural. Um espaço de possibilidades, a Internet proporciona diversas formas de linguagens, que são disponibilizadas e podem ser ajustadas às necessidades dos indivíduos. Nesse enfoque, a presente pesquisa propõe utilizar o termo tática, mas expressando o sentido de “estratégia tática”, que seria a junção entre o uso de recursos estratégicos apontados por Setton (2005) com o objetivo tático de subverter a estratégia dominante e a perspectiva que Certeau (1998) e Martín-Barbero (1997) empregam, como meio de possibilidade para reinventar funções da lógica dominante.

Compreender como esses estudantes se enxergam no espaço social, como se sentem em relação ao ingresso ou possibilidade de aprovação, bem como, refletir acerca da apropriação do capital cultural midiático e meios de acesso às TIC's que lhe são oportunizados para se prepararem para ingressar à universidade, além de identificar quais táticas aplicam para melhor compreender o conteúdo estudado, são pontos cruciais que o presente estudo pesquisou, na busca por desnaturalizar visões de uma universidade democrática.

4 METODOLOGIA

4.1 PROCEDIMENTOS DE PESQUISA: ANÁLISE DO DISCURSO

A Análise do Discurso francês proposta por Michel Pêcheux (1997) busca compreender o sentido das palavras, do discurso em diferentes contextos, seja na análise de uma figura ou de um texto. Por abarcar as áreas da linguística, do social e do histórico, a Análise do Discurso (AD) trata de assimilar a ideologia presente no discurso. Dessa forma, busca-se pelo sentido da linguagem adotada no discurso atento aos aspectos sócio-históricos, em vias de relacionar o que foi dito com o contexto do que não foi dito.

As estruturas discursivas permeiam as relações sociais, que podem ser interpretadas a partir da análise de “três regiões do conhecimento científico” (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 163): o materialismo histórico, a linguística e a teoria do discurso. Pêcheux (1997) afirma que não é possível, em uma análise, separar o processo de descrever e interpretar, pois ambas trabalham simultaneamente, ou seja, o analista, ao descrever, analisa. Nas possibilidades de interpretação, é que a AD se manifesta.

Todo sujeito carrega consigo ideias, na AD, o sujeito de linguagem é ideológico (SOUZA, 2014). A língua como prática social, inconscientemente, influencia e determina a postura do indivíduo, por isso a relevância em compreender quem é esse sujeito, quais sentidos seu discurso carrega e qual espaço social ocupa. A partir da ideologia, relações sociais se ressignificam.

Todavia, a produção dos sentidos é um processo dissimulado. O indivíduo não tem poder de manipulação e, por vezes, não se atenta aos sentidos que a linguagem carrega, tão pouco, nota como o processo de produção de sentidos se desenvolve. Souza (2014, p.16) ressalta que o processo ocorre da seguinte forma:

[...] o sentido é produzido pela ideologia, a ideologia se organiza em discursos, os discursos determinam as palavras que serão ditas. Por esquecer do processo, o sujeito tem a ilusão de que o texto nasce no momento exato em que fala, quando, na verdade, os sentidos já existem bem antes no interdiscurso esperando para ser convocados na FI¹⁰.

Parte integrante da língua, as formações ideológicas (FI) carregam o sentido da linguagem, apresentando, assim, os valores, a trajetória histórica e os sentidos que contribuem para o processo de interpretação das relações sociais. Tudo tem uma explicação na AD,

¹⁰ “FI” é a abreviação de formação ideológica.

explicação linguística, que está alicerçada em uma moral e produz um determinado sentido, nada é ocasional, porém, trata-se de um processo inconsciente (SOUZA, 2014).

As formações discursivas (FD) completam as FI. Segundo Pêcheux (1988), ela estabelece aquilo que pode ser dito, de acordo com a condição de produção social e histórica do discurso. As formações discursivas exteriorizam, por meio da língua, as marcas textuais, com objeto e processo discursivo, isto é, através da escrita ou da língua e daquilo que não é escrito, o não dito, pode-se realizar uma análise interpretativa e descritiva das formações discursivas da linguagem, dessa análise, formações ideológicas podem emergir.

Vale enfatizar que os discursos estabelecem relação com outros discursos, e a depender da força de discurso nas relações sócio-históricas, ele pode sobressair e até excluir outro discurso adverso. Souza (2014, p.13) acrescenta que “[...] a realização da ideologia na língua, sua luta por poder, é o discurso”.

A proposta da pesquisa de se respaldar em AD tem como intuito analisar o discurso disseminado nas falas de estudantes candidatos e aprovados em cursos de alta seletividade, no intento de compreender criticamente as escolhas, trajetórias e condutas dos estudantes diante das condições objetivas e subjetivas vivenciadas no âmbito familiar e seus desdobramentos nas práticas de estudo, apropriação do capital cultural midiático e das TIC's, em vias de relacionar o que foi dito com o contexto do não dito.

4.2 COLETA DOS DADOS

A pesquisa também se apoia na proposta de entrevista semiestruturada de Triviños (1987), o qual dispõe que as questões que compõem a entrevista precisam estar fundamentadas na teoria que endossa o referencial teórico da pesquisa, como também orienta a ação do pesquisador e suas escolhas. O entrevistador deve optar por uma postura aberta e flexível para proporcionar um ambiente mais afetuoso e aberto ao diálogo, contribuindo para uma participação mais aberta e ativa do entrevistado. O propósito da entrevista semiestruturada é permitir que o entrevistador não fique preso ao roteiro de entrevista, podendo fazer outras perguntas pertinentes no momento da pesquisa, que poderão contribuir na posterior análise de dados. Triviños (1987, p. 146) destaca que “[...] o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa”.

Triviños (1987) sugere uma análise de dados por meio da triangulação de dados, pois, essa técnica orienta o manejo dos instrumentos para a coleta de dados, como entrevista e

questionário, ao passo que direciona para uma análise contextualizada dos dados de forma não isolada das práticas sociais. Nesse sentido, a triangulação de dados consiste na análise de formas verbais, como entrevistas e questionários; documentos, que podem ser externos ou internos, bem como, instrumentos legais, como dados estatísticos, diretrizes e leis, contemplando os modos de produção e relações de força que permeiam o fenômeno em análise.

Diante disso, o propósito da presente dissertação visa também oportunizar que jovens candidatos e estudantes cotistas de cursos concorridos reflitam sobre seu posicionamento social, examinando as circunstâncias vivenciadas e os condicionantes que os levam a alcançar e permanecer onde estão, como graduandos cotistas de cursos de alta seletividade social, colocando no centro da discussão as “regras inconscientes da cultura e do senso comum” (MORAES; GUIMARÃES, 2010, p. 48). Inseridos em uma sociedade estratificada, indivíduos sentem reflexos das diferenças ocasionadas pela estrutura social, como também reflexos econômicos, sociais e culturais, dependendo do local ocupado na estrutura social, que vão lhe render vantagens ou desvantagens sociais.

4.2.1 Contexto da pesquisa – pandemia

Pesquisar não é uma tarefa simples. A ação reflexiva de pesquisador requer cobrança constante, vigilância, rigor e sensibilidade. Em tempos de pandemia, pesquisar se tornou um trabalho duplamente laborioso, devido à necessidade de se manter o isolamento social. A interação com o outro agora passa a ser majoritariamente mediada por TIC's e Internet se torna recurso de precioso valor, pois, por meio dela, a interação virtual se torna possível.

No decorrer da elaboração da pesquisa, barreiras foram surgindo, entre elas, o saber navegar nas diferentes plataformas, como *Zoom*, *Google Meet*, *WhatsApp*. Aprender a abrir uma chamada de vídeo, gravar, utilizar o *chat* da plataforma, finalizar uma chamada e convidar participantes foram algumas das ferramentas que contribuíram para o levantamento de dados empíricos. Algumas nunca tinham sido utilizadas, desse modo, o letrar-se na linguagem da plataforma, como o seu uso nas entrevistas, ocorreu quase simultaneamente, por meio de vídeos no *YouTube* e de *blogs* informativos que tornaram possível aprender e aplicar o aprendizado.

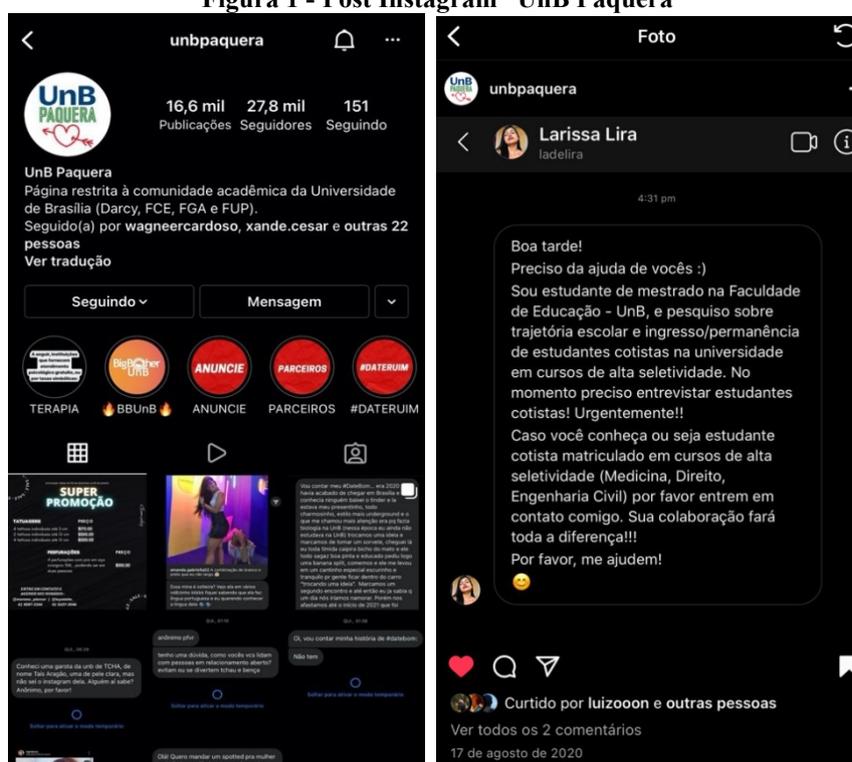
A proposta inicial do projeto de pesquisa era realizar entrevistas com estudantes cotistas presencialmente, contudo, a pandemia interferiu e colaborou para a mudança de roteiro. Videochamadas foram utilizadas para realizar entrevistas à distância. A conexão por vezes era fraca, o que fica evidente nas gravações das entrevistas, umas com imagens travadas, segundos sem fala, perguntas sem resposta, já outras, divididas em quatro gravações, devido às sucessivas

quedas da rede de Internet, sendo necessário abrir uma nova chamada de vídeo a cada reconexão. Além dessas contrariedades, ocorreu erro no uso da plataforma, que acabou não gravando, fazendo com que uma entrevista não fosse registrada digitalmente.

Impasses são banais em pesquisas, fazendo com que redes de apoio se manifestem como pontes necessárias para se alcançar o objetivo da pesquisa, sem ela, não teria sido possível contatar alguns estudantes para participarem das entrevistas, bem como, elaborar roteiro de entrevista, questionário, conhecer novos autores. Nesse quesito, o grupo de pesquisa teve notória participação no decorrer da escrita da pesquisa, com debates enriquecedores, sugestões de leitura e uma rede de contatos para alcançar os entrevistados.

Vale frisar que o contato com a maioria dos estudantes cotistas entrevistados em 2020 se estabeleceu, inicialmente, por meio da mídia social *Instagram*, na página de interação dos estudantes da Universidade de Brasília com foco não acadêmico, denominada “UnB Paquera”¹¹, por meio de um post que solicitava a participação de estudantes cotistas de cursos seletivos na pesquisa. Abaixo segue figura do post publicado em agosto de 2020.

Figura 1 - Post Instagram “UnB Paquera”



Fonte: Acervo da autora (2021).

¹¹ A escolha do meio de contato via Instagram ocorreu pelo fato de a página ter muitos seguidores e por realizar publicações com frequência, contribuindo para o contato da pesquisadora com possíveis participantes da pesquisa.

O Distrito Federal é formado por 33 regiões administrativas. Sol Nascente/ Pôr do Sol e Arnequeiras são regiões administrativas criadas em 2019, as mais recentes e não constam no mapa. As regiões administrativas são administradas por um administrador regional, o qual é indicado pelo governador.

- **Becil (2017)**

Três estudantes cotistas matriculados em cursos seletivos foram entrevistados em 2017, dois deles estavam cursando ou haviam cursado Medicina e um cursava Direito, na Universidade de Brasília. Dois tinham idade de 19 anos e um com 18 anos no período da entrevista. Esses jovens dependiam financeiramente dos pais para custear algumas despesas. Duas estudantes residiam com a família, uma no Recanto das Emas (DF)¹², outra em Águas Claras (DF). Um estudante havia mudado do Riacho Fundo (DF) para a Asa Norte (DF) devido ao longo trajeto - casa-universidade - que precisava percorrer quando na antiga moradia. Plano Piloto, Águas Claras e Recanto das Emas são consideradas regiões de alta renda, média-alta renda e média-baixa renda, respectivamente (CODEPLAN, 2018). O incentivo e o apoio dos pais foram fundamentais para o ingresso na educação superior, em especial a não incumbência de ingressar no mercado de trabalho enquanto cursavam o Ensino Médio. A família, especialmente a mãe, é considerada fonte de incentivo e de influência para o prolongamento dos estudos. Dois estudantes relataram pertencer à classe média e um se considerou de baixa renda. Em relação à formação escolar dos pais, um pai concluiu o Ensino Médio outro pai ainda não concluiu e apenas um pai possui certificado em nível superior. Vale ressaltar que todos os três cotistas, durante o Ensino Médio, frequentaram cursinhos preparatórios, (um) particular, (um) cursinho popular e contou com uma bolsa de estudos em cursinho particular, (uma) mesclou estudos em casa e cursinho particular custeado pela irmã. A rotina escolar durante os anos finais da Educação Básica foi bastante intensa, com aulas em cursinhos pré-Vestibular ou pré-PAS, aulas nos cursos de idiomas, além das aulas ofertadas na escola. Na graduação, os cotistas relataram o uso da Internet como fundamental para se formar.

- **Sampaio (2018)**

Os sete estudantes candidatos a cursos de alta seletividade, como Direito, Medicina, Engenharia Civil e Psicologia, que responderam ao questionário em 2018, são oriundos de três

¹² Recanto das Emas, Águas Claras e Riacho Fundo são regiões administrativas distantes da região central de Brasília, 33 km, 19,6 km e 20,3 km, respectivamente. Apenas a Asa Norte faz parte da região central de Brasília.

escolas públicas do Distrito Federal. Cinco estudaram em escolas localizadas em Ceilândia, região administrativa com renda domiciliar média de R\$ 3.101,00 (CODEPLAN, 2018). Outros dois estudantes frequentaram uma escola localizada no Plano Piloto, região administrativa de alta renda, com renda familiar média de R\$ 15.622,00 (CODEPLAN, 2018). Quatro estudantes são filhos de pais que, em sua maioria, cursaram o Ensino Médio, outros três pais concluíram o Ensino Fundamental, três concluíram o Ensino Superior e dois não finalizaram a Educação Básica. Quatro jovens tinham, à época da referida pesquisa, 17 anos de idade, outros três estavam com 18 anos e residiam com os pais fora da região administrativa do Plano Piloto. Os valores morais e éticos dos pais foram fortemente marcados como influentes nas escolhas dos estudantes. Apenas um deles selecionou no questionário a opção que conota média influência dos pais na formação dos valores morais e éticos. Um jovem estagiava no período em que cursava o Ensino Médio. Em relação ao acesso à Internet, quatro possuíam acesso em casa e no celular e uma estudante não tinha acesso à Internet em casa, somente no dispositivo móvel.

- Schnorr e Lira (2020)

Os três estudantes candidatos a cursos de alta demanda e cursaram o Ensino Médio em escola pública entrevistados em 2020 eram moradores do Paranoá (DF)¹³, São Sebastião (DF) e Brazlândia (DF), regiões administrativas de média-baixa renda e renda baixa (CODEPLAN, 2018), que variam entre R\$ 3.101,00 e R\$ 2.472,00, respectivamente. Com idade entre 17 e 18 anos, os jovens moravam com os pais. Entre as virtudes e exemplo de vida profissional, os três estudantes mencionaram os pais, associando o empenho e a dedicação como virtudes e qualidades dos genitores, além do apoio que ofereciam aos filhos. Todos são oriundos de famílias que outrora não frequentaram a universidade pública. Todavia, quatro pais estavam cursando ou haviam cursado ensino superior, outros dois pais concluíram o Ensino Fundamental. Acerca do uso da Internet, constata-se que os jovens possuíam acesso, mesmo que apenas pelo dispositivo móvel (realidade de dois jovens). Os três frequentavam cursos de idiomas no CIL e uma estudante pagava um cursinho preparatório online como preparativo aos exames de seleção para o ensino superior. Os três estudantes utilizavam a Internet para leitura em meio digital, para aprender a tocar algum instrumento ou acessar videoaulas. Apenas um jovem fazia estágio e apontou que o contato com novas ferramentas e plataformas digitais no

¹³ Paranoá, São Sebastião, Brazlândia são regiões administrativas que se localizam distantes da região central de Brasília – DF. O Distrito Federal é formado por 33 regiões administrativas. Para maiores informações, acessar o site do Governo do Distrito Federal, disponível em: <<https://segov.df.gov.br/category/administracoes-regionais/>>.

estágio fez com que aprendesse e ampliasse seu conhecimento com manejo de tais ferramentas, como Word e Excel.

Vale destacar que a presente pesquisa tem como objetivo específico verificar se há dissonâncias ou consonâncias entre o perfil da família e do estudante candidato e cotista de cursos de alta seletividade. Para tanto, utilizou-se dados de estudos realizados por outros membros do grupo de pesquisa com intuito de fundamentar a análise dos dados. O total de dezenove indivíduos colaboraram com a pesquisa. Desse total, sete estudantes estavam matriculados no Ensino Médio da rede pública do DF no período da coleta de dados da pesquisa de Sampaio (2019), em seu trabalho de mestrado. Também cursando o Ensino Médio, outros três candidatos foram entrevistados pela pesquisadora Schnorr¹⁴, com a participação da autora desta dissertação, em 2020.

O total de nove cotistas também foram entrevistados. Becil entrevistou três cotistas, dados que fundamentaram o trabalho de conclusão de curso da Pedagoga, em 2017. Outros seis cotistas foram entrevistados pela pesquisadora desta dissertação, em 2020. Assim, o total de dezenove estudantes, divididos em dez estudantes candidatos e nove cotistas graduandos de cursos seletivos na UnB, contribuíram respondendo questionários ou participando de entrevistas (presencial ou virtual) para o levantamento de dados da pesquisa.

Nesse processo, optou-se por selecionar questões dos questionários e das entrevistas (SAMPAIO, 2019; BECIL, 2017) que contemplassem as características socioeconômicos das famílias dos candidatos e dos cotistas, a trajetória escolar dos jovens, as táticas de estudo e questões que problematizassem a apropriação das TIC nas práticas formais de estudo, considerando a sequência de anos e o contexto social em que o levantamento de dados foram realizados.

- Lira (2020)

Os seis estudantes cotistas entrevistados em 2020 tinham entre 19 e 25 anos de idade e cursavam (5) Direito ou (1) Medicina na Universidade de Brasília. Moravam com os pais na região administrativa do Gama (DF), Taguatinga (DF), São Sebastião (DF), Recanto das Emas (DF), Itapoã (DF)¹⁵, cidades consideradas como de média-alta renda, média-baixa renda, baixa

¹⁴ Júlia Mello Schnorr é professora de história do governo do Distrito Federal, mestra em Comunicação Midiática e doutoranda em Educação pela UnB, pesquisa a construção e reconstrução do discurso midiático sobre cotistas em cursos de alta seletividade por jovens da rede pública, considerando o capital midiático e questões como ideologia. Júlia integra o grupo de pesquisa que tem como eixo a educação, os sujeitos sociais e o capital informacional (PPGE/UnB), coordenado pelo professor Carlos Alberto Lopes de Sousa.

¹⁵ Gama, Taguatinga, São Sebastião, Recanto das Emas, e Itapoã são cidades satélites do DF que se localizam distantes do centro de Brasília (DF).

renda, nessa ordem (CODEPLAN, 2018). Mães com ensino superior completo foram cinco, a maioria, apenas um padrasto tinha formação em curso técnico, os outros dois pais formaram-se em nível médio, dois concluíram o ensino fundamental e um tinha pós-graduação completa. Entre os fatores que colaboraram para o prolongamento escolar, os estudantes mencionaram a família, a possibilidade de conquistar um emprego com boa remuneração, bem como, o valor que a profissão carrega. Os cinco estudantes estagiavam, todavia, ressaltaram que a família não pressionou ou obrigou o ingresso imediato ao mercado de trabalho. Foi a vontade própria dos jovens de não sobrecarregarem as despesas da família que os levou a optar pelo estágio no contraturno das aulas. Salvo um estudante que, desde o Ensino Médio, estagiava principalmente devido ao incentivo dos pais, que pontuam o recurso financeiro como auxílio nas contas mensais da família. Esse mesmo estudante também já havia trabalhado como educador social.

A escola pública fez parte de toda a trajetória escolar dos quatro jovens. Apenas dois cotistas estudaram boa parte do Ensino Fundamental em escola particular, graças à bolsa de estudos concedida à mãe ou tia por serem professoras da escola. Ao término do Ensino Fundamental, foram matriculados em escola da rede pública. Os cinco estudantes frequentaram cursinhos preparatórios particulares, sendo que dois ganharam bolsa em cursinho ou ingressaram em cursinho social com foco na capacitação para realizar as provas de ingresso ao ensino superior, sendo que um participou de cursinho online. Apenas um estudante não frequentou cursinhos, apenas participou de alguns “aulões” organizados pelo Bora Vencer¹⁶, para estudar, recorria à Internet: “Eu estudava em casa por *Youtube* ou por apostila, no tempo que sobrava aos finais de semana” (Cotista 4 - 2020). Cinco cotistas afirmaram preferência por estudar com o apoio da Internet, em comparação aos livros, pela facilidade de pesquisar e pela linguagem mais acessível.

4.4 OS COTISTAS

Os cotistas são os sujeitos da pesquisa. Dessa forma, cabe descrever aspectos relevantes e enriquecedores das práticas de estudos e da trajetória escolar de cada um, em vias de expor como o capital cultural midiático se manifesta ou não no processo de estudar, descrevendo, também, as relações estabelecidas com os familiares, com os produtos da cultura, em particular, com a cultura midiática.

¹⁶ “Bora Vencer” é um cursinho popular gratuito do programa Instituto Bora Vencer, que oferta bolsa de estudos para os estudantes da rede pública de ensino.

Cotista 1

Estudante de Direito, 22 anos, morador do Jardim Mangueiral¹⁷, em São Sebastião (DF). Vive com a mãe e o padrasto, com uma renda mensal de 1 a 3 salários-mínimos (entre R\$ 1.045 e R\$ 3.135). O padrasto é servidor público e mãe é autônoma. Escolheu o curso de Direito pela possibilidade de ingresso rápido no mercado de trabalho e pelo valor que a profissão carrega. Sempre estudou em escola pública. Frequentou cursinho preparatório por 2 anos. Considera a mãe e a irmã exemplos de profissional, de mulher batalhadora e guerreira. A mãe trabalha como boleira e a irmã como dentista. No período de isolamento social, o estudante estagiava à distância no Supremo Tribunal Federal, o que lhe rendia horas extras para se dedicar aos estudos, uma vez que, antes, gastava em média 4 horas no transporte público para ir e voltar de sua casa para a universidade e o estágio. Contava com o auxílio do Restaurante Universitário. Para estudar, faz uso de anotações das aulas, de livros e da Internet. Como tática de estudo, costuma elaborar grandes resumos. Entre as dificuldades ao ingressar na universidade, menciona a linguagem mais complexa utilizada nas aulas e predominante nas leituras, justificando que, “[...] na verdade, mais pela questão da trajetória escolar, tipo a minha foi bem pobre assim, tipo não ter base, falta de base porque a prova do vestibular é muito difícil”, para tanto, o estudante buscou estudar em dobro, “correndo atrás do conteúdo” por meio de estudos complementares. Tem preferência por estudar utilizando a Internet, pois, “Muitas vezes os livros usam umas palavras rebuscadas para algo simples, então, algumas vezes o direito dificulta muito sabe?” Participa de muitos grupos de estudo, espaço em que compartilha dúvidas (ajuda coletiva). Em caso de dúvida, primeiro faz pesquisa na Internet, em último caso, busca a ajuda do professor. Utiliza bastante o Google, Microsoft *Teams* - plataforma de cursinhos, para estudar e o *WhatsApp* é um espaço para sanar dúvidas. Assistiu algumas *lives* no *Instagram* direcionadas ao curso e menciona que as informações compartilhadas nas mídias ajudaram nas disciplinas acadêmicas. Utiliza também aplicativos disponíveis no celular, como o *Google Agenda*, *Plantie*, *YouTube*, *Instagram*, *Adobe*. O estudante destaca que está conseguindo se adaptar bem ao novo formato de aula à distância¹⁸, pois já estudava por videoaulas. Contudo, prefere as aulas presenciais, pelo contato com outros alunos e professores.

¹⁷ Jardim Mangueiral é um bairro que se localiza em São Sebastião, uma região administrativa que se localiza a 18,5 Km de distância da região central de Brasília (DF).

¹⁸ Vale ressaltar, novamente, que a pesquisa foi realizada em um contexto de pandemia, ocasionada pela COVID-19. Lembrando que a centralidade da pesquisa não está na permanência, mas sim no ingresso na educação superior, quando se menciona a permanência, o foco está em captar um ou outro tópico que identifique o nível ou continuidade da apropriação do capital cultural midiático.

Cotista 2

Estudante de Direito, 20 anos, residente no Gama, com os pais e uma irmã. O pai tem o Ensino Médio completo e é aposentado. A mãe é formada em Pedagogia e atua como professora da Secretaria de Educação de Luziânia (GO).¹⁹ Escolheu Direito pela possibilidade de encontrar um emprego que remunere bem. A mãe é considerada um exemplo profissional, pois foi a única da família a se graduar. Estudou até o sexto ano em escola particular, como bolsista. Do sétimo ano em diante e até completar o Ensino Médio, estudou na rede pública de ensino. Pagou um cursinho on-line para se preparar para o exame de seleção, com o salário de estagiário do Tribunal Regional Federal da Primeira Região. Contava com o auxílio do Restaurante Universitário. Devido ao isolamento social, o estágio era remoto, com 4 horas diárias. Os professores da Educação Básica poucas vezes indicaram o uso da Internet para complementar os estudos, o que mais ocorria era a disponibilização de material em ambiente virtual. Na graduação, esse incentivo aumentou, pois parte dos textos são disponibilizados pelos professores em plataformas da web. Entre as táticas de estudo, mencionou: “Eu tento fazer resumo do que leio, ou do que estiver estudando, mas eu não tenho muita paciência para fazer mapa mental”, ressaltando preferência por digitar, pois, segundo o estudante, errava muito nos resumos manuscritos e, se desejasse juntar com outras partes, não conseguia: “hoje em dia eu faço tudo no computador!”, no computador “eu posso voltar se quiser, posso apagar um trecho que não gostei. O tempo que eu ganho revisando, pra revisar fica mais fácil, até pra ler fica mais fácil, sabe? Se for pra ler minha letra, eu prefiro ler as fontes que tem no Word.” O espaço de estudo é o próprio quarto, conta com uma mesa, caderno e papéis para rascunho. Em relação aos processos de estudo, o estudante se sente mais entusiasmado estudando pela Internet: “[...] eu me sinto mais entusiasmo pela internet, porque o acesso a qualquer tipo de informação é muito mais fácil, eu consigo filtrar de forma muito mais eficiente o que eu preciso na Internet do que em um livro.”

Cotista 3

Estudante de Direito, 19 anos, morava na Região dos Lagos, perto do Itapoã (DF)²⁰, com os pais e dois irmãos. A renda familiar girava em torno de 4 a 6 salários-mínimos (entre R\$ 4.180 e R\$ 6.270). O pai cursou o Ensino Fundamental e trabalhava como motorista de transporte escolar, a mãe, graduada, estava desempregada, mas também atuava como motorista.

¹⁹ Luziânia é uma cidade que se localiza no estado de Goiás, a 59 km da região central de Brasília.

²⁰ Itapoã é uma região administrativa do DF, que se localiza distante da região central de Brasília.

Estudou como aluno bolsista em rede privada até o oitavo ano, a partir de então, até a conclusão do Ensino Médio, estudou na rede pública de ensino. Estagiava em um escritório de advocacia. Fez cursinho no terceiro ano, por meio de bolsa, e, também, frequentava aulas pré-vestibular ofertadas na escola pública, aos sábados. Atualmente, o jovem divulga informações jurídicas no *Instagram*, além de seguir perfis jurídicos, e pontua: “Para estudar eu gosto muito do Instagram. Eu sigo muito perfil jurídico no Instagram. Eu diria que o Instagram também serve como uma forma de estudo”. Em relação ao incentivo dos professores para o uso da Internet como complemento ou ampliação dos estudos, o cotista salienta que poucos professores indicavam vídeos no *YouTube*, exercícios na Internet ou canais de informação. Não era uma ação rotineira. Na graduação, persiste a falta de incentivo. Em relação à rotina de estudos: “A minha rotina sempre foi essa. Conciliar os estudos com o horário da faculdade e com o horário do estágio”. O cotista também ressalta que as horas desperdiçadas no trajeto universidade e casa, no transporte público, foram convertidas em hora de descanso ou estudo. Na pandemia, só o trajeto de ir se estendia por 1 hora e 30 minutos. Entre as táticas de estudo, o resumo é o que o estudante mais gostava de fazer, também mencionou o costume ou “mania que peguei da própria faculdade, dos alunos” de elaborar um caderno de teoria geral do Direito Privado, como se ele mesmo estivesse escrevendo um caderno sobre a disciplina, para tanto, copiava o que o professor ministrava em sala, de forma manuscrita:

Eu gosto muito de escrever à mão mesmo, porque assim eu escrevo, é o jeito que eu fixo mais. As anotações eu escrevo à mão. Eu só passo para o computador quando eu vou finalizar as apostilas. Por exemplo, antes de eu estudar para a prova tal, eu vou lá e monto a apostila. E é bem legal porque nós temos uma cultura de compartilhar.

Outra tática para aperfeiçoar os processos de estudo, o método Pomodoro foi citado pelo estudante, o que consiste na destinação de minutos para o estudo focado e alguns minutos para descanso, com o objetivo de diminuir a procrastinação. O uso das TIC em sala foi mencionado como ferramenta para pesquisa: “Eu usava muito o celular. E às vezes, quando levava, o meu computador. Mas eu sempre gostei. Porque às vezes o professor está comentando alguma coisa que eu não vi ou eu não conheço, e eu pesquiso e deixo ele salvo para estudar depois, por exemplo”. Entre as dificuldades enfrentadas na graduação, pontuou que conciliar a demanda alta de leitura com outras atividades foi muito complicado, às vezes “eu lia no ônibus” ou “pegava lá alguns minutos antes do estágio e eu lia ali e dava tudo certo”. Outra dificuldade era tomar ônibus para chegar à universidade. O atraso, às vezes, era inevitável, o sentimento de prejuízo também: “Eu chegava na aula 19h15. Eu sempre sentia que eu estava perdendo conteúdo nesses 15 minutos de atraso. Contava com gratuidade nas refeições do Restaurante

Universitário. Sobre a preferência de estudar pelos livros ou pela Internet, denotou preferência por estudar pela Internet, e explicou:

Eu gosto muito de pesquisar, por exemplo, na internet tem um vídeo de alguém explicando. Eu gosto muito porque a internet me dá possibilidade de enquanto eu escuto a pessoa falando, eu vou anotando e ao mesmo tempo eu consigo fazer uma pesquisa complementar para entender mais. Só abro outra aba e faço uma pesquisa ali bem rápida. Eu diria que mais pela internet.

Cotista 4

Estudante de Direito, 20 anos, residente em São Sebastião (DF). O pai completou o ensino fundamental e trabalha em uma empresa de vigilante como supervisor, a mãe cursou Serviço Social, trabalhou com serviço de limpeza, atualmente, é encarregada de serviços gerais. A Renda mensal familiar é de 3 a 4 salários-mínimos (entre R\$ 3.135 e R\$ 4.180). Já trabalhou como educador social: “Desde o Ensino Médio, eu trabalho para ajudar aqui”. Não frequentou cursinho preparatório:

Eu fui umas duas vezes... Como é o nome daquele? Bora Vencer, do Israel. Eu fui umas duas vezes, mas era muito complicado, porque eu estudava, depois ia para o estágio e ainda fazia CIL²¹. Não sobrava quase nenhum tempo. Eu estudava em casa por *Youtube* ou por apostila, no tempo que sobrava aos finais de semana.

O cotista escolheu cursar Direito pelo contato com a área, ainda no Ensino Médio, quando estagiou no Tribunal Superior do Trabalho, o que lhe despertou o desejo por atuar em uma área que pudesse gerar alguma “mudança efetiva, socialmente falando”. Parte do interesse de estagiar na época em que cursava o ensino médio foi fomentada pela cobrança dos pais para auxiliar nas despesas de casa. Considera a mãe como exemplo profissional e moral: “era do Piauí, veio para cá trabalhar em casa de família e foi tentando crescer na vida”. Ela é “muito trabalhadora [...] muito preocupada e dedicada [...] um exemplo para mim em relação a se manter firme”. Sobre o apoio moral dos pais, o cotista compartilhou: “uma coisa que meu pai sempre fala, estou tendo a oportunidade que ele não teve”. Estudou toda a Educação Básica na rede pública de ensino. Durante essa formação, os professores não incentivavam o uso da Internet para complementar os estudos, já na universidade, em questão de leitura e pesquisa, incentivam o uso da Internet. Em relação aos processos de estudo, mencionou a tentativa de aplicar a técnica Pomodoro, que reveza tempo de estudo e poucos minutos de descanso, geralmente estuda por pequenos resumos elaborados por ele e anotações. Antes, os resumos

²¹ Os CIL são Centros Interescolares de Língua, espaços educacionais vinculados à rede pública de ensino do Distrito Federal que ofertam cursos de línguas para a comunidade geral, com preferência à matrícula de estudantes de escola pública.

eram manuscritos, agora: “Eu consegui um computador, então hoje tento fazer digitado e quando faço o resumo para a prova ou coisa do tipo eu escrevo o que está digitado”. O seu espaço de estudo é o próprio quarto, conta com uma mesa, cadeira, caderno, caneta e fone de ouvido. À época da entrevista, estagiava na Defensoria de São Sebastião (DF), 25 horas por semana, trabalhando à distância durante a pandemia. Vale destacar que no estágio pode-se aprender a manusear novas plataformas para acessar processos, fazer consulta, escrever petição. Contava com gratuidade nas refeições do Restaurante Universitário. As aulas presenciais na universidade dificilmente eram mediadas por TIC, às vezes utilizava-se um *data show*, um slide, mas a maioria das aulas era expositiva. Nas aulas presenciais, o uso das TIC era frequente pelos estudantes, sobretudo quando os professores indicavam a pesquisa no momento da aula: “Porque eles falam muito, “abra ‘tal’ lei”, e nós temos que dar um jeito de ir atrás. Nesse sentido, “Para estudar para o exame de seleção para ingressar na universidade”, o estudante recorria à Internet: “Eu estudava muito vendo vídeo no *Youtube*, então eu chegava cansado, pegava o celular, colocava o vídeo e tentava anotar”. Contudo, o jovem sentia-se mais entusiasmado em estudar pelos livros e confessou: “Acho que pelos livros, porque eu tenho uma pequena dificuldade com a visão por ficar na luz. Eu prefiro ter um papel para poder escrever, para poder circular alguma coisa ou... sei lá, sentir, não sei. Sinto-me mais confortável com o papel”.

Cotista 5

Estudante de Medicina, 25 anos, morador de Taguatinga (DF), residindo com os pais e irmãos, somando sete pessoas na mesma casa, com uma renda familiar média acima de 6 salários-mínimos (a partir de R\$ 8.360,00). O pai tem pós-graduação completa, sua mãe possui certificado em curso superior. Os dois são aposentados. O pai atuava como bancário e a mãe, servidora pública. Frequentou cursinho preparatório para passar no vestibular. A respeito das virtudes dos pais, a estudante aponta a determinação, a sabedoria e a postura de “trabalhadores”, identicamente são considerados exemplos de vida profissional, especialmente “pelo esforço, que eles trabalharam desde cedo os dois. E conseguiram criar uma família”. Por parte dos pais, a estudante sempre foi cobrada, “então sempre foi muito cobrado que nós estudássemos porque nós sempre tivemos a oportunidade de estudar”, recebia dinheiro para se manter na faculdade, como o carro disponível para ir e voltar. Estudou até o primeiro ano do Ensino Médio na rede pública de ensino, no segundo e terceiro anos estudou em escola particular, por meio de uma bolsa de estudos. Frequentou cursinho presencial por dois anos. Os professores da Educação

Básica não incentivavam muito o uso da Internet, pelo motivo de ser um evento mais recente e não muito popular à época em que a estudante cursou as séries iniciais e finais. Para tanto, os livros eram os mais indicados, diferente do que ocorre na graduação, onde o estímulo para pesquisar na Internet é constante. A estudante frequentava estágio obrigatório (o internato), de sete horas diárias, no Hospital Universitário. A respeito da prática de estudo, a tática utilizada para aprimorar o processo de aprendizagem era o resumo manuscrito. O espaço de estudo era o seu quarto, contando com mesa grande, computador, cadeira e muitos livros: “É como se fosse uma biblioteca”. Na universidade, a maioria das aulas presenciais eram mediadas por algumas TIC, especialmente para apresentar slides. Em sala, também se usava celular, tablet ou computador para acompanhar as aulas. A estudante ressalta que não enfrentou dificuldades para ingressar na universidade e para realizar as disciplinas do curso. Para estudar, preferia se fundamentar no conteúdo dos livros, “Eu tento primeiro o livro, aí depois eu procuro a Internet para ter mais opinião”, e nas anotações manuscritas durante as aulas. Da mesma forma, o entusiasmo para estudar nos livros demonstrou-se bem maior do que o estudo pela Internet: “Eu gosto mais dos livros. Porque para mim eu preciso de algo físico, que você folheie e que você olhe mesmo, você pegue”. Em relação às práticas de estudo, a cotista mencionou o uso simultâneo do celular com demais atividades: “Eu meio que estudo, aí já mexo em outra coisa. Estudo, mexo em alguma coisa. Sempre estou com o celular também na mão. Mas estudo”.

Cotista 6

Estudante de Direito, 19 anos, morador do Recanto das Emas (DF), com a avó e a irmã. São órfãos. A renda familiar mensal gira em torno de 1 a 3 salários-mínimos (entre R\$ 1.045 e R\$ 3.135). A avó não chegou a frequentar o Ensino Fundamental e é costureira. A mãe tinha o Ensino Médio completo e o pai concluiu o Ensino Fundamental. O cotista começou a trabalhar como estagiário. Sempre estudou em escola pública. No nono ano, começou a estagiar como menor aprendiz na Asa Norte. No terceiro ano, fez um semestre do Bora Vencer, cursinho social, fez Pré-Pas do Galt (cursinho social) e Pré-Enem, que durou alguns meses, tudo no terceiro ano do Ensino Médio. Se dedicava aos estudos por três a quatro horas por dia antes da pandemia, sem contar as horas de aula. Durante a pandemia, o número de horas dedicadas ao estudo diminuiu para 2 horas diárias, sem contar as horas de aula. Como tática de estudo, o cotista revisava o conteúdo das provas:

Para as provas eu geralmente leio o conteúdo que vai cair na prova. Eu olho o conteúdo e aí se são textos eu leio os textos. Tento às vezes fazer algum resumo. E às vezes, já aconteceu, mas não acontece tanto, de gravar a aula e escutar depois o

professor falando. Discutir com colegas sobre o assunto também às vezes me ajuda muito. Acho que isso.

O estudante elaborava os resumos à mão ou no computador, com maior frequência, digitados. O local de estudo era o próprio quarto, é composto por uma mesa e uma cadeira. Trabalhava na Federação Nacional das APAEs, na área de gestão de qualidade, 6 horas por dia. Recebia gratuidade no RU. Entre as dificuldades para ingressar na universidade, declarou que:

Durante todo o ensino médio nós, escola pública tem várias dificuldades. O próprio ensino público é muito deficitário em algumas questões. Sabe? [...] Têm muitas pessoas, mas é um pouco mais difícil assim. Geralmente ou as pessoas estudavam muito, mais do que o normal às vezes, ou elas faziam cursinho ou não sei. Tanto é que lá na minha escola passaram algumas pessoas.

Dentre as dificuldades de permanência no curso, a linguagem dos textos foi citada: “Mas nos primeiros momentos, assim, os trabalhos eles eram bem complexos assim para nós. Sabe? E os textos, às vezes tinham textos muito difíceis [...]. Esses textos assim com uma linguagem de outro mundo”. Por essa razão, a leitura constante e repetitiva foi uma opção adotada para diminuir as dificuldades e se apropriar do conteúdo. Acerca do uso das TIC na universidade, o cotista pontuou que os professores: “partem do princípio que todas as pessoas têm acesso à internet e computador”, e que as aulas presenciais eram mediadas, no máximo por um Datashow com slides. A maioria das aulas eram expositivas, um curso muito teórico. Em sala de aula, o cotista utilizava celular e notebook para realizar pesquisas em sala. Ainda, declarou que, apesar das dificuldades enfrentadas no ingresso e permanência na universidade, podia contar com uma rede de apoio muito forte, composta em sua maioria por alunos da rede pública que “também passavam pelas mesmas coisas que eu”. O estudante demonstrou mais entusiasmo em estudar pela Internet, pois os livros carregam uma linguagem mais difícil que o conteúdo disponível na web e que, esta, “Dá-me outras ferramentas que não só a leitura”.

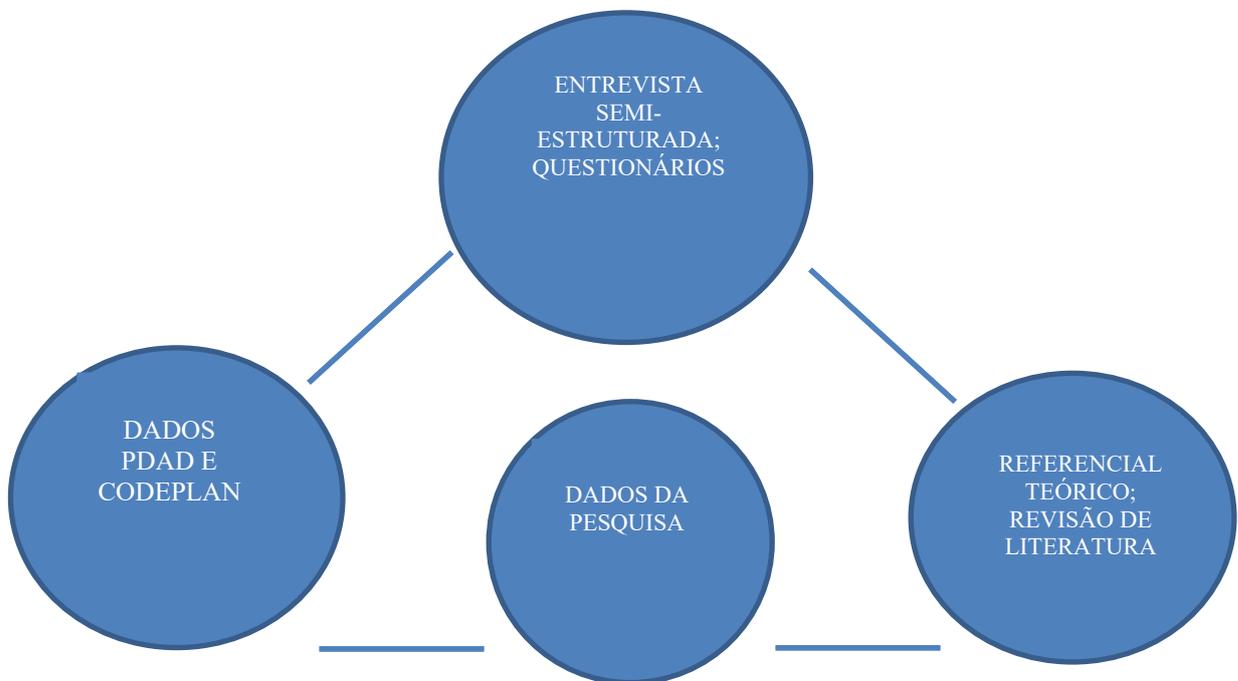
Os dados de diferentes anos (2017, 2018, 2020) colaboram para elaborar uma visão longitudinal sobre o acesso ao ensino superior por estudantes da rede pública do DF. Os dados serão a base para o aprofundamento da temática da pesquisa no próximo capítulo. Dessa forma, os dados relativos à trajetória escolar e familiar, à rotina e táticas, às dificuldades em relação ao acesso e uso das TIC e apropriação do capital cultural midiático serão apresentados por unidades de análise (CORAZZA, 2016), buscando-se evidenciar as dissonâncias e convergências entre estudantes cotistas e estudantes candidatos, à luz da metodologia indicada, do referencial teórico e da revisão de literatura.

5 UNIDADES DE ANÁLISE E ANÁLISE DE DADOS

Corazza (2016) em seu trabalho discorre como desenvolver um “exercício analítico” a partir da análise de dados, partindo da elaboração de unidades analíticas com o propósito de discorrer sobre o objeto analisado de maneira mais extensiva, crítica e profunda, isto é, que “[...] nos permitam olhar e dizer coisas diferentes das que são olhadas e vistas, com outros óculos e linguagem” (CORAZZA, 2016, p. 99), e que apresente conexão entre o referencial teórico e análise de dados. Diante da proposta de Corazza (2016), optou-se por realizar a análise de dados da pesquisa estabelecendo unidades analíticas em relação à triangulação de dados proposta por Triviños (1987).

Segundo Triviños (1987), a triangulação de dados abrange os processos e produtos centrados no sujeito pesquisado; elementos produzidos pelo meio em que o sujeito está inserido e os processos e produtos originados pela estrutura socioeconômica, cultural e tecnológica, que serão base para investigar as percepções dos sujeitos das pesquisas, conforme registradas nos questionários e nas entrevistas. Na Figura 3, ilustra-se o esquema que representa a triangulação de dados da presente pesquisa.

Figura 3 - Triangulação de dados da pesquisa



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

5.1 CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL DOS ESTUDANTES E DAS SUAS FAMÍLIAS: DISSONÂNCIAS E CONVERGÊNCIAS

Os dez estudantes que responderam ao questionário e participaram das entrevistas (em 2018 e 2020) eram prováveis candidatos a cursos seletivos, entre os almejados, estavam Medicina, Direito, Engenharia Civil e Psicologia. Os quatro cursos citados foram os mais seletivos desde a criação do PAS (1996 a 2017), segundo Lira (2017). Acerca da trajetória escolar e familiar, dez estudantes apresentam configurações familiares com as seguintes características: famílias de baixa-renda ou média-baixa renda (CODEPLAN, 2018), com moradias localizadas em regiões administrativas periféricas, nove casas com, ao menos, três ou mais moradores, com acesso à Internet; três estudantes não possuem acesso à Internet em casa, utilizando apenas os dados móveis do celular para navegar na web. Os pais e mães ocupam cargos em áreas subalternizadas, ou seja, trabalhos manuais que, geralmente, são menos valorizados em comparação aos trabalhos mais prestigiados, que geram reconhecimento social e melhores salários, o que demanda a posse de “conhecimento diferenciado” (SOUZA, 2018, p. 51) fruto de um capital cultural distintivo e enraizado que resulta em privilégios no jogo social. Entre as ocupações dos pais, cargos como eletricista, segurança, motorista, enfermeiro e autônomo são mencionados, já entre as mães, sobressaem-se a ocupação de dona de casa e outros cargos, como doméstica, auxiliar de manipulação, recepcionista, conselheira tutelar. Segue o Quadro 2 para melhor visualização do perfil das famílias dos estudantes candidatos.

Quadro 2 - Dados do perfil dos pais dos estudantes candidatos a cursos seletivos (2018 e 2020)

Idade	Curso almejado	Local de moradia	Ocupação do pai	Ocupação da mãe	Grau de escolaridade do pai	Grau de escolaridade da mãe
17 anos	Direito	Valparaíso de Goiás	Gerente administrativo	Dona de casa	Ensino Superior	Ensino Superior
18 anos	Medicina	Guará I	Enfermeiro	Dona de casa	Pós-Graduação incompleta	Ensino Fundamental
18 anos	Direito	Ceilândia	Autônomo	Dona de casa	Não informou	Ensino Superior
17 anos	Direito	Sol Nascente	Eletricista	Doméstica	Ensino Fundamental	Ensino Médio
17 anos	Medicina	Ceilândia	Segurança	Auxiliar de manipulação	Ensino Médio	Ensino Médio
17 anos	Engenharia Civil	Ceilândia	Motorista	Servente	Não informou	Ensino Médio incompleto
18 anos	Direito	Ceilândia	Não informou	Recepcionista	Ensino Médio	Ensino Fundamental incompleto

Idade	Curso almejado	Local de moradia	Ocupação do pai	Ocupação da mãe	Grau de escolaridade do pai	Grau de escolaridade da mãe
17 anos	Direito ou Medicina	São Sebastião	Beneficiário do INSS	Beneficiária do INSS	Ensino Fundamental	Ensino Fundamental
18 anos	Psicologia	Paranoá Park	Auxiliar técnico radiologista	Conselheira tutelar	Ensino Superior	Ensino Superior
18 anos	Psicologia	Brazlândia	Gerente	Desempregada	Ensino Superior	Ensino Superior

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

As características dos nove estudantes matriculados em cursos seletivos, entrevistados em 2017 e 2020, não divergem muito do perfil das famílias dos estudantes candidatos, como demonstra o Quadro 3.

Quadro 3 - Perfil dos pais dos universitários ingressos em cursos seletivos (2017 e 2020)

Idade	Curso	Local de moradia	Ocupação do pai	Ocupação da mãe	Grau de escolaridade do pai	Grau de escolaridade da mãe
19 anos	Medicina	Recanto das Emas	Gerente de loja	Estudante	Ensino Médio incompleto	Ensino Superior
19 anos	Medicina	Asa norte	Recursos humanos	Técnica em enfermagem	Ensino Superior	Nível técnico
18 anos	Direito	Águas Claras	Administrador de empresa	Assistente	Ensino Superior incompleto	Ensino Médio
22 anos	Direito	São Sebastião	Servidor público dos Correios	Autônoma (boleira)	Nível Técnico	Ensino Superior
20 anos	Direito	Gama	Desempregado	Professora	Ensino Médio	Ensino Superior
20 anos	Direito	São Sebastião	Supervisor de uma empresa de vigilante	Encarregada de serviços gerais	Ensino Fundamental	Ensino Superior
19 anos	Direito	Sobradinho	Motorista	Desempregada	Ensino Fundamental	Ensino Superior
25 anos	Medicina	Taguatinga	Bancário	Servidora pública	Pós-graduação	Ensino Superior
19 Anos*	Direito	Recanto das Emas	falecido	falecido	Ensino Fundamental	Ensino Médio

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

A trajetória escolar dos pais dos estudantes ingressos em cursos de alta demanda apresenta maior prolongamento em anos de escolaridade em relação aos pais dos possíveis candidatos, principalmente quando se refere ao nível de escolaridade das mães. Vale destacar,

que a formação superior dos pais dos cotistas não foi concretizada em universidades públicas. A respeito do grau de escolaridade dos brasileiros, o último estudo realizado pelo IBGE - PNAD Contínua²² (2012-2019) revela que apenas 17,4% dos brasileiros de 25 anos ou mais alcançaram o grau de graduado, cerca de 27,4% se formaram no Ensino Médio, 8% completaram o Ensino Fundamental e cerca de 32,2% não concluíram o Ensino Fundamental. Em outras palavras, o acesso e formação no Ensino Superior ainda apresenta taxas baixas em comparação à formação na Educação Básica. Como se pode observar no número de pais formados no Ensino Superior ou com o nível superior incompleto, do total de 38 pais e mães, apenas 17 possuem diploma de graduação ou estavam em vias de concluírem essa etapa de ensino à época da pesquisa. Apesar disso, todos os estudantes mencionaram a influência dos pais nas escolhas, evidenciando características associadas à moral, como empenho, esforço e dedicação dos progenitores em oferecer meios para o prolongamento escolar, tornando-se inspirações e exemplo profissional nas trajetórias dos filhos, como pontuado nas seguintes falas:

Apoia a gente na profissão, nos estudos também, especialmente me sinto apoiada pelos meus pais [...] Eu quero ser dedicada como a minha mãe é, ela é bem focada (Candidata a Psicologia (1) - 2020).

Os meus pais. Porque os dois são muito empenhados, colocam a mão em alguma coisa e eu noto que eles se dedicam. Eu quero muito isso (Candidata a Psicologia (2) - 2020).

Minha mãe, porque ela sempre tava ali pra mim, sempre esforçada, me ajudou em tudo, tudo que eu precisava, até hoje me ajuda. Devo muita gratidão a ela. Então quando eu me formar vou ajudar da forma que eu puder (Candidato a Direito ou Medicina - 2020).

Similarmente, os estudantes cotistas enfatizaram como exemplos de vida profissional os pais, especialmente as mães, que são admiradas por sua ocupação e esforço:

Profissional... acho que mais chegaria próximo, seria mais a minha mãe. Porque da família ela foi a única, da família nuclear pelo menos, ela foi a que conseguiu fazer o Ensino Superior e que trabalha com o que se formou (Cotista 2 - 2020).

Eu acho que minha mãe é muito batalhadora, muito batalhadora de vida, porque assim, tipo ela, criou, tipo uma mãe solteira criou dois filhos numa cidade longe dos pais, então, muito batalhadora assim [...] a minha irmã é dentista, aí no caso ela faz, ela trabalha com que ama de fato, sabe? Então tipo, acho minha irmã, e minha mãe também como profissional, como ela trabalha com bolo, ela gosta muito, realmente ela gosta de fazer e minha irmã também, tipo ela é apaixonada pela área dela! Acho que as principais são a minha mãe e minha irmã (Cotista 1 - 2020).

Daqui é minha mãe, porque ela sempre trabalhou. Era do Piauí, veio para cá trabalhar em casa de família e foi tentando crescer na vida. Ela sempre foi um exemplo para mim (Cotista 4 - 2020).

²² Para maiores informações sobre a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua realizada em 2019, pelo IBGE, acessar o site https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101736_informativo.pdf

Eu colocaria novamente o meu pai e a minha mãe, porque mesmo que eles não estejam no mesmo ramo que o meu, muita coisa que eu faço no trabalho são coisas que eu aprendi com eles. A minha mãe sempre me ensinou muito que nós temos que entregar o nosso melhor. E o meu pai sempre me ensinou que temos que ter humildade para aprender. Sempre que eu estou com dúvida em alguma coisa, eu fico com vergonha de perguntar, eu lembro do meu pai. A humildade vai além da honra. Eu vou lá e pergunto. Minha mãe sempre foi muito detalhista com as coisas, de me ensinar a fazer as coisas bem-feitas. Ela sempre fala que o preguiçoso trabalha duas vezes (Cotista 3 - 2020).

O *habitus* familiar (BOURDIEU, 2013) singular de cada família molda a moral dos sujeitos, moral enraizada na “hierarquia moral invisível” (SOUZA, 2018, p. 14) inclinada à ideia platônica de virtude que, segundo o mesmo autor, define o que é bom e o que é ruim. Essa fonte de moral que direciona as práticas dos indivíduos se torna base para avaliação das suas ações e das ações dos outros. Através dessa comparação, o sujeito se autoconhece e avalia o que é virtude e o que é não é, com base na moral social que, no caso da América Latina, está fundamentada em uma baixa estima que enaltece o modelo norte americano, visto como imagem e exemplo do correto e íntegro, especialmente entre as classes médias (SOUZA, 2018). As necessidades das classes populares reconhecidas como virtudes se respaldam em um discurso fundado em uma moral supostamente voltada em reproduzir uma visão de mundo igualitário (SOUZA, 2018), como aparece nas falas dos estudantes, que expressam como se espelham nos pais e projetam um perfil profissional associado às virtudes dos progenitores, no esforço e empenho para alcançar seus objetivos ou sonhos.

As formações discursivas “humildade vai além da honra” e “preguiçoso trabalha duas vezes” (Cotista 3 - 2020) estão carregadas de um discurso que favorece virtudes como esforço e honra, pois enfocam conceitos que, no contexto da frase, cobram, implicitamente, uma postura do indivíduo defronte às situações sociais, influenciando suas ações. As relações familiares têm grande influência não só na trajetória escolar, ou seja, elas moldam repertório, ideias e posturas dos indivíduos. Vale ressaltar que as redes familiares, de acordo com os recursos que oferecem, a exemplo do suporte financeiro, acolhimento, bem como a cobrança, geram ambientes favoráveis e um “sentimento de segurança” (SETTON, 2016) que corroboram para o prolongamento escolar. Essa convivência conseqüentemente reflete nos filhos e se manifesta em suas falas. A moral ou “valores-guia” que direcionam decisões, posturas, no caso dos brasileiros, está vinculada, principalmente, às relações estabelecidas por afinidades, proximidade e familiaridade.

Souza (2006), fundamentando-se nos escritos de Taylor (1989)²³, ressalta que os valores são construídos por afinidades, podendo ser a favor ou contrários a elas. Destarte, as experiências com as famílias adquirem uma carga afetiva e se tornam referência e inspiração para os filhos, logo, sentidos são gerados nas relações sociais, principalmente intrafamiliar. Não por acaso, na educação formal, essas avaliações também permeiam as ações: “A força vinculante dessas avaliações é tal que pensamos nelas como intuições instintivas e naturais por contraste e reações morais que sabemos advir da socialização e da educação formal” (SOUZA, 2006, p. 15). Nesse sentido, as condições de existência desses jovens, em sua maioria, com renda média baixa até baixa renda (PDAD, 2018), com baixo nível de capital cultural (objetivado e institucionalizado), são fatores que contribuem diretamente para a visão de mundo, formação da moral e expectativas de prolongamento escolar dos cotistas.

Outro ponto relevante presente nas respostas dos estudantes é a possibilidade de não trabalhar durante a Educação Básica, sendo que os entrevistados poderiam optar por estagiar ou não no período de formação básica ou superior. Isto é, a não obrigatoriedade ou pressão por parte dos familiares para ingresso no mercado de trabalho de forma imediata permite ampliar os horizontes desses jovens no que tange ao ingresso à educação superior. Tal ação, denominada como “moratória temporária” por Bonaldi (2018), seria a concessão de estadia pelos pais e custeio de despesas básicas aos jovens, tornando-se uma disposição em prol de impulsionar a trajetória escolar dos filhos. Do total de 10 estudantes candidatos, apenas 2 estagiavam no período em que cursaram ou estavam cursando o terceiro ano do Ensino Médio. Entre os nove universitários entrevistados, quatro mencionam que não trabalhavam, nem estagiavam, devido à alta demanda de dedicação que o curso lhes solicitava. Outros cinco estagiavam para arcar com despesas pessoais e auxiliar com as despesas de casa. Logo, seis estudantes estagiaram ou faziam estágio no período em que cursaram ou estavam cursando o Ensino Médio ou Ensino Superior. Vale destacar que os universitários eram cotistas e os prováveis universitários iriam candidatar-se às vagas de cotas para escola pública, e/ou renda, e/ou racial.

A respeito do perfil econômico dos sete candidatos que responderam ao questionário em 2018, a renda de cinco famílias gira em torno de 3 a 4 salários mínimos (entre R\$ 2.862,00 e R\$ 3.816,00), a renda familiar aproximada de outra família é de 1 a 2 salários mínimos (entre R\$ 954,00 e R\$ 1.908,00) e um jovem não mencionou a renda familiar aproximada. Vale salientar que os valores do salário-mínimo desse questionário se referem ao valor do ano de

²³ Souza (2006), ao discorrer sobre a origem da intuição moral e seus bens formativos, fundamenta-se em uma das obras mais influentes de Charles Taylor, *The Sources of the Self* (1989). Para maiores informações, acessar: <<https://philpapers.org/archive/BRETMO-5.pdf>>.

2018, que era de R\$ 954,00. A renda familiar dos três estudantes candidatos entrevistados em 2020 apresenta variações com os seguintes valores de renda familiar mensal: acima de 4 salários-mínimos (R\$ 4.180,00), até 1 salário-mínimo (R\$ 1.045,00) e de 3 a 4 salários-mínimos (entre R\$ 3.135,00 a R\$ 4.180,00). Entre os seis estudantes entrevistados que cursavam Direito e Medicina em 2020, dois mencionaram que a renda familiar girava em torno de 1 a 3 salários-mínimos (entre R\$ 1.045,00 e R\$ 3.135,00), outros dois cotistas declararam renda de 3 a 4 salários-mínimos (entre R\$ 3.135,00 e R\$ 4.180,00), a renda de outro jovem estava entre 4 a 6 salários-mínimos (entre R\$ 4.180,00 e R\$ 6.270,00) e uma apresentou renda acima de 6 salários (R\$ 8.360,00). Os outros três estudantes cotistas entrevistados em 2017 não mencionaram o valor da renda mensal familiar, mas um se considerava de renda baixa e outros dois de classe média. A PDAD realizada pela CODEPLAN (2018) no Distrito Federal considera como renda domiciliar média-baixa renda e baixa renda, domicílios com renda média R\$ 3.101,00 e R\$ 2.472,00, respectivamente, logo, pode-se considerar a renda domiciliar média das famílias dos estudantes candidatos respondentes majoritariamente, em que seis apresentaram média-baixa renda, em sequência, dois apresentaram renda abaixo do valor da renda domiciliar média no Grupo 4 (baixa renda) (CODEPLAN, 2018). A renda domiciliar entre os cotistas se concentrou mais nas opções de (dois) baixa renda e (dois) média-baixa renda.

Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (IBGE, 2019) sobre a educação, ainda predomina alto índice de indivíduos (51,2%) que não concluíram o Ensino Médio. Observa-se, também, que o número de indivíduos com nível superior completo vem crescendo, ou seja, de 2016 a 2019, a porcentagem de brasileiros formados saltou de 15,3% para 17,4%. Contudo, o fator renda está correlacionado com o nível de instrução, como alguns autores apontam (LAYLA, 2012; ZAGO, 2006), desse modo, quanto maior a renda, maior os anos de escolaridade. Os dados do PNAD (2019) demonstram que entre os principais motivos da não frequência dos indivíduos ou não conclusão do Ensino Superior, bem como não frequência em curso da educação profissional ou de pré-vestibular, seriam: “precisa trabalhar” com 44,4%, “falta de dinheiro para pagar as despesas” com 17,5%, 10,6% assinalaram a opção “por já ter concluído o nível de estudo que desejava” e 10,1% a justificativa “Não tem interesse”, como a quarta opção mais votada entre jovens com idade entre 15 a 29 anos (CODEPLAN, 2019). Os dados confluem para outro ponto, que seria a ocupação, cuja maioria dos jovens entre 18 e 24 anos (31,5%) e 25 e 29 anos (57,3%) estão ocupados, no sentido de estar trabalhando e não estudam nem se qualificam, isto é, são jovens que, por diversos motivos (alguns elencados anteriormente), não estudam. Tal fator pode estar associado à condição social do sujeito, à necessidade de trabalhar para auxiliar nas despesas e ao próprio sustento.

As diferenças se manifestam de diversas formas no meio social e, por meio delas, os indivíduos moldam suas relações, podendo ser excluídos ou sofrer ações decorrentes dos contrastes sociais de determinados espaços. Segundo Fry (2012, p. 228), “[...] é no processo social que se definem os critérios da distinção, tornados de tal modo corriqueiros, que parecem naturais”. O processo de classificação dos indivíduos parte de uma classificação pré-existente (presente na ideologia dominante) que deixa em evidência as diferenças no momento de classificar, processo que toca em “planos do poder e das representações”. Algumas diferenças, muitas vezes, se desdobram em desigualdades e são marcadas por elas. Com o intuito de desnaturalizar as desigualdades, os marcadores sociais, como classe, raça, gênero, entre outros, se convertem em sinalizadores da dinâmica social, podendo ser oportuno considerá-los como uma fonte para estudar, criticar, caracterizar as desigualdades e, por meio do seu estudo, análise e interpretação, busca-se compreender sua prática em vias de pôr em evidência aquilo que está oculto, o não dito.

Marcio Zamboni conceitua os marcadores sociais da diferença como “[...] sistemas de classificação que organizam a experiência ao identificar certos indivíduos com determinadas categoriais sociais” (ZAMBONI, 2014, p. 13). Tais sistemas são construídos, não são naturais e estão articulados à trajetória de vida, em um determinado tempo e espaço. Com diferentes modos de ser e estar no mundo, os indivíduos evidenciam formas de interação singulares, o como se portar em frente às situações, se expressar, vestir, e suas experiências estão intimamente ligadas ao social e às representações sociais. Nesse contexto, no caso de uma pessoa da periferia, com trajetória escolar em escolas públicas, infere-se que o marcador social classe pode estar associado ao nível de escolaridade e ambos concorrem para a reprodução de desigualdades sociais.

Nesse contexto de desigualdade social e escolar, as ações afirmativas revelam-se como políticas de suma importância para amenizar os efeitos cruéis da desigualdade, especialmente no acesso ao ensino superior público. Fry (2012, p. 232) enfatiza que “[...] a luta contra as desigualdades é, fundamentalmente, uma luta contra as representações negativas ainda hoje associadas a determinados grupos e categorias sociais, que assim permanecem estigmatizados”, então, representações são associadas à categoria social. Logo, conforme Lira (2017), ao se pensar na imagem de um estudante aprovado em um curso de alta seletividade social, a maioria das notícias jornalísticas apresentam a imagem de um garoto branco que estudou em escola particular e frequentou cursinhos preparatórios.

Nessa vertente, dados do IBGE divulgados no estudo realizado pelo Banco Central (2019) exibem dados correlacionando “Escolaridade e rendimentos do trabalho”, verifica-se

que quanto maior o nível de escolaridade, maior será o retorno financeiro ou econômico, possibilitando, também, melhor acesso às oportunidades de trabalho, com maiores rendimentos. Todavia, o estudo reconhece que não apenas o fator nível de instrução influencia na renda, “Outros atributos – como anos de experiência laboral, total de horas trabalhadas, atividade, localização, vínculo formal/informal – também podem ter impacto nos rendimentos” (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2019, p. 71). O fator social reflete na rede de relações, direciona trajetórias escolares, molda percepções e posturas frente às situações sociais (BOURDIEU, 2013). Contudo, estudantes esperam que por meio do certificado de nível superior, um capital institucionalizado, se alcance melhores condições de vida financeira, entretanto, dificuldades impostas pelo sistema de ensino obstaculizam o ingresso de estudantes de baixa renda, como os exames de ingresso que solicitam nível de conhecimento e interpretação de questões densas.

Cesar (2013), a partir dos dados de sua pesquisa sobre os mecanismos de seleção para o ingresso na educação superior, tendo como referência o PAS e o Vestibular da Universidade de Brasília, constatou que há “relação positiva com o nível socioeconômico”(CESAR, 2013, p. 43) e o local de moradia, ou seja, a região em que o jovem reside contribui ou não para o ingresso em cursos mais ou menos concorridos. Esse dado também se repete entre os estudantes candidatos. Os cursos menos concorridos seriam espaços mais ocupados por indivíduos das classes populares, ou seja, de baixa renda. Nesse quesito, sublinha-se a falta de interesse de moradores das regiões do Distrito Federal com baixo nível socioeconômico em se candidatar em cursos de alta seletividade, ao passo que os fatores relacionados ao ingresso em cursos seletivos (Medicina, Direito e Engenharia Civil) associam-se ao perfil de estudante do sexo masculino, que frequentou curso preparatório e com mães com alto nível de escolaridade (ensino superior completo ou pós-graduação). Segue Quadro 4 com o perfil dos estudantes candidatos e cotistas.

Quadro 4 - Perfil dos estudantes candidatos e cotistas (2017, 2018 e 2020)

Candidato ou Cotista	Curso de língua	Intercâmbio	Cursinho preparatório	Renda média familiar ou classe social	Local de moradia
Candidato 1	Inglês	Não	Sim	3 a 4 salários-mínimos	Paranoá Park
Candidato 2	Inglês	Não	Não	1 salários-mínimos	São Sebastião
Candidato 3	Inglês	Não	Não	4 salários-mínimos	Brazlândia
Candidato 4	Inglês	Não	Não menciona ²⁴	3 a 4 salários-mínimos	Ceilândia
Candidato 5	Inglês	Não	Não menciona	3 a 4 salários-mínimos	Valparaíso do Goiás

²⁴ A opção “não menciona” faz referência aos questionários que a opção cursinho preparatório não foi preenchida, afetando, assim, no levantamento de dados.

Candidato ou Cotista	Curso de língua	Intercâmbio	Cursinho preparatório	Renda média familiar ou classe social	Local de moradia
Candidato 6	Inglês	Não	Não menciona	3 a 4 salários-mínimos	Ceilândia
Candidato 7	Inglês	Não	Não menciona	3 a 4 salários-mínimos	Guará I
Candidato 8	Espanhol	Não	Não menciona	2 a 3 salários-mínimos	Sol Nascente
Candidato 9	Espanhol	Não	Não menciona	1 a 2 salários-mínimos	Ceilândia
Candidato 10	Francês	Não	Não menciona	Não sabe	Ceilândia
Cotista 1	Não concluiu	Não	Sim	3 a 4 salários-mínimos	São Sebastião
Cotista 2	Inglês	Não	Sim	1 a 3 salários-mínimos	Gama
Cotista 3	Inglês	Não	Sim	Classe média	Recanto das Emas
Cotista 4	Inglês	Sim	Sim	Classe média	Asa Norte
Cotista 5	Inglês	Não	Sim	Classe de baixa renda	Águas Claras
Cotista 6	Inglês	Não	Sim	Acima de 6 salários-mínimos	Taguatinga
Cotista 7	-	Não	Sim	1 a 3 salários-mínimos	Recanto das Emas
Cotista 8	Inglês	Sim	Sim	4 a 6 salários-mínimos	Sobradinho
Cotista 9	Inglês	Não	Não	3 a 4 salários-mínimos	São Sebastião

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Os dez estudantes candidatos entrevistados se dividem em sete mulheres e três homens. A maioria (09) mora em regiões de média-baixa renda e baixa renda; do total de dez mães, apenas quatro concluíram o ensino superior e uma estudante frequenta um cursinho preparatório on-line. Em contrapartida, os nove estudantes cotistas são seis homens e três mulheres, moram em regiões (uma) alta renda, (quatro) média-alta renda, (duas) média-baixa renda (duas) baixa renda; do total de nove mães, seis concluíram o curso superior. A maioria, sete, frequentou cursinhos preparatórios durante o Ensino Médio e um cotista após. Dois jovens tiveram oportunidade de realizar um intercâmbio internacional, sendo que um intercâmbio foi graças ao programa conveniado pelo Centro Interescolar de Língua estrangeira (CIL). Outro estudante ganhou uma bolsa para participar de uma conferência internacional. Vale destacar que alguns estudantes candidatos frequentavam curso de língua estrangeira, já os cotistas levaram em consideração apenas o curso concluído, isto é, se havia ou não certificado de conclusão. Diante desse quadro, pode-se inquirir que estudantes cotistas apresentam maior proximidade às características de estudantes ingressos de cursos seletivos, mencionados por Cesar (2013), em comparação aos estudantes candidatos.

Boa parte dos estudantes candidatos também frequentou ou frequentava curso de língua estrangeira disponibilizado nos CILs. Do total de dez estudantes candidatos, nove cursaram ou cursavam língua estrangeira nesses centros: (sete) inglês, (dois) espanhol e (um) francês. Os

sete estudantes cotistas cursaram inglês nos CILs e apenas um cotista não se formou devido à distância entre o curso e sua residência.

5.2 INFLUÊNCIA DOS PAIS NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO

Entre os relatos dos estudantes, é evidente o incentivo dos pais ao prolongamento escolar dos filhos. A não obrigatoriedade e a pressão por parte dos pais para que seus filhos ingressem no mercado de trabalho, como o custeio de despesas básicas e palavras de apoio e incentivo, colaboram para um ambiente profícuo ao prolongamento escolar (SETTON, 2005). Os seis estudantes cotistas, ao serem questionados se o grau de escolaridade de seus pais refletiu na trajetória escolar ou escolha do curso, ressaltaram aspectos relacionados à desigualdade social:

Acho que sim, porque, eu vejo que, pelo menos amigos que cresceram comigo que não tiveram, cujos pais não tiveram oportunidade de fazerem um curso superior, tinham bem mais dificuldade de acesso (Cotista 2 - 2020)

[...] mas acho que a influência da família e dos responsáveis acaba tendo um pouco na escolha, sabe? Indiretamente (Cotista 1 - 2020).

Mas eu ficava pensando que o meu pai não teve oportunidade de estudar, a minha mãe não teve oportunidade de ir para a faculdade. E eu via que realmente o Direito era um vetor social que eu podia fazer alguma mudança. Mesmo que pouco, mas eu já estava mudando alguma coisa. Eu não diria que refletiu, mas que influenciou (Cotista 3 - 2020).

Da mesma forma, o interesse de fornecer um retorno financeiro aos familiares, acrescido de um sentimento de dívida com os pais, foi compartilhado entre estudantes candidatos e cotistas. Os três estudantes candidatos respondentes assinalaram que (um) sempre ou (dois) muitas vezes sentem que possuem uma dívida moral com os pais. E quando se mencionou sobre a escolha do curso, seis relatos associados às expectativas de retorno financeiro e social foram frequentes: “e eu vi no Direito uma oportunidade de mudar isso, mudar essa realidade” (Cotista 3 - 2020). Isso demonstra esperanças de converter um capital cultural em capital econômico, isto é, o esforço e a oportunidade de ingressar na universidade poderão render benefícios financeiros.

Ao serem questionados sobre quais condicionantes mais colaboraram para o seu ingresso, os seis cotistas mencionaram a família, o cursinho preparatório, o esforço próprio, a rotina de estudos árdua: “Os cursinhos, eu fazer provas antigas, simulados, essas coisas” (Cotista 6 - 2020), outra estudante pontuou: “Eu acho que a minha condição financeira, principalmente” (Cotista 5 - 2020), outro cotista relatou que presenciar o ingresso de parentes próximos na universidade contribuiu como fator preponderante no ingresso, ao passo que

fomentou a expectativa de ingresso: “então uma prima era bolsista de algum lugar, dessas escolas particulares e ela entrou na UnB. Depois que ela entrou, meu irmão também entrou, mas principalmente depois que ela entrou, eu comecei a ver que poderia ser possível” (Cotista 4 - 2020).

A política de Cotas não foi mencionada entre os condicionantes que mais colaboraram para a conquista de uma vaga na universidade, o que leva a refletir sobre como se dá o debate quanto à importância da política de Cotas na mídia, bem como, na universidade. Vale ressaltar que a Universidade de Brasília foi uma das pioneiras a implantar a política de cotas²⁵ raciais no processo seletivo de ingresso à universidade e, após 10 anos, implantou a política de cota social, que leva em consideração a renda familiar, reduzindo o número de vagas destinadas aos alunos PPI (pretos, pardos, indígenas).

A falta de capital informacional em relação à política de cotas também pode estar relacionada à ausência de informação que os estudantes cotistas têm acerca dos processos seletivos de ingresso à universidade pública, como pontuado por Bonaldi (2016). Todavia, a opção por ingressar por cotas, e não a mencionar como condicionante importante no processo de ingresso, pode ser reflexo de estudantes que não associam importância a tal política, até porque no dia a dia acadêmico ser ou não ser cotista não oportuniza acesso a espaços ou benefícios especiais, como ressaltaram os entrevistados.

No decorrer das entrevistas, foram mencionados benefícios concedidos aos estudantes, como a gratuidade do passe livre estudantil e alimentação gratuita no restaurante comunitário. Todavia, a gratuidade do passe concedido pelo Governo do Distrito Federal contempla qualquer estudante da Educação Básica (Médio e Fundamental) e Ensino Superior, estudantes de curso técnico ou profissionalizante. O programa bolsa alimentação na universidade tem como requisito que o estudante realize um estudo socioeconômico no Programa de Assistência Estudantil (PPAES) e seja aprovado para que, assim, obtenha a gratuidade das refeições na universidade. Observa-se, então, que em alguns casos, os estudantes cotistas conseguem prevalência²⁶ nos processos seletivos internos para concorrer à bolsa ou ao auxílio, editais que também são abertos ao público acadêmico, tendo possibilidade de outros estudantes também obterem tais auxílios, sem ser cotistas, caso contemplem os requisitos do edital, como renda, de acordo com o deliberado no edital do PPAES. Entre os auxílios e programas concedidos pelo

²⁵ Para maiores informações, acessar o site da Universidade: <https://noticias.unb.br/69-informe/4224-nota-sobre-as-politicas-de-acao-afirmativa-da-unb>.

²⁶ Para maiores informações acerca dos processos seletivos e editais do Decano de Assuntos Comunitários da Universidade de Brasília, acessar o link: <<http://www.dds.dac.unb.br/index.php/noticias01/200-lancamento-de-novos-editais>>.

Decanato de Assuntos Comunitários (DAC/UNB) estão o auxílio emergencial de apoio à saúde mental; auxílio emergencial de apoio socioeconômico; auxílio alimentação emergencial; programa bolsa alimentação; auxílio emergencial de apoio à inclusão digital.

Entre os condicionantes que colaboram para a permanência na universidade, os cotistas frisaram o incentivo e o apoio da família, incluindo a “moratória provisória” (BONALDI, 2016). Do mesmo modo, o passe estudantil e o acesso gratuito a três refeições diárias no restaurante universitário são condicionantes que, sem os quais, sublinharam, não seria possível cursar graduação na UnB. Observa-se que algumas condicionantes que contribuem para a permanência envolvem o corte de gastos, ou a economia financeira, o que leva a interpretar que a permanência universitária custa caro, elevando a importância de ações dos programas de assistência estudantil.

Na Educação Básica, a mãe de um cotista não pôde participar com frequência na vida escolar do estudante devido à rotina de trabalho, “[...] porque minha mãe trabalhava o dia todo, não tinha como [...] trabalhava de manhã até de noite, então não tinha tempo” (Cotista 1 - 2020). Nesse caso, era a irmã que participava das reuniões de pais e de outras atividades pedagógicas. Diferente de outros quatro cotistas, cujos pais custeavam alimentação e outros gastos, e os filhos contavam com o apoio e o incentivo, especialmente da mãe, que na maioria dos nove relatos são associadas à persistência e influência profissional. A família aparece como fonte de apoio para o ingresso dos estudantes na universidade, como pontuado por outra cotista: “crucial pra eu ter interesse de entrar na faculdade” (Cotista 5 - 2017). Um cotista sublinha o desejo dos pais de que ele se forme o mais breve possível para que possa ingressar no mercado de trabalho e, assim, gerar algum retorno financeiro para a família:

Ah, eles querem que eu termine no tempo... o mais breve possível, que eu possa conseguir um emprego e pode-los ajudá-los definitivamente sabe? Minha família, então, o que que acontece, eu penso também assim, se eu não puder trabalhar com, por qualquer motivo eu não venha a receber uma remuneração boa, do jeito que eu espero para poder ajudar as pessoas que eu gosto, eu sei que eu vou ter um capital social, algum capital intelectual, e talvez assim eu consiga também ajudar outras pessoas, sabe? (Cotista 2 - 2020).

A preocupação em gerar algum retorno financeiro para a família é maior que compartilhar outros tipos de capitais, como o social e intelectual com os familiares. As esperanças de mudar a renda familiar a partir da qualificação advinda do certificado do curso superior muito se assemelham ao que Bourdieu (2013) discorre sobre as esperanças que as classes populares depositam no sistema de ensino, ou seja, que o prolongamento dos estudos pode gerar vantagens sociais e econômicas, contudo, os proveitos advindos de títulos escolares divergem de acordo com a posição social do indivíduo.

Condicionante fundamental para o sucesso escolar dos segmentos populares é o ambiente familiar (SETTON, 2005), ou seja, pais que transmitem valores fundamentados na disciplina, que se preocupam com a vida escolar dos filhos e fomentem um espaço familiar harmonioso e seguro cooperam para o prolongamento da vida escolar dos filhos. Um dos cotistas menciona sobre o incentivo que os pais lhe dão: “Mas eles sempre me incentivaram a estudar, sempre dizem que é o caminho certo que eu tenho que tomar, sabe?” (Cotista 2 - 2020). O espaço familiar profícuo ao prolongamento escolar é, também, denominado como ambiente educógeno por Cesar (2013). Fundamentada em Teachman (1987), a autora sinaliza que se o ambiente familiar possibilitar o acesso a diferentes recursos educativos estes podem afetar positivamente no rendimento escolar do indivíduo. Então, não basta um ambiente profícuo ao estudo, mas se torna fundamental meios de acesso a esse conhecimento.

5.3 TRAJETÓRIA ESCOLAR

O Quadro 5 expõe o total de dezenove estudantes, dos quais nove deles foram entrevistados e dez ²⁷ responderam ao questionário, portanto jovens que aspiravam ingressar em cursos seletivos. Os outros nove estudantes já ocupavam uma vaga na universidade em cursos concorridos. Nove jovens estudavam em regiões administrativas distantes do Plano Piloto, uma das regiões administrativas com maior renda domiciliar média do Distrito Federal, em contrapartida, Ceilândia (DF), São Sebastião (DF) e Brazlândia (DF), onde sete estudantes residiam e estudavam, são regiões com “média-baixa renda” (CODEPLAN, 2018, p. 8).

Quadro 5 - Origem escolar dos estudantes candidatos e ingressos a cursos de alta seletividade

Ano da pesquisa	Entrevista	Questionário	Estudantes	Cursos de alta seletividade	Ensino Médio	RA*
2018		X	2	Candidato	CEM* Setor Leste	Plano Piloto
2018		X	2	Candidato	CEM 09	Ceilândia
2018		X	1	Candidato	CEM 04	Ceilândia
2018		X	2	Candidato	CEM 02	Ceilândia
2017	X		1	Aprovado	CEM Branco	Plano Piloto
2017	X		1	Aprovado	CEM Setor Leste	Plano Piloto
2017	X		1	Aprovado	CEM Setor Leste	Plano Piloto
2020	X	X	1	Candidato	CEM 01 São Sebastião	São Sebastião
2020	X	X	1	Candidato	CEM 1 Brazlândia	Brazlândia

²⁷ Vale ressaltar que do total de 10 respondentes, 7 responderam ao questionário em 2018 e outros 3 responderam ao questionário em 2020. Esses últimos responderam questionário e participaram das entrevistas.

Ano da pesquisa	Entrevista	Questionário	Estudantes	Cursos de alta seletividade	Ensino Médio	RA*
2020	X	X	1	Candidato	CEM Setor Oeste	Plano Piloto
2020	X		1	Aprovado	CEM Paulo Freire	Plano Piloto
2020	X		1	Aprovado	CEMI Gama	Gama
2020	X		1	Aprovado	Gisno	Asa Norte
2020	X		1	Aprovado	CEL* – Lago Sul	Lago Sul
2020	X		1	Aprovado	CED* Darcy Ribeiro	Asa Norte
2020	X		1	Aprovado	CEM EIT e bolsa*	Taguatinga
Total			19			

RA*: Região Administrativa.

CEM*: Centro Educacional.

CEM*: Centro de Ensino Médio.

CEL*: Centro Educacional do Lago.

Bolsa*: estudou como bolsista em escola particular.

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Todos os dez jovens candidatos frequentaram ou frequentavam o Ensino Médio na rede pública de ensino, exceto uma estudante que cursou o primeiro ano do Ensino Médio em uma escola particular. Em suas trajetórias, cinco realçaram a presença de professores inspiradores, que, em sua ação docente, buscavam incentivar os jovens sobre as possibilidades de ingresso ao ensino superior público. Quanto ao rendimento nas disciplinas, uma estudante que cursou todo o Ensino Fundamental na rede privada comentou sobre a falta de cobrança e nível do conteúdo solicitado na escola pública, sublinhando que:

A particular é mais puxada, e muita coisa que já tinha visto no particular eu via de novo na pública, eu que tinha que procurar mais à frente no conteúdo para estudar. E também o regimento que é mais liberal na pública, me senti menos cobrada (Estudante Candidata - 2020).

A fala da estudante corrobora com as perspectivas apontadas pelos nove estudantes cotistas graduandos de cursos seletivos que realçaram, nas entrevistas, como a ausência de professores e de conteúdo na formação do Ensino Médio fizeram falta durante o curso de algumas disciplinas da graduação, gerando defasagem no ensino:

Eu sinto uma diferença de base, por exemplo eu tive dificuldade, no segundo ano eu não tive professor de química, se eu tive dois meses de aula de química foi muito, no terceiro ano teve greve, eu tive que estudar sozinho, eu estudei o essencial pra passar no PAS, mas eu não sei, não sabia até então tudo de química, que era necessário da base, e aí por isso fica essa defasagem, mas não é que a gente não é capaz é que a gente não teve acesso, mas poderia recompensar (Cotista 3 - 2017).

Eu tive muito problema com matemática, eu acho que isso veio da minha formação no ensino fundamental. Porque assim, no Setor Leste, eu tive ótimos professores de matemática, mas às vezes eu tinha dificuldade de acompanhar o conteúdo porque eu não tinha os pré-requisitos necessários pra acompanhar o conteúdo (Cotista 5 - 2017).

Logo no início nós temos muito um choque de realidade porque os métodos de avaliação são muito diferentes, os métodos de aula são muito diferentes. Tanto é que em uma matéria de introdução que eu tive eu tinha que fazer uma resenha. Foi a minha primeira resenha. Eu nunca tive isso na escola. E aí eu tive muita dificuldade. Muita dificuldade na época em fazer. E aí eu tive ajuda de uma amiga minha que era veterana que era da minha escola também. E aí ela me ajudou a fazer. Mas nos primeiros momentos assim os trabalhos eles eram bem complexos assim para nós. Sabe? E os textos, às vezes tinham textos muito difíceis. Uma leitura muito. Mas isso aí eu acho que já era normal para a maioria das pessoas. Esses textos assim com uma linguagem de outro mundo (Cotista 6 - 2020).

A falta de qualidade do ensino da rede pública foi tema recorrente nas falas dos nove estudantes graduandos entrevistados (em 2017 e 2020), o que pode gerar implicações no prolongamento escolar dos candidatos e cotistas em cursos seletivos, que, na falta de base de conhecimento, se desdobram para preencher lacunas do ensino básico deficiente (SETTON, 2005). Nesse contexto, entram em jogo as táticas traçadas por esses jovens em prol do ingresso à educação superior, táticas no sentido abordado por Martín-Barbero (1997) e Michel de Certeau (1998), como modo de luta a partir das vivências.

De modo semelhante, Michel de Certeau (1998) explica que a ideologia dominante busca a manutenção do *status quo*, e a vida é uma esfera na qual é possível praticar a resistência. Na obra *A Invenção do Cotidiano*, o mesmo autor afirma que é possível utilizar-se de táticas nas pequenas ações rotineiras da vida cotidiana para resistir a imposição social da ideologia dominante. As táticas seriam maneiras pelas quais as estratégias podem ser subvertidas. Estratégia seria “[...] o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um ambiente”, portanto organizada a partir de um espaço de poder (CERTEAU, 1998, p. 46). Assim, a estratégia atua sobre o ambiente influenciando e até determinando ações, ou seja, “[...] muitas práticas cotidianas (falar, ler, circular, fazer compras ou preparar as refeições etc.) são do tipo tática” (CERTEAU, 1998, p. 47), e as ações relacionadas à rotina diária, associadas aos modos de uso, de fazer, de caráter contínuo, podem ser subvertidas, indicando possibilidades de criação do novo. Vale salientar que estratégia e tática operam simultaneamente (GUIZZO; MARCELLO; MÜLLER, 2020), pois, onde se fala em conformidade, se fala em brechas de possibilidades, espaço para a inovação, à ruptura.

Guizzo, Marcello e Müller (2020) analisam as práticas de estudo no contexto de pandemia colocando em evidência o deslocamento dos espaços e tempos. Com foco em analisar situações que envolvem a relação entre famílias com a escola, famílias com as crianças e

famílias com a tecnologia, o estudo constatou que as configurações de tática e estratégia atuam simultaneamente, e que as famílias buscam inovar nas suas táticas, nas formas de fazer, na tentativa de permanecer em sintonia com as demandas objetivas da escola. Assim, focada no “[...] tempo escolar [...] a estratégia encontra-se na transferência da marcação desse tempo, por meio de vários dispositivos” (GUIZZO; MARCELLO; MÜLLER, 2020, p. 15), ou seja, por meio de táticas, como envio de mensagem de áudio via aplicativo, e outros relatos, as famílias reinventam suas rotinas, criativamente, acrescentando o tempo escolar ao tempo social, familiar. Todo esse contexto de acesso ou não à tecnologia acentua ainda mais as desigualdades, bem como, a falta de manejo com as tecnologias e plataformas.

Da mesma forma, jovens cotistas reinventam seu cotidiano por meio do uso das TIC, que estão cada dia mais integradas à rotina de trabalho, de estudo e descanso dos estudantes. A Internet se tornou espaço de possibilidades, todavia, aprender a estudar à distância requer tempo, disposição, boa conexão de Internet e bons dispositivos eletrônicos, condições que não são acessíveis a todos (GUIZZO; MARCELLO; MÜLLER, 2020). Enquanto a estratégia se manifesta na cobrança da universidade em relação a entrega de trabalhos, participação nas aulas, elaboração de provas e pesquisas, a tática dos jovens seria a aprendizagem em rede, a colaboração estabelecida entre os grupos no *WhatsApp*, *Instagram*, as videoaulas disponíveis no *YouTube*, a elaboração de resumos e o compartilhar documentos, informações e PDFs em rede. É importante mencionar que mídias sociais, plataformas, programas, vídeos, PDFs, podcasts, gravações de áudio, quando direcionadas para a aprendizagem, podem ser consideradas como ferramentas pedagógicas (BELLONI, 2005).

O uso das mídias sociais e demais ferramentas pedagógicas requer nível de linguagem e solicita nível de leitura, pois ler demanda uma leitura de signos, verbais ou não verbais, e oportuniza uma gama de interpretações que estarão carregadas de valores e sentidos do próprio leitor, gerando “uma pluralidade indefinida de significações” (CERTEAU, 1998, p. 265), desenvolvendo, assim, um conhecimento singular advindo de um processo individual de leitura.

Não apenas a leitura, mas o saber interagir nas mídias sociais, compartilhar informações, o processo contínuo de estar aprendendo a manusear novas plataformas com foco em ampliar ou complementar o conteúdo acadêmico são indícios de resistência, ou seja, se apropriar de um conhecimento a partir do conteúdo acadêmico disponível na Internet em uma linguagem acessível contribui positivamente nas práticas de estudo dos cinco cotistas, diferente da língua culta e das normas que impregnam livros canônicos solicitados na universidade. Por meio dessas e de outras táticas, pode-se subverter a rotina e o tempo em prol das práticas de estudo

dos estudantes. Tática essa, reconhecida como arte do fraco, que estrategicamente se utiliza das artimanhas do inimigo para jogar no próprio terreno dele, a seu favor (CERTEAU, 1998).

Bourdieu (2007) salienta a importância de refletir sobre a educação de acordo com o contexto social, econômico e cultural no qual se está inserido. Nesse sentido, o novo modo de ensinar e aprender que permeia os processos educativos envolvendo a cultura digital está presente na rotina dos jovens, e estes, no contato com fontes híbridas de informação (SETTON, 2005), articulando-se com outras instâncias de conhecimento, complementam e ampliam o capital cultural. O sistema de ensino fundamentado no ensino enciclopédico, padronizado, se torna um espaço menos atrativo ao público jovem, que, no processo de autoidentificação e de estudos, está recorrendo às mídias sociais (AMANTE, 2014; RÁMILA; MARTINELL, 2016) para melhor se preparar para os exames de seleção, bem como, usando isso como tática para aprender com o uso de ferramentas pedagógicas ou plataformas disponíveis através das TIC. Significa dizer que o novo modo de estar no mundo requer acesso aos recursos tecnológicos e apropriação de sua linguagem, para, assim, ter a possibilidade de se tornar atuante no mundo virtual. O não acesso e exclusão informacional podem gerar prejuízos na trajetória dos jovens, como mencionado por Pischetola (2016).

5.4 LUGAR E PRÁTICAS DE LEITURA E ESTUDO NA RELAÇÃO CAPITAL CULTURAL MUDIÁTICO E ESCOLA

5.4.1 Dificuldades “Tá bom assim, não penso não”

O estudante candidato à Medicina ou Direito, ao ser questionado na entrevista se tinha condições para pagar um cursinho, respondeu: “Tá bom assim, não penso não”, dando a entender que não precisava ou não lhe interessavam as aulas ofertadas por cursinhos, que têm como foco aulas preparatórias para exames de seleção de Ensino Médio. Orlandi (2007), respaldado em Pêcheux, acredita que o discurso resultante de uma ideologia dominante corrobora para constituir configurações linguísticas que moldam imaginários associados à sentidos. A análise do discurso possibilita compreender “[...] a necessidade da ideologia na constituição dos sentidos e dos sujeitos” (ORLANDI, 2007, p. 21), pois o discurso se materializa em um espaço de luta das relações de força. A análise do discurso, ao se fundamentar também na análise linguística, conota importância ao não dito, descrito como o “o silêncio significativo” (ORLANDI, 2007, p. 23), que pode revelar relações tácitas, apontando para sentidos não expressados claramente, como contradições.

Nesse sentido, a formação discursiva “Tá bom assim, não penso não” abre um leque de possibilidades de interpretação que pode justificar tal discurso ou postura do entrevistado. Uma delas pode estar associada à origem familiar, ou seja, por pertencer a uma família de baixa renda, o indivíduo prefere “abrir mão” do acesso a determinados bens em prol da manutenção econômica da família, pois, como mencionado em outra questão da entrevista, ele ressalta que uma das principais necessidades da família é a aquisição de alimentos. Pode estar associada, também, ao discurso meritocrático, segundo o qual o estudante se vê como único responsável pelo sucesso escolar, enfatizando que pelo próprio esforço ele é possível que tenha ~~poderá obter um possível~~ êxito nos exames de seleção.

Da mesma forma, outra candidata ao curso de Direito entrevistada assinalou que a principal necessidade da família é o pagamento do aluguel, que não se importa em estudar apenas pelo celular, portanto, um computador não é necessário: “Na minha cabeça não é muito necessário ter computador”. Desse modo, “necessário” configura-se a “marca textual” (SOUZA, 2014) dessa formação discursiva e coloca em destaque o caráter prescindível do computador, da tecnologia, bem como, leva a inquirir quais são as necessidades dessa jovem e de sua família. Ambos os jovens apresentaram dificuldades de caráter básico (moradia e alimentação) convertidas em condicionantes que refletem nas suas ações e escolhas, privando-os de acesso aos bens materiais, devido ao fatores econômico e social não favorecerem as condições para isso.

A maioria dos sete jovens candidatos possuía celular com acesso à Internet, porém, boa parte dos smartphones contavam com um pacote de dados diário, que, ao ser ultrapassado, não permite navegar na Internet, somente se o indivíduo se dispor a pagar mais. Nesse contexto de acesso controlado, os candidatos precisam utilizar de táticas e uma rotina regrada de uso da Internet, especialmente quando o foco do estudo são os conteúdos solicitados na prova de ingresso ao ensino superior. No Brasil, o uso do aparelho móvel (smartphones) para acessar à Internet nas residências ainda permanece no pódio, com 99,2% de presença nas residências, na sequência está o microcomputador, com 48,1% (CODEPLAN, 2018).

As necessidades relacionadas à alimentação foram ressaltadas pelos cinco estudantes cotistas. Um deles pontuou a despesa do empréstimo da casa que precisava ser paga mensalmente; o outro também ressaltou a necessidade de pagar o apartamento que sua mãe financiou por um longo período por meio do programa Morar bem²⁸. Observa-se que tais

²⁸ O programa Morar bem, é um programa disponível no Distrito Federal, e está associado ao Minha Casa, Minha Vida do governo federal, por meio dele famílias de baixa renda (com renda bruta até 12 salários-mínimos) têm

necessidades são despesas financeiras que pesam no orçamento familiar, não somente desses, mas de muitos outros jovens brasileiros. Apesar disso, os familiares não cobravam dos filhos que trabalhassem para auxiliar nas despesas de casa, contudo, os cinco estudantes estagiavam no contraturno de aulas para custear as despesas pessoais, evitando, assim, maiores encargos econômicos aos pais. Todavia, a carga diária de horas estudadas, o tempo de trajeto casa-universidade, acrescido das horas de estágio, tornaram a rotina dos estudantes um tanto sobrecarregada, pois chegavam em casa tarde da noite (antes da pandemia) e precisavam levantar-se cedo, como mencionou um dos cotistas:

[...] quando o aluno de escola pública ou que vieram tipo de renda, você tem uma realidade, tem dificuldades, você tem que pegar ônibus, você sabe que tipo, uma aula de 8 horas, você tem que acordar 6 horas, 6h20, você tem as dificuldades na questão de estudo, realidade de questão financeira [...] (Estudante Direito 1 - 2020).

Quando não tinha aula à noite, eu voltava para casa e tentava ler alguma coisa, tentava olhar, mas era muito difícil ter disposição, principalmente no começo (Cotista 4 - 2020).

É importante frisar que o tempo despendido no trajeto casa-universidade, declarado pelos jovens, ocorria (antes da pandemia) devido a alguns fatores, como a distância de suas casas até a universidade, as condições precárias do transporte público do Distrito Federal e das suas rodovias. Contudo, a universidade de Brasília disponibilizava transporte intercampi²⁹ para locomover a comunidade acadêmica entre os campi, sem custo adicional e em diferentes horários. A Universidade de Brasília é formada por quatro campi, o Darcy Ribeiro, localizado na Asa Norte, região nobre de Brasília (alta renda), e os campi Gama, Ceilândia e Planaltina, localizados em regiões consideradas de média-alta renda e média-baixa renda (CODEPLAN, 2018).

Estudar na pandemia fez com que os seis jovens graduandos se reinventassem. Com um espaço reservado para o estudo, em seu quarto, com mesa, cadeira, computador, cursar as disciplinas à distância gerou novas barreiras nos processos de aprendizagem, especialmente devido ao novo formato de aulas remotas, por videoaulas. Alguns jovens mencionaram que foram levados a mudar a rede de Internet, pois a anterior não sustentava o número de dispositivos eletrônicos conectados, gerando mais despesas. Ao serem questionados se preferiam as aulas remotas ou presenciais, a maioria (cinco) afirmou que aprender presencialmente é melhor, a interação presencial com os colegas e professores, o contato com

a possibilidade de comprar sua casa própria, para maiores informações acessar: <<http://www.codhab.df.gov.br/pagina/1>>.

²⁹ Para maiores informações acerca do transporte intercampi na Universidade de Brasília, acessar <<https://noticias.unb.br/69-informe/2416-transporte-intercampi-tem-mudancas-neste-semester>>.

o ambiente universitário repercutia uma sensação positiva nos jovens. Além disso, a universidade fornecia acesso à Internet, considerada por seis estudantes de boa qualidade, sendo mais um fator favorável para a permanência na universidade.

Nesse sentido, as condições objetivas, como renda, moradia, bens materiais, refletem nas disposições subjetivas (BOURDIEU, 2013), nos anseios e expectativas dos indivíduos, que, por estarem inseridos em um contexto social, suas relações acabam por moldar inconscientemente as expectativas diante de um real que permite uma gama de possibilidades, que para alguns são escassas, especialmente àqueles oriundos das classes populares. Os filhos das classes populares enxergam na escola a única esperança de ascensão social, entretanto, a instituição de ensino reforça e reproduz a lógica dominante, solicitando dos mesmos disposições e percepções distintivas da bagagem cultural que carregam consigo, e por vezes relativas à cultura popular, forte característica dos que foram preteridos da escola (BOURDIEU, 2013).

As dificuldades são de diversas naturezas, no entanto, os obstáculos ocasionados pela baixa renda dos estudantes limitam o melhor uso e apropriação das TIC e melhor aproveitamento das atividades culturais ofertadas de forma gratuita por instituições ou centros culturais. Os seis estudantes cotistas entrevistados afirmaram que a distância da casa aos locais desses eventos dificultava o acesso e o contato com o mundo cultural:

[...] mas geralmente, eu ia em média, sei lá, por semestre, duas vezes, três, bem pouco sabe? Tanto pela questão de estagiar, de dinheiro mesmo, e também a questão da distância mesmo e tempo, dentro do transporte público não é tão mais rápido você ir lá final de semana, sair de casa e ir ao cinema (Cotista 1 - 2020).

A falta de contato com o mundo cultural, como frequência ao cinema, teatro ou concertos de orquestra ficou evidente na fala dos estudantes, quando perguntados sobre visitas a museus, participação em eventos culturais, e sobre arte:

Ah eu acho que não foi uma coisa que refinei muito, sabe? Eu gosto de música de uma forma geral, mas eu gosto de artes plásticas apesar de não entender nada de artes cênicas [...] de não assistir muito, se eu assisti umas duas peças de teatro na minha vida, foi muito. Mas eu gosto, eu assisto numa boa, é porque eu não frequento muito esses lugares (Cotista 2 - 2020).

Não tenho tanto esse hábito. Embora eu ache muito legal as exposições e tal, mas não tenho muito esse hábito (Cotista 6 - 2020).

Baixa frequência. Eu participei de algumas na minha vida, mas não com frequência (Cotista 5 - 2020).

Uma a duas vezes assim, é porque é geralmente quando é amostra grátis, né? tipo CCBB, eventos da CAIXA, esses que são grátis e muitos têm a dificuldade de deslocamento. Pode colocar uma vez a cada seis meses, em média (Cotista 1 - 2020).

A carência do contato com a cultura erudita por parte dos estudantes cotistas provoca um “reconhecimento implícito da legitimidade cultural” (BOURDIEU, 2013, p. 132) ou baixa autoestima em relação à formação do seu capital cultural, no entanto, a pandemia possibilitou maior tempo de estadia em casa e aproveitamento do conteúdo cultural ofertado em plataformas como *Netflix*, *YouTube* e *Instagram*. Esse conteúdo não formal proporciona a interação entre pares (*YouTube* e *Instagram*) e ampliação do capital cultural desses estudantes (FICHTNER, 2015; SETTON, 2005), contribuindo também para um contato com diversas plataformas, gerando “necessidade, interesse e ansiedade informacional” (LOPES, 2015, p. 211). Outro dado ressaltado nas entrevistas com os três candidatos, foi a falta de interesse em assistir a programas televisivos, sendo que três relataram preferir leitura de livros em relação a assistir TV, contudo, os quatro estudantes cotistas disseram preferem assistir televisão ao invés da leitura:

Sendo bem sincero, eu acho que prefiro assistir televisão, porque demanda muito menos esforço [...] (Cotista 2 - 2020).

Eu assisto mais TV. Eu prefiro mais TV. Eu acho que é mais rápido. Eu acho mais rápido que o livro assim (Cotista 5 - 2020).

Assistir televisão em geral, eu assisto. Tipo, assistir filme... tô meio preguiçoso, tô assistindo bem mais filmes e séries do que lendo (Cotista 1 - 2020).

Dessa forma, o assistir televisão não é um programa presente na rotina dos entrevistados candidatos, apesar de seus familiares (pai, padrasto e mãe) passarem horas assistindo a jornais, novelas e outros programas televisivos. Quanto aos quatro jovens cotistas que preferem assistir a TV em vez de ler livro, essa preferência, ou inclinação, pode estar associada à leitura excessiva que o curso de Direito demanda. A ação de ler passa a ser mais direcionada para as atividades acadêmicas, quanto os programas televisivos, séries ou filmes, são ações que demandam menos atenção, sendo associados a um momento de descanso, lazer, especialmente no contexto de pandemia. As opções citadas para descansar ou se distrair giraram em torno da Internet:

Eu gosto de colocar um filme para poder assistir, gosto de comer alguma coisa. No mais é isso. Fico realmente mais voltado para a internet de novo, porque é assistir filme, ver série (Cotista 3 - 2020).

Como eu estava com mais tempo, comecei a ver mais séries, essas coisas (Cotista 4 - 2020).

Só dá para assistir, ouvir música, às vezes beber sozinho. Não dá para fazer muita coisa. Assistir uma live (Cotista 6 - 2020).

Pra relaxar... eu vejo filme agora, vejo série, converso com meus amigos de forma virtual, navego em rede social (Cotista 2 - 2020).

Mas assim tipo, não tem algo assim que eu to fazendo pra descansar, eu tava fazendo exercício físico, mas aí eu parei. A preguiça reinou, mas eu tava tentando ter uma

rotina de exercício assim... tipo, sabe? fazendo em casa mesmo, vendo vídeos pela internet (Cotista 1 - 2020).

Eu ainda assisto série. Mas depois do isolamento foi mais fazer atividade física. Em casa. Não fora (Cotista 5 - 2020).

Nessa lógica, descansar com o uso das mídias sociais, acessando plataformas audiovisuais, programas televisivos, *lives*, era possível para a maioria dos cotistas, os quais destacaram o caráter versátil que a Internet tem:

Pode ser. Você pode encontrar coisas que te distraiam. Por outro lado, também não. Mas eu acho que é muito do direcionamento que você dá para cada lugar da internet. E aí a internet tem essa possibilidade de você tanto ter um ambiente onde você estuda e trabalha quanto ter um ambiente que você se distrai. Então eu acho que é super possível (Cotista 6 - 2020).

A partir do depoimento dos entrevistados, o descansar em rede não está associado ao repouso mental, físico ou distanciamento das mídias sociais, mas ao contato com um conteúdo cultural midiático, como filmes e séries, assistir vídeos com o objetivo de exercitar o corpo, através da atividade física. Observa-se, então, que os jovens buscam se apropriar do capital cultural midiático para descansar, se distrair e se exercitar.

Diante das novas tecnologias, os jovens reinventam hábitos, revestindo-os de novos sentidos às relações estabelecidas com às TIC, as quais moldam comportamentos e condutas no processo de autoconhecimento (OLIVEIRA et al., 2015), especialmente nas mídias sociais, espaços em que buscam conhecimento (SETTON, 2005) e construção de sua identidade (AMANTE, 2014). A preferência em assistir a filmes e séries pelos cotistas pode estar associada a uma forma de “descansar”, relaxar, uma vez que mencionaram o quanto é sobrecarregada a rotina de leitura da faculdade, do mesmo modo, os estudantes candidatos preferiam ler em relação ao assistir TV, pois se trata de uma forma que “[...] descansa a mente”. De forma geral, as duas atividades concorrem para o mesmo objetivo, descansar, todavia, a leitura predominante foi na tela do celular ou computadores, confluindo com o que Sampaio (2019) ressalta sobre o descansar utilizando a Internet.

5.4.2 Tempo livre e descanso

Os três estudantes candidatos entrevistados comentaram a preferência pela leitura na tela do celular: “Ler, ultimamente não leio tanto livro físico, eu leio mais no telefone”. Tal atividade, que ocupa boa parte do tempo livre dos jovens, também pode ser reflexo da prática de leitura dos pais mencionada por uma estudante: “meu pai lê mais [...] minha mãe e ele me incentivavam muito”. Constata-se o gosto pela leitura na tela do celular, em comparação à

leitura do livro físico, até mesmo em relação ao assistir televisão, que foi mencionada como uma atividade não muito cativante: “Na verdade eu já não sou muito de assistir televisão” e outro estudante complementou que: “Livro, é melhor. Descansa mais a mente”. Não obstante, assistir à televisão com os familiares e comentar os noticiários foi relatado como parte do dia a dia dos entrevistados, que não frequentemente assistiam novelas, programas jornalísticos com os pais nos momentos de socialização familiar, o que denota a apropriação do capital cultural midiático (SETTON, 2005) em função de práticas informais, ao passo que o conteúdo repercutido nos programas televisivos são questionados e comentados entre os familiares: “Meus pais assistem e eu escuto do quarto [...]. Política eu comento muito. Eu dou a minha opinião”. A estudante candidata também comentou sobre a postura dos pais em relação aos noticiários: “Eles assistem o jornal nacional e outros. Eles ficam sentados e assistem, e comentam as notícias, meu pai é muito crítico, ele não controla e fala. Eu não sou muito de ficar assistindo, mas quando eu tô pela sala eu ouço alguns comentários”.

A depender do espaço social ocupado pelos indivíduos, as suas práticas culturais serão reflexo ou influenciadas pelo meio social e contexto moral em que ocorre a socialização (BOURDIEU, 2013), como exemplificado pelo interesse em ler a partir da influência do pai, mencionado pela estudante candidata entrevistada. Contudo, apenas as disposições ou inclinações à cultura dominante que reforçam a frequência a espaços culturais consagrados (concertos, museus e teatros) e a leitura de obras legitimadas são valorizados pela cultura escolar. Observou-se, na pesquisa, a preferência pela leitura de obras não legitimadas entre os estudantes, três candidatos e os seis cotistas, que tinham o costume de ler *best-sellers* e outros livros literários durante a Educação Básica.

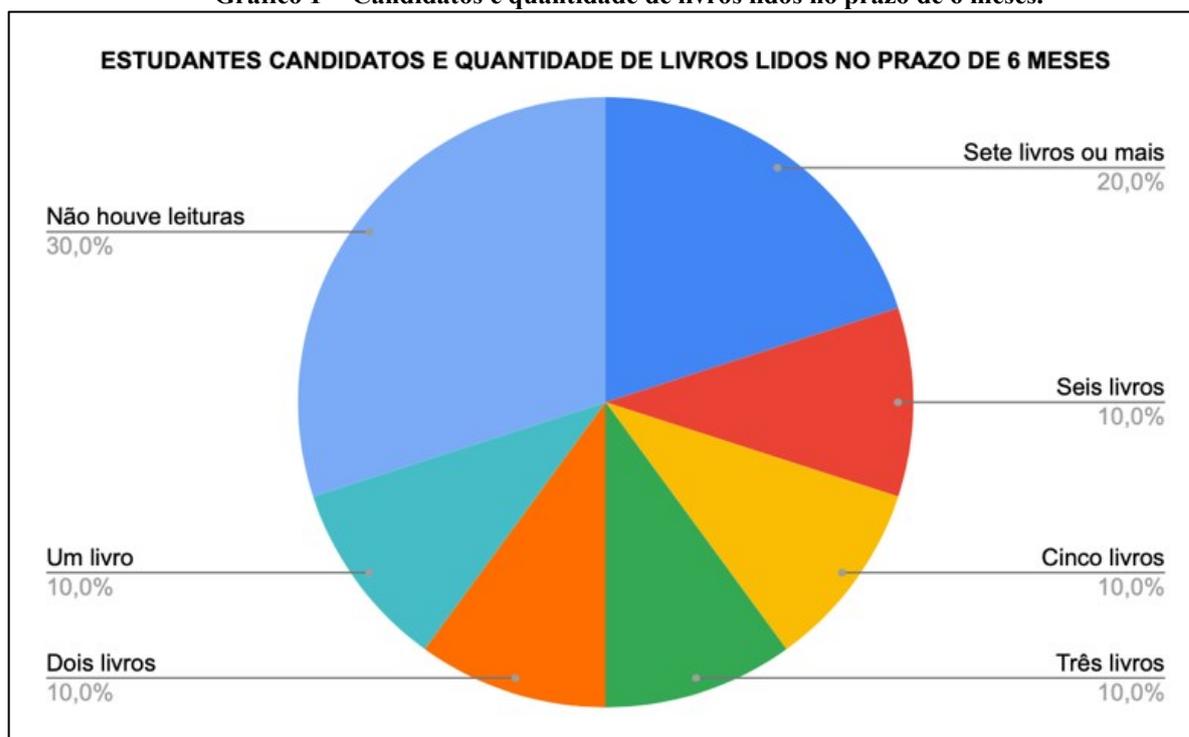
Acerca do tipo de leitura realizada pelos três estudantes candidatos entrevistados, observa-se o predomínio de livros como *best-sellers*, “livros escolares, livros de cursos, livros de Enem”, literatura, na versão impressa ou digital. No período anterior à pandemia, a biblioteca era um espaço muito frequentado por um dos entrevistados: “eu normalmente pego muitos livros na biblioteca. Ano passado li 14 livros”. Embora o isolamento ocasionado pela pandemia tenha impossibilitado o acesso à biblioteca, para outra estudante esse cenário a aproximou dos livros: “estou pegando o hábito de ler só agora, por causa da pandemia. Eu já li cinco ou seis livros durante a pandemia”.

Sobre a leitura do livro impressos, do total de dez estudantes candidatos que responderam ao questionário, nove concordaram com o fim dos livros impressos na escola e a inclusão de tablets no Ensino Médio. Tal postura demonstra o caráter prescindível do livro aos estudantes na escola. A opção que teve mais incidência nas respostas foi (cinco) descansar em

casa, em sequência (dois), assistir séries e (um) sair com os amigos. O lazer preferido entre os dez respondentes era navegar na Internet, opção marcada por três deles, quatro optaram por viajar e um “ir ao shopping”. Em outro questionário, dois respondentes do total de três assinalaram como lazer preferido no tempo livre antes da pandemia a leitura de livros impressos (não obrigatórios para minha escola), da mesma forma, dois estudantes cotistas responderam preferir a leitura de livros literários impressos.

Em relação à leitura, do total de dez estudantes candidatas que responderam ao questionário, três marcaram a ausência de leitura no período de seis meses, apenas dois leram sete ou mais livros, em sequência outros estudantes leram (um) seis livros, (um) cinco livros, (um) três livros, (um) dois livros e (um) um livro. Frequentar espaços culturais como o cinema também é um programa não comum entre os respondentes. Apenas um indivíduo frequentou mais de quatro vezes no prazo de seis meses. Sobre a leitura de livros, o Gráfico 1 apresenta a porcentagem de estudantes leitores e não leitores.

Gráfico 1 - Candidatas e quantidade de livros lidos no prazo de 6 meses.



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

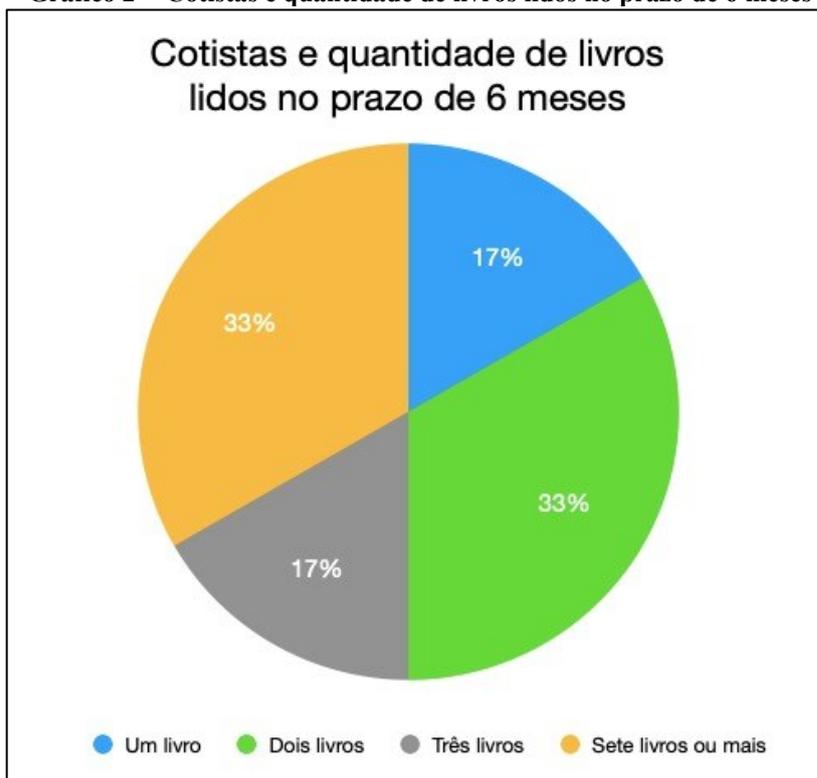
Conforme representado no Gráfico 1, os dados de estudantes candidatas oriundas de famílias populares com contato tímido com o mundo da leitura e obras legitimadas, concorrem com a pesquisa de Setton (2005), que verificou os condicionantes para o sucesso escolar de jovens das classes populares. Entre eles, está a leitura de material não escolar disseminado por

fontes não legítimas de conhecimento e amplamente utilizado pelos estudantes das classes populares. Essas fontes, aliadas ao conhecimento escolar legitimado, potencializam processos de aprendizagem e desempenho escolar.

As fontes híbridas de conhecimento estão ganhando cada vez mais espaço na formação cultural dos jovens, em especial as mídias sociais e ferramentas pedagógicas (BELLONI, 2003). Todavia, os estudantes candidatos apresentam, em sua maioria (três), ausência de hábito de leitura, outros três leram apenas três obras nos últimos seis meses, o que pode ser justificado pela falta de acesso às obras devido ao fechamento da biblioteca no período de pandemia ou pela falta de poder aquisitivo para adquirir o bem material, como a desimportância dada à leitura, entre outros fatores de cunho objetivo ou subjetivo. O fato é que se trata de um número relativamente baixo para quem está se preparando para realizar provas de ingresso ao ensino superior, especialmente em cursos concorridos (SAMPAIO, 2019).

Os três jovens cotistas entrevistados não apresentaram preferência por um gênero específico de livros ou filmes, mencionaram que são ecléticos. Entre os gêneros citados estão ficção científica, “livros que estão na moda também”, entre os livros preferidos estão *best sellers*, como “Jogos vorazes” e “Desventuras em série”. Entre os jovens, um relatou que o seu primeiro acesso aos livros foi por meio da biblioteca da escola pública, local frequentado por outra graduanda para pegar apostilas antigas ou livros didáticos para estudar durante o Ensino Médio. Livros de fantasia e de drama são os preferidos de outra graduanda. Sobre filmes, um jovem assinalou que “o interesse pelo filme vem mais quando eu leio o livro” (Cotista 9 - 2017), isso antes do ingresso na graduação, pois, a partir disso, o foco maior estava nas leituras de artigos ou livros relacionados às disciplinas e à área de formação. A forma de lazer que mais pareceu agradar o estudante graduando é assistir a séries ou sair para festas com os amigos e, ainda, utilizar o *WhatsApp*. Em relação ao tipo de música, os três cotistas afirmaram ser ecléticos, como descrito por um deles: “Gosto de tudo. Gospel, clássica” (Cotista 9 - 2017). No Gráfico 2, apresenta-se a relação cotistas e leitura no período de seis meses.

Gráfico 2 - Cotistas e quantidade de livros lidos no prazo de 6 meses



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Outros seis cotistas afirmaram que durante o período letivo não conseguiam ler muitos livros literários, devido à falta de tempo e à demanda de leitura do curso: “Durante o semestre normal, a leitura, durante o semestre escolar, é bem menos por falta de tempo. Então tipo, quase nem leio livro literário” (Cotista 1, 2020), com leitura média de 1 a 2 livros por semestre. Todavia, há uma preferência pelos livros digitais em relação ao livro físico quando se refere às obras acadêmicas, por serem livros volumosos e pesados, a opção pelo livro digital ou PDF torna o processo de leitura mais prático e leve para os estudantes, evitando, assim, o ato de carregar muito peso no trajeto universidade-casa. Por vezes, a escolha pelo livro digital também recai no valor elevado que o livro impresso tem, assim, estudantes precisam se adaptar ao novo formato de leitura para não pesar nos gastos mensais: “Eu prefiro livro impresso, mas como eles geralmente são mais caros, eu tô tentando me adaptar aos livros digitais, porque fica mais fácil de conseguir na internet” (Cotista 2 - 2020).

Além da pesquisa por livros digitais, a Internet possibilita o contato com videoaulas que promovem atividades físicas, ensinam a tocar um instrumento musical, a cantar, e disponibiliza, também, plataformas para assistir a filmes e séries. Essas foram algumas atividades mencionadas pelos estudantes - cinco cotistas e três candidatos - que preenchem o tempo livre, relaxam e ajudam a descansar, especialmente durante a pandemia. Outros seis candidatos

preferiam passar o tempo livre descansando em casa. Uma estudante candidata salientou que aprendeu a tocar violão por meio de vídeos disponíveis na Internet: “Eu toco violão, kukulelê e teclado. Eu aprendi na internet” (Estudante Candidata - 2020), o que demonstra a apropriação do capital midiático em função da aprendizagem informal (SETTON, 2005).

Outro estudante cotista menciona assistir vídeos de exercícios físicos para praticar em casa durante a pandemia como uma forma de descansar e relaxar no período de isolamento: “Tem um canal, esqueci o nome agora, tem vários exercícios que você pode fazer em casa, então você colocava no YouTube e ligava e ficava imitando os passos, assim...” (Cotista 1 - 2020). Nessa lógica, boa parte das atividades executadas pelos estudantes, seis cotistas e três candidatos, bem como a leitura estão relacionadas ao manejo da tecnologia, ou seja, a partir do material que está disponibilizado pela mídia digital, os indivíduos se apropriam do conteúdo difundido nesse meio para repouso e estudo, o que demanda conhecimento, competências tecnológicas e capital cultural (NORIEGA; CARVAJAL; GARCÍA, 2017) para o uso da tecnologia com foco tanto no entretenimento como para fins acadêmicos. A linguagem que impera no mundo virtual, em particular nas mídias sociais, é compreendida e internalizada pelos indivíduos, favorecendo a interação e apropriação do conteúdo midiático no processo de aprender ou não, todavia, ainda sobressai a apropriação das mídias sociais para o uso não acadêmico (59.6%) em relação ao uso com fins acadêmico (41.94%), como pontuam Rámila e Martinell (2016).

5.4.3 Táticas, local de estudo e dificuldades

As táticas de estudo utilizadas pelos (3) estudantes candidatos entrevistados se dividem em “resumos sobre a matéria” com canetas coloridas, uso do livro didático para revisar o conteúdo e acompanhamento de um site educativo, como o “Brasil escola”, todos os dias. No quesito organização de conteúdo, uma jovem menciona que cola na parede em frente a sua cadeira de estudo as matérias que precisam ser estudadas. Já os sete respondentes do questionário marcaram as opções (um) “sempre” e (quatro) “às vezes” para o uso de fichamentos, resumos, esquemas ou cronogramas de estudo.

Os três estudantes cotistas (2017) ressaltam a importância do uso das tecnologias para estudar, conforme comentário de uma jovem: “A gente usa muita mídia digitalizadas pra poder estudar para as matérias, para não ter que ficar andando com um bando de xerox”. Durante o Ensino Médio, os três cotistas pontuaram que a rotina de estudo era pesada, com aulas na escola pela manhã, cursinho de língua estrangeira e cursinhos preparatórios em outro turno. Durante a

formação básica, em sala de aula, às vezes utilizavam dispositivo móvel para gravar as aulas, pois era mais fácil do que escrever no caderno, segundo a fala de um estudante. Contudo, o uso das mídias sociais como *WhatsApp* e *Facebook*, como assistir vídeos no *YouTube*, nesse período, esteve mais voltado para o lazer, já com o ingresso na educação superior, o acesso a essas plataformas diminuiu.

Entretanto, outros seis estudantes cotistas entrevistados (2020) salientaram o uso de mídias sociais como meio de contato com livros, PDFs e obras relacionadas às disciplinas, a partir da interação e compartilhamento de arquivos entre os colegas de turma e outros contatos nas redes sociais, ou seja, as relações de colaboração por meio das mídias sociais (RÂMILA; MARTINELL, 2016) contribuem em algum grau para o processo de estudo formal dos cotistas, bem como o uso rotineiro das TIC na busca por informações específicas (NORIEGA; CARVAJAL; GARCÍA, 2017) associadas às disciplinas. Em relação às táticas de estudos, geralmente os seis cotistas recorriam à elaboração de grandes resumos digitados para fixar e estudar o conteúdo, elaborando, assim, o próprio material de estudo, para tanto, utilizavam-se de alguns aplicativos ou ferramentas pedagógicas, disponíveis no celular, como *Adobe*, *Plantie*, *Word*. Ambos enfatizaram não ter habilidades para elaborar um mapa mental. No Quadro 6, a síntese das táticas e práticas adotadas para estudos pelos cotistas.

Quadro 6 - Tática e prática de estudo dos cotistas

Cotista	Tática – prática de estudo
Cotista 1	<p>Fazendo estudos complementares para ver se eu conseguia pegar uma base para começar a entender o que o professor estava falando, sabe? Conceitos, nomes...</p> <p>Então, de forma geral, sei lá, tipo, eu uso plataformas mais simples de estudo. E tipo no caso eu uso o Google³⁰ para pesquisar alguns artigos, texto acadêmico ou livro. Eu baixo e leio no <i>Adobe</i>, que é um aplicativo que lê Pdf, que é bem simples.</p> <p>Na verdade eu costumo fazer no máximo um resumo assim, tipo eu tive aula no CEI e nas minhas anotações eu vou ler no livro e vou sublinhar as partes mais importantes e tentar fazer o resumo do que o professor falou e dos livros também e caso fique alguma coisa para complementar, eu posso fazer o meu próprio material fica meio um resumão. Mas mapa mental eu nunca me dei bem com isso, fala lá para colocar as partes mais importantes e eu vou lá e coloco tudo, e vira um resumão.</p> <p>Em relação aos grupos de WhatsApp: “auxilia, auxilia porque dá pra compartilhar dúvidas e solucionar, como são várias pessoas com o mesmo objetivo, então dá pra ajudar bastante, ajuda coletiva”</p> <p>Atualmente tô acompanhando um curso de direito constitucional de um professor por <i>live</i>, que ele tá dando. Mas usei bastante, tipo as redes sociais, <i>lives</i>, seja de entrevistas, ou cursos, ou algo do tipo, que eu tenha interesse na área né, de acompanhar, bastante!</p>

³⁰ As palavras em negritos são para chamar a atenção para as diferentes mídias sociais, plataformas e ferramentas digitais disponibilizados pelas TICs e Internet utilizadas nas práticas de estudos dos cotistas.

Cotista	Tática – prática de estudo
	<p>Do mesmo celular, eu utilizo, pra me auxiliar na agenda de estudo, do tipo, o Google Agenda, eu uso bastante, e tem um aplicativo que uso para controlar o tempo de estudo, é um pra me ajudar na concentração. A durante 50 minutos você não pode mexer no seu celular, aplico a técnica pomodoro, aplicativos...</p> <p>Tipo, utilizo Youtube e Instagram, né, como já falei.</p> <p>Eu uso o Adobe, só que ultimamente tô utilizando o PDF element.</p> <p>Se caí e foi recomendado que todos os professores deixem a aula gravada né? Então, tipo, se cai, eu vou lá e vejo a gravação da aula.</p>
Cotista 2	<p>Eu tento fazer resumo do que leio, ou do que estiver estudando, mas eu não tenho muita paciência par fazer mapa mental, ou fazer, ou fazer, ou usar outros recursos, sabe? O recurso que eu tenho, pelo menos, é dividir as horas de estudo para não ficar muito cansativas? (...) Digitado! Eu fazia a mão, mas eu também perdia muito tempo fazendo a mão, eu errava muito sabe?</p> <p>Geralmente participo dos grupos das turmas, os alunos, que dizer, os alunos sempre tentam se ajudar e aí eles disponibilizam o material que tem, anotações sobre algum professor, textos.</p> <p>A sim, as vezes quando eu tenho muita dificuldade eu tento pesquisar algum vídeo sobre ou alguém falando sobre isso, e também tem uns sites especializados, os jornais especializados que eu tento achar sobre o que estou estudando, mas acho que não sei se chegaria ser uma mídia social...</p> <p>Eu acho que eu utilizo bastante o Facebook, não desculpa, o Instagram, às vezes, tem umas páginas de alguns alunos, eu imagino que eles fazem isso como forma de ajudar e como forma de aprender também, em que eles disponibilizam suas anotações, eles dizem sua opinião sobre, esse conteúdo assim, eu costumo acompanhar.</p> <p>A, então eu utilizo sim. Word, Adobe, o PowerPoint raramente, Web note...</p>
Cotista 3	<p>Se eu tiver alguma dúvida eu jogo lá no grupo e os meus amigos respondem e sanam a minha dúvida. Nós trocamos muito resumos nesses grupos também. "Me manda o resumo da aula tal, me manda as suas anotações." É muito compartilhamento de informação.</p> <p>Eu gosto muito de fazer resumos.</p> <p>No WhatsApp. Tem o grupo do Facebook também dos estudantes da UNB. É bom. O pessoal compartilha muito material.</p> <p>Quando eu tenho alguma dúvida primeiro eu recorro realmente a internet. Se tem eu procuro vídeoaula ou procuro PDFs disponibilizados das matérias. Primeiro eu procuro na internet. Se lá não é possível sanar minhas dúvidas, eu mando nesse grupo dos meus amigos e alguém me responde ou alguém me ajuda a procurar o que está faltando.</p> <p>Para estudar eu gosto muito do Instagram. Eu sigo muito perfil jurídico no Instagram. Eu diria que o Instagram também serve como uma forma de estudo.</p> <p>Eu falei que eu sigo muito perfil jurídico no Instagram. Eu inclusive criei uma página para isso. Chama Descomplica News. Sou eu e um amigo. A ideia é que nós pegamos a notícia. No caso eu pego mais do ramo político e jurídico e ele do ramo financeiro. A nossa ideia é pegar uma notícia, uma informação e descomplicá-la para as pessoas, torná-la em uma linguagem mais acessível.</p> <p>Utilizo o Adobe para poder ler PDF. Eu uso alguns aplicativos também para poder organizar o meu estudo, por exemplo, gestão de tempo. Não sei se isso conta.</p>

Cotista	Tática – prática de estudo
	<p>Agora desde o começo do semestre, na verdade, eu estou usando o <i>Trello</i>. Mas antes eu usava muito também o Google Agenda. Agora eu estou conciliando um pouco dos dois.</p>
Cotista 4	<p>Antes eu tentava usar aquele Pomodoro [...] Depois vi que não dava muito certo comigo. Eu tento fazer, hoje, mais ou menos, um pouco mais longo.</p> <p>Se é um texto muito ligado à matéria ou algo do tipo, eu sempre tento fazer um resuminho, um tópico ou algo assim para tentar me orientar.</p> <p>Porque sempre tento anotar durante as aulas, então eu faço o resumo do resumo que eu fiz. Como tem leituras que eu sei que cairão na prova, porque lá tem muito isso de manual, então vou na internet procurar algum manual e dou uma olhada nele.</p> <p>Quando comecei, eu fazia a mão [...] Eu consegui um computador, então hoje tento fazer digitado e quando faço o resumo para a prova ou coisa do tipo eu escrevo o que está digitado.</p> <p>As plataformas que são feitas para o estudo ou pode ser, por exemplo, o <i>Youtube</i>? Eu uso muito o <i>Youtube</i> para estudar, mas não é de estudo. Entra também? Geralmente o <i>Youtube</i>, porque tem muitos vídeos de conteúdo. Houve uma época em que eu tentava seguir páginas do <i>Instagram</i>, mas não deu muito certo.</p> <p>Porque eu as acho muito acessíveis. Se você tem algum tipo de dúvida pode jogar lá, ir atrás. Tem diversos vídeos, diversas pessoas explicando de maneiras diferentes.</p> <p>Eu acho que já vi uma live de Direito Administrativo, uma matéria que eu estava estudando. Meu professor falou, “terá ‘tal’ live”, então assisti.</p> <p>Uso o <i>Adobe</i>. Uso o <i>Word</i>. Meu <i>Word</i> venceu, mas basta arrumar outro na internet. Acho que são esses, <i>Adobe</i>, <i>Word</i>. Agora estou usando o <i>Zoom</i> e o <i>Things</i> da UnB, por causa das aulas. O <i>Google Docs</i> também.</p>
Cotista 5	<p>Eu meio que estudo, aí já mexo em outra coisa. Estudo, mexo em alguma coisa. Sempre estou com o celular também na mão. Mas estudo.</p> <p>Eu escrevo. Mas não sei se é resumo. Mas assim, é como se fosse mais ou menos. Eu gosto escrevendo com o caderno.</p> <p>Quando tem dúvida em relação à matéria recorre-se: “Nós temos um grupo de amigos normal. Pergunta. Ou às minhas irmãs”</p> <p>Acho que seria o Instagram porque tem alguns perfis de estudo mesmo. Mas é algo mais rápido. Acho que é mais fixação ou outras coisas.</p> <p>Acho que o aplicativo que eu uso é o Google Tradutor. Mas assim, porque muita coisa é em inglês.</p>
Cotista 6	<p>Às vezes ler um texto. Alguma coisa assim (no ônibus).</p> <p>Às vezes quando eu tenho que estudar para uma prova aí eu faço um resumo, um texto e tal. Mas eu não sou muito de ficar fazendo resumo durante a aula e tal. Mas eu presto atenção na aula e não tenho bem uma técnica específica assim. Sabe? Mas vou às vezes leio o texto e aí eu acho que vai ser legal eu fazer um resumo ou vou fixar de outra forma.</p> <p>Para as provas eu geralmente leio o conteúdo que vai cair na prova. Eu olho o conteúdo e aí se são textos eu leio os textos. Tento às vezes fazer algum resumo. E às vezes, já aconteceu, mas não acontece tanto, de gravar a aula e escutar depois o professor falando. Discutir com colegas sobre o assunto também às vezes me ajuda muito. Acho que isso.</p>

Cotista	Tática – prática de estudo
	<p>Mas eu acho que eu faço mais digitado.</p> <p>Foi a minha primeira resenha. Eu nunca tive isso na escola. E aí eu tive muita dificuldade. Muita dificuldade na época em fazer. E aí eu tive ajuda de uma amiga minha que era veterana que era da minha escola também. E aí ela me ajudou a fazer.</p> <p>É. Eu tive uma rede de apoio muito forte assim. Amigos de escola pública também passavam pelas mesmas coisas que eu. Essa amiga veterana me ajudou no começo assim. Às vezes ler e reler várias vezes o mesmo texto. E foram esses assim os mecanismos mais básicos.</p> <p>Nós temos um grupo no WhatsApp. Às vezes nós nos organizamos para estudar tal coisa ou algum lembra o outro. Não é essa a finalidade, mas acontece.</p> <p>Porque às vezes eu acho que a forma que eu mais aprendo é conversando, discutindo o assunto com a pessoa. Então às vezes nós começamos a discutir sobre algo no grupo.</p> <p>O próprio WhatsApp, o Facebook. Eu tinha falado que não tinha grupo, mas tem grupo no Facebook. Às vezes grupo de alguma turma específica ou da Faculdade de Direito tem um grupo. Então isso às vezes acaba servindo para estudo também. WhatsApp, Facebook, Instagram. Às vezes tem professor, não professor meu, mas algum professor que nós seguimos que dá live lá sobre algum livro. YouTube. Acho que são essas.</p> <p>É porque complementam o estudo assim. Porque às vezes eu encontro alguma coisa específica lá. Às vezes eu acesso para procurar alguma coisa específica. Por exemplo, no Facebook abro para procurar publicação de uma professora sobre tal matéria, quais os textos que ela colocou lá para nós lermos para a próxima matéria. Ou no Instagram, por exemplo, para ver a live de tal professor. Ou no YouTube para ver um vídeo de tal professor.</p> <p>Uso as redes sociais, das mídias sociais, YouTube, WhatsApp, essas coisas. Aplicativos de pesquisas, Google, aplicativos de textos, (Word) essas coisas, aplicativos de organização também que ajudam na hora de estudar, tipo Trello, coisas do tipo.</p> <p>Porque alguns assuntos às vezes são muito atuais. Então ver alguma notícia, alguma matéria que foi compartilhada em algum lugar às vezes ajuda em alguma coisa.</p>
Cotista 7	Ah depende, a rede social é mais para lazer, mas a internet em si é mais para estudo mesmo.
Cotista 8	Sim! Acho [a internet e redes sociais] que é indispensável hoje pra você se graduar.
Cotista 9	<p>Sim, bastante, [a internet e redes sociais] assim... Principalmente agora na faculdade. A gente usa muita mídia digitalizada pra poder estudar pras matérias, pra não ter que ficar andando com um bando de xérox.</p> <p>Ultimamente eu tenho usado mais para faculdade, por falta de tempo. Mas eu uso para os dois [para lazer ou para estudar].</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Nas práticas de estudo dos cotistas, as táticas empregadas permeiam o uso de aplicativos disponíveis em dispositivos eletrônicos, plataformas de aprendizagem e mídias sociais, mesclando com elaboração de resumos, anotações do conteúdo, podendo ser manuscrito ou digitado, tendo maior preferência por escrever resumos digitados, de acordo com o relato de

cinco cotistas. Contavam, também, com espaços de interação, como grupos de *WhatsApp*, *Facebook*, que foram mencionados como meios profícuo para aprender e fixar o conteúdo.

Ao serem questionados sobre o uso de métodos de estudo, táticas, seis cotistas informaram que não recorriam a mapas mentais, pois preferiam estruturar as partes mais importantes do conteúdo em resumos e resumos, podendo até escrever um caderno da disciplina. Entre os motivos de não utilizarem mapas mentais, foram apontadas a praticidade, a destreza e a habitude de elaborar resumos e a falta de prática com mapas mentais.

A preferência por escrever resumos digitados recai na facilidade e praticidade que o processador de texto dispõe. Um dos cotistas destacou a possibilidade de apagar frases ou acrescentar textos em qualquer parte do arquivo já editado, sem precisar utilizar borracha ou rasurar uma folha, tornando-se um processo mais prático em caso de edição, e com possibilidade de armazenar e compartilhar com os colegas em apenas um clique.

Ler e reler textos, revisar o conteúdo, elaborar resumo se configuram como práticas de estudo. Para leitura, o *Adobe* é utilizado para ler PDFs. Para escrever, editar textos, formatar, utiliza-se o *Word*. Elaborar slides, recorre-se ao PowerPoint, porém, este último não está entre as preferências de uso entre os cotistas.

Aplicativos como o *Trello* ou o método *Pomodoro* foram técnicas mencionadas para aperfeiçoar o processo de aprendizagem, gerenciando o tempo de estudo, separando um tempo “x” intenso de concentração máxima e um tempo “x” de descanso. Cinco jovens tentaram aplicar, mas não se adaptaram ao método, o qual parte do reconhecimento da utilidade dessas técnicas ou aplicativos.

Os esforços para reinventar os processos de estudo, no contexto de pandemia, solicitou, de modo imediato, adaptação aos novos formatos de aula remotas. As relações estudante e universidade, estudante e colegas, estudante e professor agora mediadas por TICs solicitam o desenvolvimento de táticas para permanência na universidade, isto é, manter o bom rendimento nas disciplinas, frequência nas aulas remotas e participação, no entanto, para alcançar tais objetivos, a inclusão digital é necessária.

Observa-se que o uso das mídias sociais como *Facebook*, *Instagram*, *Youtube*, *WhatsApp* são frequentes entre os cotistas. Espaços de interação, a Internet possibilita o acesso a diversos conteúdos, seja em sites especializados, seja em blogs, mas são as mídias sociais e as ferramentas pedagógicas a que os cotistas recorrem para complementar as práticas de estudo, onde acessam para compartilhar informações, ler PDFs de livros, manuais, ver vídeos. Na Internet ainda se tem a possibilidade de encontrar o conteúdo em diferentes formatos, vídeos

com explicações diversificadas, textos, podcasts, sistemas de referências híbridos (SETTON, 2005) que permitem, assim, o contato com o outro conteúdo midiático.

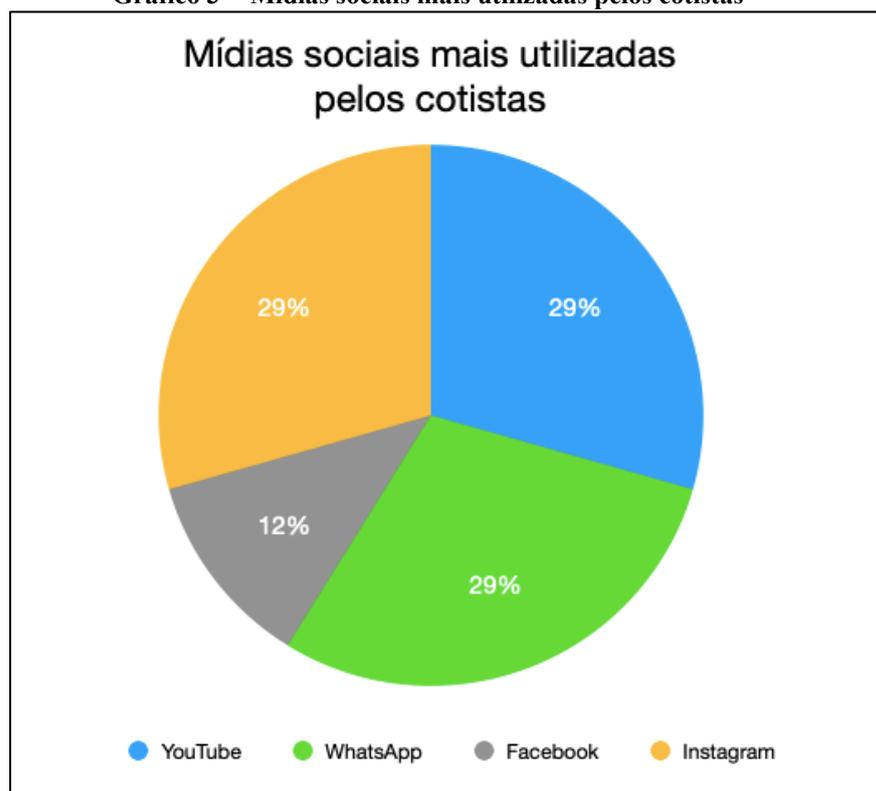
Recuero (2009)³¹ pontua que os aspectos estruturais e semânticos das conversações nas redes sociais podem indicar relações sociais já estabelecidas fora da rede. Nesse caso, o aspecto estrutural está associado à estrutura da conversa em si, do espaço em que ela é desenvolvida, e o aspecto semântico irá desvelar sobre o conteúdo da conversa, de teor mais interpretativo. Ambos são complementares, são influenciados pelo capital social e mediados pelos dispositivos eletrônicos. A interação em rede pode estar associada ao vínculo social presencial, isto significa que a troca de informações, as redes de apoio, geralmente já estava estabelecida presencialmente, estendendo-se ao mundo virtual.

Segundo dados do último relatório elaborado por We Are Social e Hootsuite (2021)³², as dez redes sociais mais utilizadas pelos brasileiros são *Facebook*, *YouTube*, *WhatsApp*, *Instagram*, *Facebook Messenger*, *LinkedIn*, *Pinterest*, *Twitter*, *Tik-Tok* e *Snapchat*, nessa sequência. A hora média de navegação nas redes sociais teve aumento expressivo devido à pandemia ocasionada pela Covid-19. Nesse tempo de isolamento, os brasileiros ficam online nas mídias sociais, em média, 3 horas e 42 minutos. Entre os seis cotistas, as mídias sociais mais utilizadas são: *Instagram*, *YouTube*, *WhatsApp* e *Facebook*. No Gráfico 3, a representação percentual das principais mídias sociais utilizadas pelos cotistas pesquisados.

³¹ Na fase de análise dos dados, novos autores foram sendo agregados em função dos dados levantados, sendo relevantes no processo de interpretação dos dados.

³² Para maiores informações, acessar o slide da apresentação Digital 2021 July Global Statshot Report (2021), disponível em: <<https://www.slideshare.net/DataReportal/digital-2021-july-global-statshot-report-v02>>.

Gráfico 3 - Mídias sociais mais utilizadas pelos cotistas



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

O Quadro 7 apresenta o que os estudantes cotistas pesquisam e como interagem em rede, de acordo com a mídia social:

Quadro 7 - Função da Mídia Social para os cotistas

Mídia Social	Atividade
YouTube	<p>Tem um canal, esqueci o nome agora, tem vários exercícios que você pode fazer em casa, então você colocava no <i>YouTube</i> e ligava e ficava imitando os passos, assim... Mas no <i>Youtube</i> também acompanho canais direcionado ao Direito também 01 - 2020).</p> <p>A sim, às vezes quando eu tenho muita dificuldade eu tento pesquisar algum vídeo sobre ou alguém falando sobre isso 02 - 2020).</p> <p>Ele [professor] indicava canais do YouTube para procurarmos videoaula, indicava canal de exercícios 03 - 2020).</p> <p>Jogava no <i>Youtube</i>, colocava o meu celular e o caderno e ficava anotando. Esse <i>site</i> foi fundamental, eu acho (...) Boa parte dos meus estudos foi por ele. Eu uso muito o <i>Youtube</i> para estudar, mas não é de estudo. O Problema do <i>Youtube</i>, às vezes, é apenas a internet, mas a plataforma em si, eu acho tranquila 04 - 2020).</p> <p>Não muito. Porque eu não consigo muito vídeo aula assim. Às vezes quando eu não entendo nada de ler livro, ler artigo, ler as coisas na internet, daí eu tento vídeo aula, mas é muito raro 05 - 2020).</p> <p>Eu fiz cursos durante a pandemia. Mas não <i>lives</i> assim [...]. Aí acho que eu usava o <i>YouTube</i>. Ou no <i>YouTube</i> para ver um vídeo de tal professor (Cotista 05 - 2020).</p>

Mídia Social	Atividade
Instagram	<p>Atualmente tô acompanhando um curso de direito constitucional de um professor por <i>live</i>, que ele tá dando. Mas o Instagram tem uma variedade bem maior, que eu acho! De postagem direcionada pra graduação, área que estou cursando (Cotista 01 - 2020).</p> <p>O Instagram, às vezes, tem umas páginas de alguns alunos, eu imagino que eles fazem isso como forma de ajudar e como forma de aprender também, em que eles disponibilizam suas anotações, eles dizem sua opinião sobre, esse conteúdo assim, eu costumo acompanhar (Cotista 02 - 2020).</p> <p>Para estudar eu gosto muito do Instagram. Eu sigo muito perfil jurídico no Instagram. Eu diria que o Instagram também serve como uma forma de estudo. Não é voltado para isso, mas serve muito. (Cotista 03 - 2020).</p> <p>Houve uma época em que eu tentava seguir páginas do <i>Instagram</i>, mas não deu muito certo (Cotista 04 - 2020).</p> <p><i>Instagram</i> também, às vezes, quando tem uma <i>live</i> ou um professor passa um <i>link</i>. (Cotista 05 - 2020).</p> <p>Acho que seria o <i>Instagram</i> porque tem alguns perfis de estudo mesmo. mas é algo mais rápido. Acho que é mais fixação ou outras coisas. Ou no <i>Instagram</i>, por exemplo, para ver a <i>live</i> de tal professor. (Cotista 06 - 2020).</p>
Facebook	<p><i>Facebook</i>, não muito, porque eu não utilizo muito (Cotista 01 - 2020).</p> <p>Tem o grupo do <i>Facebook</i> também dos estudantes da UNB. É bom. O pessoal compartilha muito material (Cotista 02 - 2020).</p> <p>No <i>Facebook</i> abro para procurar publicação de uma professora sobre tal matéria, quais os textos que ela colocou lá para nós lermos para a próxima matéria (Cotista 03 - 2020).</p> <p>O próprio <i>Facebook</i>. Agora mais ainda porque alguns professores colocaram ponto de participação no <i>Teams</i>, por exemplo, na equipe do <i>Teams</i> que funciona quase como um <i>Facebook</i> lá. Então às vezes nós temos que comentar (Cotista 04 - 2020).</p> <p>Eu tinha falado que não tinha grupo, mas tem grupo no <i>Facebook</i>. Às vezes grupo de alguma turma específica ou da Faculdade de Direito tem um grupo (Cotista 06 - 2020).</p>
WhatsApp	<p>Auxilia porque dá pra compartilhar dúvidas e solucionar, como são várias pessoas com o mesmo objetivo, então dá pra ajudar bastante, ajuda coletiva (Cotista 01 - 2020).</p> <p>Geralmente participo dos grupos das turmas, os alunos, que dizer, os alunos sempre tentam se ajudar e aí eles disponibilizam o material que tem, anotações sobre algum professor, textos (Cotista 02 - 2020).</p> <p>Tem o grupo das matérias. De vez em quando nós conversamos sobre cada matéria. Eu e meus amigos da faculdade temos um grupo. Não é focado para isso, mas em semana de prova nós só falamos disso (Cotista 03 - 2020).</p> <p>O <i>WhatsApp</i> é nesses grupos que eu te falei... (Cotista 04 - 2020).</p> <p>WhatsApp e vídeo chamada que nós fazíamos [grupo de estudo] (Cotista 05 - 2020).</p> <p>É por que o <i>WhatsApp</i> acho que não conta muito porque o <i>WhatsApp</i> é mais conversa. Nós temos um grupo no <i>WhatsApp</i>. Às vezes nós nos organizamos para estudar tal coisa ou algum lembra o outro (Cotista 06 - 2020).</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Similarmente, os cotistas enfatizam a importância da Internet nas práticas de estudo, visto que, sem a conexão em rede, não é possível acessar as mídias sociais. A esse respeito, um dos entrevistados declarou: “Então ou nós usamos internet ou nós ficamos atrasados” (Cotista 6 - 2020).

Faz-se necessário reconhecer que apenas o acesso à Internet não é o suficiente para se apropriar do conteúdo disponível em rede, pois tal processo demanda nível de capital cultural midiático (SETTON, 2005), que prevê nível de capital cultural, uma vez que o *habitus*, que são as estruturas que orientam uma prática, são fomentadas desde a mais tenra idade no seio familiar “*habitus familiar*”, moldando e influenciando a postura do indivíduo nas relações sociais (BOURDIEU, 2013). Nessa dinâmica, o capital cultural midiático também possui caráter distintivo, visto que quem fomenta e desenvolve determinado capital apresenta sistemas de disposições inclinados para tal uso e desfrute, disponibilidade de tempo e acesso aos meios. Vale ressaltar que, independentemente do nível socioeconômico, os indivíduos tendem a se apropriar dos bens culturais de forma singular, a depender da sua trajetória social “[...] que significa que, a cada momento, os indivíduos incorporam e estruturam as novas experiências a partir de experiências anteriores, nos limites definidos pelo seu poder de seleção” (MARTELETO, 2017, p. 33).

Nos relatos dos seis cotistas, a trajetória escolar da maioria ocorreu na rede pública de ensino e foi marcada pela ausência de professores, resultando em baixa autoestima em relação à formação escolar. Por essa razão, consideram sua bagagem escolar deficitária, o que os leva a recorrer a cursinhos como forma de se prepararem para realizar a prova de ingresso na educação superior. Já para permanecerem na universidade, contam com:

1. Rede de apoio (familiares e amigos);
2. Conexão com Internet para acessar livros, PDFs, vídeos, textos, por meio das mídias sociais;
3. Uso das TIC.

Um dos cotistas ressaltou que as redes de apoio são fundamentais ao prosseguimento no curso. Menciona como exemplo a amiga que auxiliou a elaborar uma resenha, gênero textual com o qual não teve contato na Educação Básica. Contam, ainda, com o apoio dos amigos da universidade, em sua maioria oriundos da rede pública, que colaboram para a permanência na universidade, pois compartilham tanto das dificuldades e angústias de ser estudante de (dois) baixa renda, (dois) média baixa renda, cursando uma graduação elitista, como partilham de afinidades, como o costume de (seis) não frequentar espaços culturais (museus, apresentações de orquestra, saraus, entre outros), comprarem mais (cinco) livros digitais devido ao valor e à praticidade e por serem mais acessíveis e atrativos, seguir e (cinco) acompanhar páginas nas mídias sociais de conteúdo acadêmico e compartilharem entre si resumos e anotações de conteúdo solicitado nas avaliações acadêmicas.

É importante ressaltar que o termo inclusão digital não se refere apenas ao acesso a dispositivos eletrônicos, mas como meios para se apropriar e utilizar desse espaço para desenvolver um conhecimento significativo (PISCHETOLA, 2016). A habilidade de buscar recursos e definir táticas de aprendizagem pode potencializar uma postura mais autônoma diante do processo de adquirir conhecimento. Longe de se deter no nível de ter habilidades técnicas, o indivíduo precisa desenvolver autonomia de pesquisa, em que prevalece a relação colaborativa com o outro, de troca de conhecimento, prezando pelo letramento digital, que seria a capacidade de se expressar em rede a partir do uso de diferentes plataformas e linguagens inseridas nas TICs (PISCHETOLA, 2016).

Nessa proposta, os oito cotistas afirmaram recorrer às mídias sociais para complementar, interagir, compartilhar e se informar acerca do conteúdo solicitado nas disciplinas universitárias. Segundo os relatos, o interesse na busca por informação nesses espaços incide na facilidade de acessar, a conexão a um clique, a informação disponível na nuvem, conhecimento pulverizado, bastando ter conexão à rede de Internet e dispositivo móvel. Há que se reconhecer que a inclusão digital ainda é uma realidade distante, ainda mais em uma sociedade capitalista, em que a disseminação de conhecimento toca também em escassez, desigualdade de acesso, exclusão tecnológica (PISCHETOLA, 2016). No caso dos cotistas, também foi possível constatar a ausência de TICs na sua formação, como o exemplo de um estudante que só adquiriu um computador após ingressar na universidade.

A Universidade de Brasília optou por retornar o primeiro semestre letivo de 2020, em agosto, à distância, por meio do ensino remoto³³, assim, o uso de plataformas para o ensino passou a mediar as aulas remotas. Isso significa que, para acessar às aulas, o estudante precisa de dispositivo móvel e Internet com o mínimo de qualidade. Da mesma forma, as aulas dos estudantes da rede pública de ensino do Distrito Federal³⁴ estão sendo mediadas também por plataformas online, como a plataforma Escola em Casa DF – Google Classroom. Caso o estudante não tenha acesso à Internet, o Governo do Distrito Federal³⁵ disponibiliza o material impresso para o estudo.

³³ Para maiores informações sobre o planejamento das atividades de ensino-aprendizagem de forma não presencial na UnB devido a pandemia, acessar a Resolução do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão n. 0059/2020: <<http://noticias.unb.br/images/Noticias/2020/Documentos/20200807ResolucaoCEPE592020.pdf>>.

³⁴ Para maiores informações acerca das orientações sobre o período letivo de 2020 aos profissionais da educação, acessar: <<http://www.educacao.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2020/06/Circular-n-1692020-SEESUBEB.pdf>>.

³⁵ Para maiores informações, acessar o site do Governo do Distrito Federal: <<https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2020/08/12/material-impresso-e-opcao-para-quem-nao-tem-acesso-a-internet/>>.

Ao serem questionados sobre a adaptação ao ensino remoto, os cinco estudantes cotistas enfatizaram algumas barreiras no processo de apropriação das plataformas virtuais, novos espaços em que as aulas estão sendo mediadas:

Com o retorno das aulas, tive algumas dificuldades para usar o *Teams*, eu tinha aprendido o Aprender antigo, mas esse Aprender 3 estou bem perdido [...] O Aprender 3 tô tendo muita dificuldade ainda (Cotista 1 - 2020).

Outro cotista também declara algumas barreiras:

Eu não sabia muito bem como utilizar, mas com o tempo, principalmente quando entrei na graduação eu acho que, eu comecei a ter melhor domínio das ferramentas [...] (Cotista 2 - 2020).

O que eu acredito que era mais difícil era encontrar as informações. Saber onde que eu via o meu horário, saber onde que eu encontrava a matéria que eu tinha que fazer no Aprender3. Eu não diria que foi no uso, mas sim nas informações de como usar (Cotista 3 - 2020).

O Aprender 3³⁶ é a nova plataforma aberta que a UnB utiliza para mediar as aulas da graduação e da pós-graduação presencial, com novos recursos e ferramentas. O contato imediato e a mudança do formato das aulas fizeram com que estudantes e professores precisassem se adaptar e se apropriar das novas plataformas, todavia, ainda persistem algumas dificuldades no uso de tais espaços, por falta de conhecimento e contato, como salientado pelo estudante: “[...] teve uma aula que eu comecei a compartilhar minha tela, sabe? Depois que eu pensei ‘Meu Deus!’ essas coisas, tive alguns problemas assim, tanto de conexão, como da própria plataforma em si” (Cotista 1 - 2020). Os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) estão sendo utilizados com maior frequência, são ambientes que auxiliam a interação entre professor e estudante em prol da aprendizagem e promoção do conhecimento. Essa nova lógica de aprender em rede altera formas de organização e construção de conhecimento (FREITAS; FRANÇA; ALVES, 2015), por isso os jovens cotistas entrevistados mencionaram algumas dificuldades diante do uso dessas plataformas (AVA), porque envolve a compreensão da linguagem desse espaço. Acerca do uso de diferentes linguagens, Bourdieu (1985) pontua que é mais comum o contato com variedades linguísticas a partir de meios que permitam um vínculo com a linguagem:

Si esta aptitud para manejar diferentes variedades linguísticas, sucesiva y sobre todo simultaneamente, es sin duda una de las más desigualmente repartidas, eso quiere decir que el dominio de las diferentes variedades linguísticas y sobre todo la relación com el lenguaje que implica sólo pueden adquirirse en ciertas condiciones de existência capaces de autorizar una relación separada y gratuita com el lenguaje (BOURDIEU, 1985, p. 13, nota de rodapé).

³⁶ Para maiores informações sobre a nova plataforma Aprender 3 da Unb, acessar: <<https://www.cead.unb.br/moodle>>.

A carência do contato com tais plataformas de aprendizagem reflete na participação dos estudantes cotistas nas aulas remotas, os quais precisam se adaptar ao novo meio de ensino. Observa-se, nas formações discursivas dos cotistas - “eu tô tendo muita dificuldade ainda” (Cotista 1 - 2020), “Eu não sabia muito bem como utilizar” (Cotista 2 – 2020) - a presença de dificuldades em relação as novas linguagens e códigos que as plataformas apresentam. Para tanto, afirmaram que, pela prática e contato com as plataformas, é possível superar tais dificuldades e aprender como operar nesses espaços: “E sobre mexer direito nas plataformas, é só mexendo mesmo [...]” (Cotista 1 - 2020). Urbina e Peralta (2013) diferenciam apropriação de uso, em que a apropriação tecnológica consistiria na compreensão de “códigos y significados” (URBINA; PERALTA, 2013, p. 5) e que concorre para possibilidades de mudanças nas práticas culturais. Nessa dinâmica, tal apropriação solicita um conhecimento prévio que possibilite internalizar os códigos e significados para que, assim, seja possível converter o uso significativo das TIC para sanar dúvidas e ampliar o conhecimento.

Belloni e Gomes (2008) declaram que adolescentes que tiveram acesso precoce às TIC desenvolveram competências como a colaboração, na relação com seus pares eventualmente a partir do contato com jogos, computador e televisão, e tais atividades estão associadas a ambientes com acesso às TIC, interação que fomenta: “[...] comportamentos de autonomia e autodidaxia e favorece o trabalho colaborativo [...]” (BELLONI; GOMES, 2008, p. 738). O termo autodidaxia remete à ação autônoma do indivíduo no seu processo de aprendizagem e, particularmente, está associada ao processo de apropriação das técnicas que envolvem as TIC, possibilitando um aprender em rede, fundamental para se relacionar, trabalhar e exercer o papel de cidadão. No entanto, jovens que utilizam as TIC fora das instituições de ensino acabam por fomentar competências próprias do uso desses aparatos. Dessa forma, pode-se inquirir que jovens que apresentam dificuldades em relação ao manejo das plataformas de aprendizagem tenham como justificativa a falta de contato com esse espaço, provavelmente decorrente de déficit econômico, cultural e social.

Dificuldades de naturezas diferentes foram mencionadas pelos dez jovens candidatos, como a dificuldade em acessar à Internet pela barreira dos dados móveis diários, tendo em vista que o acesso à Internet por dois estudantes entrevistados se limitava ao dispositivo móvel, para tanto, privilegiava-se navegar por sites que consumiam menos dados móveis; assistir videoaulas pelo *Youtube* era menos frequente e, por vezes, se via apenas uma videoaula por disciplina para poupar os dados. Dois jovens afirmaram que não pagavam cursinhos preparatórios online por não terem condições financeiras no momento, para tanto, buscavam alternativas gratuitas na

Internet. Entre as dificuldades no manejo das ferramentas e conteúdos disponíveis na Internet, uma estudante afirmou que perdia a “concentração com facilidade”. Acerca desse impasse, a maioria dos quatro estudantes respondentes concordou que a Internet não atrapalha no momento de estudo.

O uso da Internet para estudar não foi considerado como uma distração entre os cinco estudantes cotistas, por vezes, conforme relataram, o que mais atrapalha na hora de estudos é o barulho, ambiente desorganizado e, caso esteja estudando pelo celular, as redes sociais. Para outros (3) cotistas, as redes sociais são espaços voltados para o entretenimento, aos quais recorriam para preencher os momentos de lazer. No entanto, observa-se que as mídias sociais *WhatsApp, Instagram, Microsoft Teams, YouTube*, estão contribuindo fortemente no processo de aprendizagem, como suporte, auxiliando principalmente nos momentos de dúvidas: “[...] auxilia, auxilia porque dá pra compartilhar dúvidas e solucionar, como são várias pessoas com o mesmo objetivo, então dá pra ajudar bastante, ajuda coletiva” (Cotista 1 - 2020), algumas em maior, outras em menor grau, sobressaindo novamente a questão da colaboração em rede (RÁMILA; MARTINELL, 2016).

A colaboração entre os estudantes, além do acesso à informação em diferentes mídias sociais, concorre para a ampliação do capital cultural midiático dos cotistas, até cooperando na resolução de questões de avaliações das disciplinas da graduação. Acompanhar *lives* e compartilhar conteúdos relacionados à graduação nas mídias sociais têm se tornado uma rota de fuga ou tática (MARTÍN-BARBERO, 1997; CERTEAU, 1998) para os cotistas, espaços que oportunizam o contato com notícias atualizadas e conteúdos da sua área de formação, bem como, apresentam-se como possibilidade de encontrar perfis em mídias sociais de indivíduos que sugerem e indicam como estudar melhor, ampliando as possibilidades de aprofundar e compreender determinado assunto:

[...] tem umas páginas de alguns alunos, eu imagino que eles fazem isso como forma de ajudar e como forma de aprender também, em que eles disponibilizam suas anotações, eles dizem sua opinião sobre esse conteúdo assim, eu costumo acompanhar (Cotista 2 - 2020).

A rotina de estudo dos três estudantes candidatos entrevistados se dividia em auxiliar nas tarefas domésticas, uma vez que o período de isolamento fez com que membros das famílias comesçassem a trabalhar de casa ou fossem prejudicados de alguma forma, precisando se isolar em casa ou não, tendo que redobrar os cuidados com a limpeza diária. Contudo, os três estudantes reservavam um período do dia aos estudos, se dedicando cinco, seis ou até oito horas por dia às disciplinas, incluindo, também, estudos para se prepararem para realizar os exames

de seleção. Observa-se que um dos estudantes candidatos entrevistados não possuía um local reservado para o estudo, estudava na mesa da cozinha, ou na cama, outra aluna estudava na mesa da copa da cozinha e, apenas uma jovem possuía uma mesa e cadeira em seu quarto para estudar, e uma estante, espaço no qual conseguia se concentrar.

Os cinco estudantes cotistas usufruíam dos espaços disponíveis para estudo na universidade, como na Biblioteca Central e outras salas de estudo distribuídas nos blocos de sala de aula sul – BSAS. A Internet da universidade é considerada de boa qualidade, não ocasionando dificuldades de acesso aos jovens, contudo, as salas de informática, em especial a da Faculdade de Direito, disponibiliza computadores que geralmente estão com defeitos ou sem acesso à Internet, segundo a fala de um estudante. Vale ressaltar que não há estímulo do uso das salas de informática por parte dos docentes. Os estudantes encontram e conhecem esses espaços pela necessidade de utilizá-los, diferente de outros colegas: “Não, não, a maioria das pessoas têm computadores pessoais, ou então elas voltam pra casa porque moram perto, coisas assim” 2 - 2020). A consciência das diferenças econômicas, culturais e sociais entre estudante cotista e estudantes não cotista foi uma constante nas falas dos jovens, que, por vezes, conforme afirmaram, se sentem deslocados no curso e não pertencentes àquele espaço, fazendo com que suas relações de amizade envolvam, em sua maioria, estudantes de escola pública.

O espaço domiciliar de estudos dos seis cotistas geralmente é formado por uma escrivaninha, cadeira e computador localizados no quarto dos estudantes e com acesso à Internet. Quando questionado se tinha computador, um estudante mencionou que só adquiriu o dispositivo graças à bolsa de estágio durante o último ano do Ensino Médio e que, antes disso, compartilhava um computador com a família. A dificuldade de acesso aos dispositivos eletrônicos marca a trajetória de famílias de renda baixa, como demonstram os dados do PNAD (2018), o que implica diretamente na problemática de exclusão digital (PISCHETOLA, 2016), resultado da desigualdade de acesso aos bens materiais, como computador, podendo aprofundar as desigualdades sociais, uma vez que, no processo de apropriação da tecnologia, a falta de competências tecnológicas compromete o seu uso significativo (NORIEGA; CARVAJAL; GARCIA, 2017).

O trajeto casa-universidade também foi uma adversidade comentada pelos cinco estudantes cotistas. No período de semestre letivo, com aulas presenciais na universidade, os jovens gastavam, em média, mais de 2 horas para ir e voltar da universidade, tendo que embarcar em até seis ônibus, o que era muito desgastante. Um dos cotistas mencionou que o período de pandemia proporcionou maior estadia em casa e estava gostando muito de não ter que voltar a embarcar diariamente em ônibus lotados. O tempo que outrora perdia nas viagens,

durante o isolamento complementa as horas de estudo ou de lazer. Antes, no período letivo com aulas presenciais, os seis cotistas se dedicavam por 2 a 3 horas diárias aos estudos voltados à graduação, com o isolamento social decorrente da pandemia, as horas diárias de estudos saltaram para 4, 5 ou até 6 horas por dia.

Além das dificuldades associadas ao conteúdo das disciplinas enfrentadas pelos cotistas, bem como o trajeto casa-universidade, na permanência universitária, situações de humilhação ocasionadas por docentes foram mencionadas nas entrevistas por dois estudantes. Tais ações que depreciavam a capacidade cognitiva dos estudantes provocaram a piora do quadro depressivo de um dos entrevistados, afetando sua trajetória na universidade. Apesar de não ser o foco da pesquisa, esse dado não pode ser ignorado.

5.4.4 Capital Cultural e Capital Cultural Midiático

Quando se pensa nos critérios de seleção adotados pelas universidades públicas, a fala do graduando em Medicina faz todo o sentido, pois os exames de ingresso solicitam resolução de questões densas, bem como, habilidades de interpretação e produção escrita (CESAR, 2013), isto é, demanda do candidato conhecimento com o qual, segundo os entrevistados, não tiveram contato durante a formação básica. Tal problemática também se aplica aos processos avaliativos durante o curso de graduação. Nesse contexto da cultura digital, o uso da Internet para ingressar e se formar se torna indispensável, ao passo que, nesse espaço, torna-se possível o contato com um conhecimento legítimo ou não legítimo, bem como, o acesso às mídias digitais.

Segundo Fichtner (2015) a apropriação social das TIC tem como base o uso da Internet, e significa:

[...] um processo no qual adolescentes e jovens apreendem as novas tecnologias como parte essencial de suas formas de vida cotidiana e - um processo no qual adolescentes e jovens aprendem a integrar essas tecnologias conscientemente na estrutura dessas formas de viver como cultura” (FICHTNER, 2015, p. 48).

Fichtner (2015) pondera que a apropriação social das TIC demanda conhecimento sobre a linguagem que permeia o espaço virtual, assim como, crianças ou adultos não alfabetizados precisam ter contato com a escrita para desenvolver a escrita alfabética, que constitui formas de sistematizar o conhecimento com o fim de se comunicar através da linguagem escrita. Assim, a apropriação social das TIC está associada às práticas sociais, permeadas por formatos de escritas diversos em redes sociais, com diversas formas de linguagem que geram *comportamentos simbólicos* (FICHTER, 2015, p. 51), carregados de sentidos e valores, especialmente pelos jovens.

As novas tecnologias no contexto juvenil permitem a socialização em sociedade, em que indivíduos, através de práticas culturais, se apropriam das TIC de diferentes maneiras, isto é, as percepções de mundo e as novas maneiras de socialização são viáveis por diferentes plataformas, nas quais se pode trocar mensagens, compartilhar ou curtir diversos conteúdos. Novas formas de interagir e aprender são possíveis com as novas tecnologias, possibilitando uma “autossuficiência em busca da informação” (OLIVEIRA et al. 2015, p. 102), no sentido de buscar apoio na Internet, que, por sua vez, está associado a processos de escolha, cognitivos atrelados ao desenvolvimento em um contexto digital, em um ciberespaço que possibilita uma gama de ações derivadas de interesse e necessidades específicas do indivíduo (URBINA; PERALTA, 2013).

Nesse sentido, como sugere Setton (2011), o processo de socialização do jovem com as mídias precisa ser “compreendida a partir de uma perspectiva dialética” (SETTON, 2011, p. 68) com o meio em que está inserido. As redes sociais estão possibilitando não só a sociabilidade desses jovens (OLIVEIRA et al., 2015), mas também moldam hábitos e preferências, que são ressignificados e apropriados de forma singular por meio de processos cognitivos que passam a ser mediados por interações no ciberespaço. Quando se pensa o aprender em rede, evidencia-se que o aprender está sendo remodelado por esses jovens, ou seja, não há barreiras de espaço físico para se aprender: “A internet trouxe a possibilidade de uma aprendizagem desterritorializada, nômade, que coloca o sujeito do conhecimento em contato com hipertextos e realidades em movimento” (OLIVEIRA et al., 2015, p. 107), mas tal processo de aprendizagem recai em condições de acesso e manejo das TIC, bem como, na cognição de sua linguagem.

Entre os apoios para compreender o conteúdo estudado na escola, ressaltam-se a busca por respostas no Google e videoaulas pelos estudantes (3) candidatos entrevistados, espaços em que pesquisavam por outras formas de explicação do conteúdo, como pontuou uma aluna: “[...] quando não entendo o professor, eu procuro outro professor, outro vídeo que fale sobre a mesma matéria”, ou perguntavam para um colega sobre o assunto. Da mesma forma, do total de dez estudantes respondentes, sete preferiam acessar à Internet para tirar dúvidas em relação à matéria, enquanto três optavam por buscar orientação do professor. Consequentemente, o uso da Internet para o estudo foi recorrente, já que não distraía a maioria dos seis respondentes. Tal uso direcionado ao preparo para os exames de ingresso à universidade foi amplamente mencionado pelos respondentes, cerca de nove estudantes. O uso de sites que disponibilizam videoaulas, como o *Youtube*, fazia parte das práticas de estudo dos candidatos respondentes, cerca de nove estudantes alegaram recorrer a essas plataformas “sempre” ou “muitas vezes”

para aprender o conteúdo, logo, a organização dos estudos não gira em torno só do livro, questão que teve total concordância dos dez respondentes candidatos, em que “sempre” ou “muitas vezes” a Internet contribuiu para ampliar ou complementar o conteúdo do livro.

Constata-se que o contato com livros não legítimos, a busca por informações e entretenimentos pelas mídias sociais, como *YouTube*, *Instagram*, *Facebook*, bem como para o contato com outros estudantes, foi notório na fala dos três estudantes candidatos e nove cotistas. Entretanto, o uso da Internet para se preparar aos exames de ingresso ao ensino superior ou para o estudo foi constante nas falas dos oito estudantes candidatos e oito cotistas entrevistados. Todavia, a qualidade do processo do estudo precisa ser melhor investigado, pois os processos e efeitos dessa transferência do meio virtual para o real são complexos, podendo gerar “artefatos culturais” isto é, os textos, imagens, sons e vídeos transmitidos pelas mídias podem ser reinventados pelos indivíduos a cada novo contato e leitura, gerando novos sentidos a partir do conteúdo midiático. Esse processo requer, portanto, competências tecnológicas (NORIEGA; CARVAJAL; GARCÍA, 2017) e práticas sociais que devem ser compreendidas em seu contexto (BROWN, 2012), tal foco pode ser aprofundado em estudos posteriores.

As formações discursivas emitidas pelos indivíduos, segundo análise do discurso, pressupõem que estão fundamentadas na ideologia. Uma vez que “a ideologia se manifesta na língua” (ORLANDI, 2005, p. 16), as palavras são revestidas de sentido, podendo ser formadas pela contradição e apresentar diferenças em seu interior. Conceitos como o de metáfora são ressignificados por Lacan, que associa a substituição de uma palavra por outra, prezando pelo significado que elas carregam (ORLANDI, 2005).

Já na perspectiva de Pêcheux (1997), os sentidos das palavras só se estabelecem a partir das relações de metáfora, isto é, por meio de “[...] efeitos de substituição, paráfrases, formação de sinônimos” (ORLANDI, 2005, p. 39), sendo preciso considerar o processo de construção histórico.

Do mesmo modo, as formações discursivas proferidas por estudantes cotistas carregam sentidos, os quais precisam ser explanados dentro contexto social, de forma não isolada. Ao serem questionados sobre o seu círculo de amizades e suas relações com os outros estudantes não cotistas, ficou evidente na fala dos cotistas uma relação a partir da distinção:

O que que acontece, no dia em que fui fazer meu pré-registro eu encontrei na fila, pra fazer o pré-registro, um aluno que tinha ingressado pelo sistema universal, e por algum motivo, eu imagino que seja uma questão pessoal minha, eu me senti um pouco acuado em relação a ele, sabe? Então, eu acho que foi, eu imagino que tenha culpa nisso também, nos primeiros semestres eu procurei me afastar um pouco dos alunos do sistema universal, sabe? (Cotista 2 - 2020).

Tipo, claro que eu tenho muitos amigos de escolas particulares, mas tipo, se for olhar as pessoas mais próximas que tenho na faculdade são pessoas de escola pública. Eu acho que é mais questão de alcance de realidade, você se encontra mais no outro, uma pessoa que vive uma realidade mais parecida com a sua, então por isso que eu acho que isso deve ser bem comum em relação aos outros entrevistados, mas comigo acontece que me aproximo mais de pessoas de escola pública (Cotista 1 - 2020).

As formações discursivas - “eu me senti um pouco acuado em relação a ele, sabe?” e “você se encontra mais no outro” - proferidas pelos cotistas carregam sentidos específicos ao espaço social que ocupam. Os cinco estudantes que se consideraram de renda baixa ou pobre enxergam as suas relações com o outro a partir da identificação ou distanciamento. No caso do primeiro estudante, ao usar a marca textual “acuado” (Cotista 2 - 2020), se referindo ao sentimento de desconforto pela proximidade com outro estudante não cotista, revela prováveis contrastes de renda, capital cultural, econômico e social. Disso pode decorrer uma baixa autoestima e falta de pertencimento com o meio acadêmico, no qual ainda predomina uma cultura academista e dominante (BOURDIEU, 2013), especialmente no interior de cursos seletivos, cuja grande maioria de estudantes é formada por jovens de famílias de alta renda e brancos (RISTOFF, 2014).

A marca textual “se encontrar” (Cotista 1 - 2020) que o estudante associou às relações de amizades estabelecidas com outros estudantes oriundos da rede pública justifica a identificação e similaridade de situações sociais que ambos passam, gerando, assim, proximidade e reconhecimento de trajetórias. Tal discurso se repete na fala dos demais cinco cotistas. Logo, a ideologia presente e imbricada ao subjetivismo dos estudantes molda seus olhares e posturas defronte o outro, nas suas relações. Acerca das relações dentro da universidade, a análise das redes de contatos dos estudantes pode revelar que certos grupos eram privilegiados por terem acesso à informação, um traço de *homophily* “may play the role of reifying inequality and maintaining minorities isolated, even though they have been ‘accepted’ into higher education” (RIBEIRO et al., 2019, p. 8). Nesse sentido, a desigualdade presente na universidade faz com que grupos constituídos por minorias sejam isolados, especialmente nos cursos mais concorridos, sobressaindo uma tendência de baixa interação entre cotistas e não cotistas (RIBEIRO; PEIXOTO; BASTOS, 2019). Apesar de ingressarem na educação superior, vivenciam esse meio de modo diferenciado (com baixa integração) se comparado aos estudantes “regulares”.

A ideologia tem um caráter histórico e material (ORLANDI, 2005) que transparece ou está oculto nos sentidos que as formações discursivas carregam. Nesse sentido, a linguagem é parte crucial da AD, e a partir dela, a noção de ideologia pode ser captada. Para isso, deve-se partir da interpretação contextualizada e crítica, que, diante do histórico, social e linguístico,

busca responder o que significa ou quer dizer tal formação discursiva, “nesse movimento da interpretação o sentido aparece-nos como evidência, como se ele estivesse já sempre lá” (ORLANDI, 2005, p. 40), bem como, refletir sobre aquilo que não transparece, o não-dito. Vale ressaltar que toda formação discursiva está fundamentada em uma formação ideológica (SOUZA, 2014).

Orlandi (2005) enfatiza que a imagem ou projeção do indivíduo que advém do espaço social que ele ocupa exerce influência no seu discurso, ou seja, a posição social do indivíduo gera uma representação de posição, levando a indagar sua posição de fala, isto é, quem sou eu para discorrer ou não sobre determinado assunto? As relações discursivas são complexas e levam em consideração a posição discursiva. Desse modo, observou-se na fala dos oito estudantes cotistas alusão à preferência de interação com estudantes oriundos da rede pública, que, como eles, compartilham anseios, aspirações e passam por situações semelhantes. Já em relação ao estudante não cotista, constata-se um distanciamento e um sentimento de inferioridade, podendo ser fruto do seu *habitus* familiar, que molda as predisposições e gostos do indivíduo de acordo com a necessidade ou interesse, situações que são iniciadas no seio familiar, associadas, também, ao *habitus* de classe (BOURDIEU, 2013).

A baixa expectativa de ingressar em curso seletivo aparece em outras formações discursivas:

Então, eu acho que foi difícil, foi penoso, eu também não tinha muitas esperanças quanto a isso, eu não imaginava que eu fosse tanto que no dia que eu fui preencher, porque assim, você coloca a sua pré escolha antes de fazer a prova aí eu coloquei, assim, não sei se posso dizer de qualquer forma, mas de uma forma desinteressada sabe? Porque antes eu tinha, eu não imaginava que eu fosse passar, então eu só preenchi de qualquer jeito e fui, fui fazer a prova, eu fazia o cursinho mas eu não achei que teria pontuação suficiente, pra poder ingressar, sabe? (Cotista 2 - 2020).

Na escola eu não tive base nenhuma pra fazer uma prova do vestibular, uma preparação tive que procurar a parte, mas aquilo não era suficiente, então, eu tive esses entraves, que eu acho que estudante de escola pública têm, quando querem passar em algum curso superior na universidade (Cotista 1 - 2020).

A baixa expectativa de ingressar em um curso de alta seletividade social apareceu nas formações discursivas (FD) como algo distante da realidade dos cinco cotistas, como se pode observar: “eu não imaginava que eu fosse passar”, e em relação ao conteúdo ofertado na escola: “aquilo não era suficiente”. Ambos os trechos concorrem para uma baixa expectativa de aprovação nas provas de ingresso, pois as condições objetivas interferem e moldam as expectativas e disposições subjetivas, uma vez que Bourdieu (2013) ressalta que o indivíduo é resultado do meio social em que se desenvolveu e a violência simbólica que sofreram nas relações escolares contribuem para que os indivíduos tendem a valorizar e reconhecer como

legítima a cultura dominante, reflexo da ideologia dominante. Assim, o indivíduo pode estar inclinado a reproduzir um discurso dominante, ao expor suas baixas expectativas de aprovação na educação superior, devido às condições objetivas e subjetivas vivenciadas que orientam ações e práticas culturais (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002).

Dentre os dez estudantes candidatos, ao serem questionados sobre suas expectativas de realização de vida, cerca de nove deles assinalaram a opção “minhas chances de me realizar na vida são grandes”; três estudantes, ao serem questionados sobre sucesso escolar, responderam que (dois) “às vezes” e outra estudante assinalou que “sempre” se sente como único(a) responsável pelo seu sucesso escolar. Nessa vertente, a visão de possibilidades de grande realização de vida perpassa também as expectativas de sucesso escolar de estudantes candidatos a cursos de alta seletividade na UnB. Vale salientar que a concorrência no curso de Medicina chega a ultrapassar 60 pessoas por vaga (LIRA, 2017). Tal tendência positiva em relação às expectativas de se realizar, pode estar associada à ausência de capital informacional que, segundo Bonaldi (2016), seria a falta de informação, como a ausência de conhecimento sobre os processos seletivos de ingresso à universidade, demanda por vaga, conteúdo solicitado pelos exames. A postura positiva em relação à realização de vida apresenta dissonâncias com a postura pessimista dos estudantes cotistas sobre a sua aprovação em cursos seletivos, e possível sucesso escolar. Vale destacar que os nove estudantes cotistas, no processo de preparação para realizar os exames de seleção, optaram ou conquistaram bolsa em cursinhos preparatórios, diferente dos estudantes candidatos, pois apenas um acessava um cursinho preparatório virtual, do total de três respondentes.

Estudar, processo custoso de compreender e se apropriar de um conteúdo, cobra do sujeito dedicação e disposição para essa apropriação, o que toca também em meios para que tal processo se desenvolva. Ao se refletir sobre as práticas formais de ensinar e aprender em meio ao isolamento social³⁷, os dispositivos eletrônicos são ferramentas importantes para se estabelecer comunicação ou para se informar, para tanto, utiliza-se de uma linguagem própria do seu meio. Ainda muitos estão à margem do contato com tais dispositivos, conseqüentemente, isso influencia na capacidade de interagir em rede, criar e se apropriar de conhecimentos disponíveis na Internet. A linguagem que permeia essa interface se manifesta em diversas plataformas “*O WhatsApp, o Instagram, o Facebook, o Google+, o YouTube, o Twitter*”, são

³⁷ Isolamento social foi uma medida que começou em 2019, em alguns países, devido à COVID-19, que se prolongou até o momento, afetando diretamente nas formas de interação, socialização, em particular, na forma de aprender e ensinar conteúdos demandados pela instituição escolar.

exemplos de plataformas que disponibilizam diferentes linguagens” (LIMA; VERSUTI, 2018) com o objetivo de estabelecer uma comunicação.

A linguagem, como os novos moldes de aprendizagem que a tecnologia proporcionou, são barreiras ou meios para segregar o conhecimento. São constantes as falas dos cinco estudantes cotistas sobre dificuldade de compreensão da linguagem de textos acadêmicos. Não obstante, Bourdieu (1985) destaca que a linguagem pode se manifestar como um dos mecanismos de manutenção de dominação e que decorre “[...] en la práctica, se inscribe en las disposiciones que se inculcan insensiblemente, a través de un largo y lento proceso de adquisición, por médio de las acciones del mercado lingüístico” (BOURDIEU, 1985, p. 25). Nas percepções dos estudantes cotistas no tocante à sua bagagem cultural, especialmente sobre a formação escolar, predomina uma baixa expectativa, um sentimento de desqualificação.

Orlandi (2013) também aborda o discurso eletrônico. Partindo do digital e tratando sobre a materialidade da interpretação, a autora salienta que os processos estabelecidos em rede são carregados de sentido ou “significação”, e que apesar do contexto ser digital, a interpretação e a apreensão se constituem etapas importantes, caracterizando o processo discursivo do indivíduo. A ideologia se manifesta na interpretação, e corrobora na formação dos sentidos dos indivíduos, assim:

Ao significar, o sujeito se significa e o gesto de interpretação é o que, perceptível, ou não para o sujeito e seus interlocutores, decide a direção dos sentidos, decidindo assim sobre sua própria “direção” (identificação, posição-sujeito etc), ao inscrever-se em formações discursivas, reflexos das formações. (ORLANDI, 2013, p. 7).

Do mesmo modo que denotam um grau alto de importância à linguagem acadêmica, o sentido que denotam à tecnologia está associado, também, ao contexto social e de sentidos no qual se está inserido. A língua carrega um “valor propriamente social”, fazendo com que o seu uso desdobre em “sistemas de diferenças” (BOURDIEU, 1985, p. 28). Destarte, o processo de se apropriar da língua, a depender dos “estilos expressivos” pode indicar uma posição na hierarquia, “expresa clases sociales a través de las clases de índices estilísticos” (BOURDIEU, 1985, p. 28).

Estudantes cotistas, ao ingressarem na universidade, em um curso elitizado, encontram nova realidade, linguagem, cultura acadêmica, o que lhes gera sentimento de inferioridade. Todavia, o diploma de um curso concorrido é visto como uma oportunidade de emprego e inserção no mercado de trabalho, de aumento de renda e melhoria de qualidade de vida. O processo para obter o diploma, segundo a fala dos cotistas, é complexo, cobra muito, ainda mais de estudantes que estudam e trabalham. O “campo dos possíveis” (BOURDIEU, 1979) é

alinhado às condições objetivas e subjetivas dos sujeitos, por isso a falta de sintonia com a demanda da graduação e o domínio de diferentes linguagens (como a acadêmica) são oriundas de aptidões desigualmente repartidas na sociedade (BOURDIEU, 1985), bem como, o manejo das plataformas digitais.

No contexto de processos de estudos e tecnologia, a forma de se apropriar desses meios recai no fator renda. O acesso à Internet, como a aquisição de dispositivos eletrônicos, ainda se configura um impasse quando afeta as práticas de estudos dos estudantes cotistas, como no caso do cotista que precisa deixar de assistir aula online caso o irmão precise assistir alguma aula online no mesmo dia. Assim, ambos optam por assistir as aulas mais importantes, partindo desse critério para definir quem assistirá aula no dia: “Ontem eu estava tendo uma aula e falei, ‘essa é importante’”, ao que o irmão respondeu: “‘está bem, então saio da minha’ [...] Quando a minha não é tão importante, eu saio da minha e ele entra na dele, entendeu? Quando é no mesmo horário” (Cotista 4 - 2020). Observa-se que, apesar das dificuldades, táticas de estudos são traçadas.

O apoio, a apropriação e as dificuldades associadas às TIC tocam em nível de capital cultural, mas, sabe-se que outros conceitos de capitais associados à tecnologia emergiram na fase inicial da presente pesquisa, na busca de trabalhos que versam sobre a educação e processos de apropriação das TIC, como o conceito de capital tecnológico. O capital tecnológico seria a capacidade de saber utilizar as TIC (CASILLAS; MARTINELL, 2017), já para Alvarado, Martinell e Méndez (2014), se trata de um capital que colabora para o sucesso escolar e, como os demais capitais (cultural, econômico, social), está desigualmente distribuído. Partindo do conceito abordado por Bourdieu (2013) sobre capital cultural, o capital tecnológico se apresenta em três estados, o incorporado (apropriação, afinidades com os dispositivos e com a rede virtual), o objetivado (acesso aos dispositivos eletrônicos e à Internet de qualidade) e o institucionalizado (certificação do conhecimento adquirido) (ALVARADO; MARTINELL; MÉNDEZ, 2014). Dessa forma, as formações discursivas apresentadas ao longo do capítulo exibem que o nível de capital tecnológico dos estudantes cotistas em relação à apropriação da tecnologia estaria na sua fase objetivada, apesar da declaração de alguns problemas de acesso à Internet de qualidade. Já os estudantes candidatos apresentaram maiores dificuldades no contato com o capital tecnológico em sua fase objetivada, uma vez que três candidatos não possuíam acesso a computador e Internet de qualidade em casa, afetando diretamente a possível ampliação de seu capital cultural midiático.

O capital cultural midiático, também reconhecido como elemento distintivo no jogo social (SETTON, 2005), para as classes populares, colabora para ampliar o capital cultural, em

particular, nos processos de estudo para ingresso ao ensino superior. Ao discorrer sobre o capital cultural midiático, Setton (2005) se apoiou nos escritos de Zaia Brandão, que menciona em seus trabalhos acerca do capital-informação, conceito primeiramente abordado por Marcos Dantas.

Para Brandão (2010), o capital-informação faria parte do capital cultural. Segundo Dantas (2002), capital-informação seria mais um elemento de distinção, que dividiria homens e mulheres pelo seu nível de informação, entre informados e não informados. As relações de dominação de outrora, agora tomam novas formas, tendo como eixo classificador o acesso ou não à informação. Nesse contexto, Setton (2005) se apropria do conceito de capital cultural elucidado por Bourdieu, e o qualifica como midiático, ampliando para capital cultural midiático, bem como, alinha-se ao conceito de capital-informação elucidado por Brandão (2010), que enfatiza a relevância da informação nas relações e na reprodução de desigualdades. Observa-se, então, uma fusão de conceitos que tem como fundamento o conceito de capital cultural.

A cultura da convergência (JENKINS, 2006) contribui para que os processos de estudo nas plataformas digitais estejam interligados, devido a esse espaço possibilitar o acesso às informações/conteúdos em diferentes plataformas, com linguagens diversas. Nesse contexto, as velhas tecnologias não são excluídas, mas chocam-se com as novas tecnologias, fomentando espaços de interação e de troca de experiências, cooperação, desenvolvendo uma “inteligência coletiva” e “uma cultura participativa” (JENKINS, 2006, p. 355). Pode-se constatar que as práticas de estudo formal dos cotistas não se resume apenas à pesquisa ou ao uso das mídias sociais, recorre-se também à elaboração sistematizada de resumo, leitura de livros, manuais.

As novas tecnologias transformam relações, e nesse processo de “[...] crescente contato e colaboração entre as instituições de mídias consagradas e as emergentes, pela expansão do número de agentes produzindo e circulando mídia, e o fluxo de conteúdo pelas múltiplas plataformas e redes” (JENKINS, 2006, p. 356), as instituições consagradas do conhecimento não são mais fontes legítimas de informação. Na mídia, na cultura midiática, os indivíduos não apenas consomem informação, mas podem compartilhar, criar, reelaborar, propagando uma cultura participativa, cuja passividade de outrora não é opção exclusiva.

Diante da cultura midiática, das novas tecnologias da informação, a importância do letramento midiático é latente. Jenkins (2006, p. 30) sublinha que “[...]. A convergência representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos”. Assim, o como pesquisar, o que pesquisar, onde pesquisar, o que e como compartilhar são ações que permeiam as conexões em rede. O processo de apropriação de um conteúdo midiático requer nível de

capital tecnológico (ALVARADO; MARTINELL; MÉNDEZ, 2014), capital cultural (BOURDIEU, 2013), bem como, capital-informação (DANTAS, 2002), especialmente de capital cultural midiático (SETTON, 2005), este último conceito podendo ser considerado uma fusão entre capital cultural e capital-informação, uma vez que foram conceitos chaves que fundamentaram o trabalho de Setton (2005).

A realidade objetiva social das condições de acesso às TIC, bem como, à informação disponível na Internet consumidos e apropriados de forma singular, também se caracterizam como uma diferença, em outras palavras, a forma que determinado conteúdo é internalizado sinaliza um “aspecto simbólico del consumo” (CANCLINI, 2004, p. 59). Canclini (2004), ao se debruçar nos estudos bourdieusianos, sublinha que as diferenças se manifestam na maneira de utilizar os bens culturais, especialmente a capacidade de “[...] usar los bienes transmutándolos em signos”, principalmente quando “la escasez de los bienes, su apropiación diferencial por las distintas clases y las estrategias de distinción que elaboran al usarlos” (CANCLINI, 2004, p. 59).

Canclini (2004) ainda enfatiza a importância de se analisar as práticas culturais adotadas pelos indivíduos, pois, é através delas que ações tácitas, não enunciadas, são manifestadas, podendo atuar contribuindo ou não para a manutenção do *habitus* social, e geralmente são carregadas de valores próprios.

O capital-informação, ou capital informacional (BRANDÃO, 2010), assim como o capital cultural, pode ser convertido em outros capitais no campo simbólico, econômico, contendo um valor no jogo social. A frequência a espaços culturais, o contato com a cultura midiática, o tempo e disposição para o aprender em rede, o processo de interpretar códigos, navegar nas plataformas, o saber compreender a linguagem pode gerar um valor-informação ao indivíduo. Assim, estudantes cotistas, na interação em rede, criam, de forma colaborativa, táticas para se apropriar do conteúdo acadêmico, valendo-se de ferramentas pedagógicas. Assim, aproveitando as variadas opções que as tecnologias podem oferecer, navegando em diferentes plataformas e mídias sociais, buscam por material em um formato de sua preferência, isto é, com a didática que mais favoreça seu processo de aprendizagem. Desse modo, o estudar sem o apoio da Internet, sem interação, são ações inviáveis para os sete jovens cotistas, uma vez que a Internet se tornou fonte indispensável de estudo e possibilidade acessível de ampliar o capital cultural.

6 CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve por objetivo geral identificar os traços de convergências e dissonâncias entre o perfil das famílias e dos estudantes candidatos às cotas sociais a cursos de alta seletividade social da universidade e também dos aprovados, estabelecendo compreensão crítica entre os discursos e a conexão com condições de apropriação do capital cultural midiático nas práticas formais de estudo. Os dados da pesquisa apontam para divergências entre o perfil dos estudantes candidatos e cotistas. Quase a totalidade dos oito cotistas frequentou cursinho preparatório para ingressar na universidade, a maioria das seis mães é graduada, e seis cotistas são do sexo masculino, perfil semelhante às características dos estudantes aprovados em cursos concorridos, elencados na pesquisa de Cesar (2013). Entretanto, dos dez candidatos, apenas quatro mães se graduaram e dois afirmaram frequentar cursinhos preparatórios.

A partir da revisão de literatura de artigos internacionais e nacionais, emergiu novo conceito associado ao capital cultural, o capital tecnológico (ALVARADO; MARTINELL; MÉNDEZ, 2014), que está mais associado às formas de apropriação e posse do dispositivo eletrônico ou TIC. No contexto da América Latina, os jovens estão cada vez mais integrados às novas tecnologias, utilizando-as para interagir com o outro, acessar informações, conhecer pessoas novas, até para fins acadêmicos, ainda que de forma tímida (RÁMILA; MARTINELL, 2016; CRUZ; REIS; SOARES, 2020). Tais interações em rede moldam perspectivas e identidades juvenis (AMANTE, 2014), em que o eu virtual também é preponderante nas relações sociais.

Com caráter polifônico, diferentes conceitos, como capital cultural midiático, capital informação, capital informacional, capital tecnológico, se desenvolveram a partir do conceito de capital cultural elucidado por Bourdieu. Termos novos surgiram para satisfazer e explicar as novas relações e dinâmicas que estão se estabelecendo entre o indivíduo e a cultura digital, dentro de um contexto de desigualdade social, sendo assim, se configuram como elemento distintivo no jogo social.

Em relação às condições de apropriação do capital cultural midiático, observa-se que nove cotistas e dez candidatos valeram-se ou valem-se das mídias sociais, das ferramentas pedagógicas para ampliar o conteúdo das disciplinas, bem como, buscam no ciberespaço acesso a conteúdo cultural para descansar ou se distrair, assistir a filmes, acompanhar séries, ler livros. O descansar em rede é possível e viável para candidatos e cotistas.

A leitura de *best-sellers* é compartilhada entre candidatos e cotistas. Apesar de o índice de leitura de livros literários ser baixo, a maioria dos cotistas leu, em média, 1 a 2 livros no

prazo de seis meses, já os candidatos leram, em média, nenhum livro a 7 ou mais livros no prazo de seis meses. É importante destacar que os espaços de leitura durante a graduação são dedicados a livros, PDFs, textos de teor acadêmico, e durante a formação no Ensino Médio, a leitura de livros literários era constante, segundo declaração dos seis cotistas.

Em relação às expectativas acerca do futuro, os nove candidatos apresentaram uma postura positiva, pontuando que as possibilidades de se realizar na vida são grandes, com expectativas positivas para alcançar objetivos e sonhos pessoais. Em contrapartida, os cotistas não imaginavam uma aprovação e ingresso na universidade pública tão cedo, em um curso concorrido. Tais expectativas podem estar atreladas ao capital informacional (BONALDI, 2016), isto é, tal expectativa reflete o nível de conhecimento dos cotistas em relação ao número de vagas e candidatos do curso almejado, da concorrência e do nível de complexidade da prova. Vale mencionar que as condições objetivas e subjetivas de existência dos jovens refletem nas expectativas em relação ao prolongamento escolar (BOURDIEU, 2013).

Quanto à apropriação do capital tecnológico, constata-se que os nove cotistas demonstraram mais contato e familiaridade com dispositivos eletrônicos, assim, apresentaram o capital tecnológico em seu estado incorporado e objetivado, que está relacionado ao acesso à Internet, ao aparelho eletrônico, bem como, a familiaridade com as plataformas e ferramentas pedagógicas. Em contrapartida, os estudantes candidatos declararam ter baixo contato com capital tecnológico, sendo que apenas três só acessavam à Internet através do celular, utilizando da rede móvel de dados para estudar. O que está diretamente associado ao processo de ampliação do capital cultural midiático, a falta de Internet e de acesso às TIC, ou seja, a exclusão digital, afeta a interação em rede, os processos de apropriação de conhecimento por meio das mídias sociais ou ferramentas pedagógicas. É de referir que a presença de um computador, microcomputador, notebook, nas casas dos candidatos não é uma realidade. Cerca de sete jovens acessavam à Internet por meio dos smartphones através dos dados móveis diários, já nas seis casas dos cotistas, cada um possuía um computador para uso próprio e celular, ambos com acesso à Internet.

O espaço de estudo dos seis cotistas compunha-se de mesa, cadeira, computador com conexão à Internet e livros, em contrapartida, os três candidatos entrevistados apresentaram condições mais escassas de acesso à Internet, sendo que dois utilizavam o pacote de dados diário para assistir a videoaulas ou acessarem sites que disponibilizem conteúdo do vestibular. Dois candidatos não possuíam um espaço em casa reservado para o estudo, para tanto, utilizavam outros espaços para estudar, como a mesa da cozinha, a cama ou mesa da copa da cozinha. Em vista desse cenário de condições materiais em prol da prática de estudo, seis

estudantes cotistas apresentaram condições de acesso às TIC e espaço de estudo melhores para ampliar o nível de capital cultural midiático.

O uso das mídias sociais e das ferramentas pedagógicas para o estudo foi frequente entre os seis cotistas. O *WhatsApp*, *Instagram*, *YouTube* e *Facebook* foram citadas como mídias sociais mais utilizadas, já as ferramentas pedagógicas mais citadas foram videoaulas, PDFs, aplicativos, xérox, resumos. Nas práticas de estudo, na produção de resumo citou-se como preferencial manuscrito ou digitar, ou ambos, para fixar melhor o conteúdo. Ao elaborar resumos no Word, um dos cotistas destacou a possibilidade de escrever de diferentes formas, valendo-se de atalhos para escrever com maior agilidade, como o copiar e colar, a possibilidade de apagar e mudar sequência de parágrafos ou textos, graças às ferramentas disponíveis no processador de texto. Observa-se que a Internet e as TIC fornecem uma gama de possibilidades que os estudantes podem ajustar às suas preferências didáticas.

O capital social oriundo das redes de relações estabelecidas entre os cotistas concorre para uma aprendizagem em rede, colaborando sobremaneira o apoio dos familiares, que fornecem condições de acesso e permanência por meio da moratória provisória (BONALDI, 2018), além dos valores inclinados ao esforço, dedicação e boa postura escolar transmitidos pelos pais. As relações entre pares, com os colegas cotistas, cooperam para a construção de uma aprendizagem coletiva, por meio dos grupos no aplicativo *WhatsApp*, no *Facebook*, a partir de “uma cultura participativa” (JENKINS, 2006, p. 355), como destacaram os cotistas.

Os graduandos cotistas, no processo de ingresso e permanência na universidade, salientaram a dificuldade de como estudar, especialmente utilizando os dispositivos tecnológicos e plataformas. A fala do estudante cotista “Mas senti em uma cadeira e fiquei pensando em como estudar para o PAS”, evoca que, além de se ter disponibilidade de tempo para estudar, a forma de como aprender e acessar à informação digital se configura também em nível de capital tecnológico e midiático, para se desenvolver uma aprendizagem de qualidade (PISCHETOLA, 2017) que mescla nível de domínio pessoal e informação, o que pode motivar e gerar uma relação profícua de aprendizagem em rede. Além disso, a menção do uso de diferentes plataformas e ferramentas pedagógicas, para o estudo, foi amplamente comentada nas entrevistas.

Alguns aspectos devem ser mencionados em relação às práticas de estudo. O que se pode afirmar, partindo de uma análise dos aspectos social e econômico dos estudantes e os sentidos empregados nas escolhas e práticas de estudo, é que a necessidade é latente. Uma fala de um estudante revelou que os caminhos para se traçar esse processo recaem em escolhas financeiras, como o caso de “abrir mão” de computador ou do acesso à Internet em casa em

prol da manutenção financeira da família. Menciona-se que a preferência por não ter acesso à Internet e computador em casa se daria pelo fato de não achar necessário: “Tá bom assim, não penso não, não penso que seja necessário comprar um computador ou de Internet em casa”.

No discurso dos cotistas, há formações discursivas que valorizam os sacrifícios, os esforços que pais e mães fazem para propiciar um ambiente favorável ao prolongamento escolar, mães batalhadoras, pais honestos que se desdoblaram para estudar, trabalhar e oportunizar maior tempo de estudos aos filhos. As condições de produção do discurso (ORLANDI, 2005) estão carregadas de sentidos que devem ser analisados e interpretados dentro do contexto social, em vias de desnaturalizar relações, que, nesse caso, são ações derivadas de uma moral alicerçada na virtude.

O foco não está em comparar, mas apresentar como a discursividade, um trabalho do analista, requer consciência do contexto social e sensibilidade para alinhar a análise dos discursos e a construção de sentidos e ações decorrentes do meio. Um sentido cristalizado entre os discursos dos cotistas seria a postura e visão de pais heróis, que tudo fazem a favor dos filhos, na expectativa de retorno financeiro e/ou satisfação pessoal ou até realização de um sonho que outrora era deles, pais, o de se formar em uma universidade. Outro sentido relacionado à escolha do curso, presente no discurso dos cotistas, envolve juízos de valor, em que jovens conferem valor social, econômico e cultural à graduação escolhida: “tem aquele valor da profissão em si”, “ambição de mudança”, “tentar mudar a realidade das pessoas”, e alimentam expectativas positivas de retorno financeiro aos familiares.

A análise do discurso (PÊCHEUX, 1995; ORLANDI, 1999) depreende que discursos carregados de sentidos orientam relações, sentidos que são considerados verdades e referência para pensar, conseqüentemente, para agir. O que não é dito é manifestado pelos discursos, assim, compreender a realidade, requer atenção e interpretação das relações estabelecidas em determinado contexto, pois decorrem dela, os sentidos.

Os sentidos empregados pelos cotistas sobre o uso da Internet nas práticas de estudo são evidentes nas formações discursivas: “acho indispensável para se graduar”, “Primeiro eu procuro na Internet”, “ler as coisas na Internet”, “primeiro eu recorro realmente a Internet”. No discurso, os jovens salientaram que a Internet se configura fonte acessível, rápida e prática para sanar dúvidas, bem como, fixar, aprender e complementar conteúdo acadêmico. O sentido que carregam as percepções sobre o uso da Internet, é de importância e relevância nas práticas de estudo, sendo esse meio uma fonte quase que fundamental, “indispensável” de estudo, descanso e de interação entre os jovens cotistas entrevistados. Especialmente pela linguagem mais compreensível, e por disponibilizar um conteúdo em diferentes formatos, vídeo, texto, áudio,

livros, favorecendo um processo personalizado de estudo, em que jovens vão ajustando fontes e formatos de acordo com as suas preferências e necessidades.

É imprescindível destacar que grupos no *WhatsApp* e *Facebook*, por exemplo, têm como intuito o compartilhamento de conteúdo acadêmico, facilitar o acesso a manuais, PDFs, livros, textos, *links* de videoaulas, de *lives*, de eventos acadêmicos, podendo ser espaços táticos não só para tirar dúvidas, mas, também, para ampliar o conhecimento acerca de determinado assunto. O Instagram, através das *lives* de autores e das páginas voltadas para conteúdo acadêmico, são espaços profícuos para a aprendizagem em rede, para tirar dúvidas, para avolumar o conhecimento. O *YouTube*, com a variedade de vídeos disponíveis, é utilizado para se exercitar, aprender a tocar, bem como, acompanhar *lives* direcionadas ou não para as disciplinas acadêmicas. O que se evidencia, aqui, é que as práticas de estudo dos cotistas estabelecidas em rede, com o uso das mídias sociais, corroboram para ampliar, aprofundar e compartilhar o conteúdo acadêmico por fontes híbridas de conhecimento, corroborando com os estudos de Setton (2001, 2002, 2005, 2011), que valoriza as instâncias não legítimas de conhecimento nos processos de estudos de jovens das classes populares.

Martín-Barbero salienta que “Teremos de deslocar então o olhar, ou melhor, o ponto de vista, para interrogar a tecnologia a partir desse lugar outro: o dos modos de apropriação e uso das classes populares” (2002, p. 188). Isto é, os modos de uso da tecnologia por jovens cotistas são rotas alternativas para se alcançar um objetivo, o diploma. Nesse ponto, o capital cultural midiático pode contribuir para tal concretização. Nos processos de estudo descritos pelos seis cotistas, observa-se o uso do capital cultural midiático com fins acadêmicos, como para descanso ou lazer. Atendo-se às práticas de estudo, o capital cultural midiático, diferente do capital tecnológico, se manifesta e influencia na rotina de estudos dos cotistas:

1. Na interação com as plataformas de aprendizagem;
2. No nível de compreensão da linguagem digital;

É importante salientar que a pesquisa apresentou algumas limitações, especialmente no que tange ao acesso a dados que não foram respondidos nas entrevistas ou questionários, elaborados e aplicados pelas outras pesquisadoras (SAMPAIO, 2019; BECIL, 2017). O que seria pertinente aprofundar em estudos posteriores, especialmente a relação do capital cultural midiático na permanência de jovens cotistas.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Roseane; LIMA, Maria; LIMA, Marcilene; LIMA, Patrick; JUNIOR, Oscar. Uma análise da política de cotas raciais dos afrodescendentes no Brasil: Estudo de caso na Universidade de Brasília – UnB. Noveno congresso latinoamericano de ciência política, organizado pela Associação Latino-americana de Ciência Política (ALACIP), **Anais...** Montevideu, p. 1-21, 2017. Disponível em: <<http://www.congresoalacip2017.org/arquivo/downloadpublic2?q=YToyOntzOjY6InBhcmFtcyI7czozNToiYT0xOntzOjEwOiJJRF9BUiFVSUZPIjtzOjQ6IjEzMjkiO30iO3M6MT0iaCI7czozMjoiZTI1ZWZjOGNiMDg3Mzc2MmI1ZGIwODZmNDEyMWQ3MjEiO30%3D>>. Acesso dia 09 de agosto 2020.

ALVARADO, Miguel Angel Casillas; MARTINELL, Alberto Ramírez; MÉNDEZ, Verónica Ortiz. Háblame de TIC – Tecnología digital em la educación superior. *In*: Martinell, Alberto; Alvarado, Miguel. **El capital tecnológico una nueva especie del capital cultural**. Una propuesta para su medición, 2014, p. 23-38. Disponível em: <https://www.mendeley.com/catalogue/122d2621-4b58-315b-85a6-a713e591518b/?utm_source=desktop&utm_medium=1.19.4&utm_campaign=open_catalog&userDocumentId=%7B891a9772-6828-4674-b7fd-a60cb3b36878%7D>. Acesso dia 3 de agosto 2020.

AMANTE, Lúcia. Facebook e novas sociabilidades: contributos da investigação. Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar. Cristiane Porto; Edméa Santos (orgs.). Campina Grande: **EDUEPB**, p. 27- 46, 2014. Disponível em: <<https://static.scielo.org/scielobooks/c3h5q/pdf/porto-9788578792831.pdf>>. Acesso dia 4 de agosto 2020.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Boletim Regional**. Brasília, v. 13, número 1, jan. 2019, p. 69-72 (Escolaridade e rendimentos do trabalho). Disponível em: <<https://www.bcb.gov.br/content/publicacoes/boletimregional/201901/br201901p.pdf>>. Acesso dia 4 de maio 2020.

BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira. Destinos, Escolhas e a Democratização do Ensino Superior. **Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 14, n. 31, set./dez., 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2015v14n31p256/31533>>. Acesso dia 9 de agosto 2020.

BENETTI, Marcia. **Análise de Discurso como método de pesquisa em comunicação**. Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas. Cláudia Moura e Maria Lopes (orgs.). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Marcia_Benetti/publication/304215070_Analise_de_Di_scurso_como_metodo_de_pesquisa_em_Comunicacao/links/57698d9f08ae1a43d23a3658/Analise-de-Discurso-como-metodo-de-pesquisa-em-Comunicacao.pdf>. Acesso dia 10 de agosto 2020.

BELLONI, Maria Luiza. A televisão como ferramenta pedagógica na formação de professores. **Educação e Pesquisa**. v. 29, n. 2, p. 287-301, dez. 2003. <<https://www.scielo.br/j/ep/a/KzkJnQQTkY9nH4W5LPZMCxp/abstract/?lang=pt>>. Acesso dia 18 de setembro 2021.

BELLONI, Maria Luiza; GOMES, Nilza Godoy. Infância, mídias e aprendizagem: autodidaxia e colaboração. **Educação e Sociedade**, v. 29, n. 104, p. 717-746, 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/es/v29n104/a0529104.pdf>>. Acesso dia 01 de outubro 2020.

BONALDI, Eduardo Vilar. Entre a “autoeliminação” e o enfrentamento incerto: disposições e dissonâncias frente ao ensino superior público. **Política & Trabalho – Revista de Ciências Sociais**, n. 49, jul./dez. 2018, p. 246-265. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/article/view/34625/22275>>. Acesso dia 09 de agosto 2020.

BONALDI, Eduardo Vilar. Tentando “chegar lá”: as experiências de jovens em um cursinho popular. **Tempo social**, v. 30, n.1, p. 259-282, 26 abr. 2018. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/119387/138701>>. Acesso dia 09 de agosto 2020.

BRASIL. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Publicada no DOU de 30.08.2012. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm>. Acesso dia 29 de abril 2020.

BRASIL. MEC. **Sociologia: ensino médio**. Coordenação Amaury César Moraes. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.: il. (Coleção Explorando o Ensino; v.15), 304p.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BOURDIEU, Pierre. *In*: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afranio M. (orgs.). **Escritos de educação**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. 251p.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1896313/mod_resource/content/1/Remi_Lenoir.pdf>. Acesso dia 10 de agosto 2020.

BOURDIEU, Pierre. **Qué significa hablar?** Economía de los intercambios lingüísticos. Madrid, España: AKAL/Universitaria, 1985.

BOURDIEU, Pierre. **Homo academicus**. Buenos Aires, Argentina: Sigla XXI Editores, 2008. 320p.

BRANDÃO, Zaia. As mutações da paisagem cultural. Entre a legitimidade e a legitimação do capital cultural em sua forma escolar. **Revista Sociologia da Educação**, n. 2, 2010. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=16554@1>>. Acesso dia 15 de setembro 2021.

BROCCO, Ana Karina; ZAGO, Nadir. Condições do estudante de camadas populares no ensino superior. X ANPED SUL, Florianópolis, out. 2014. Disponível em: <http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/776-0.pdf>. Acesso dia 27 de maio 2020.

BROWN, Andrew. Tecnologia digital e educação: contexto, pedagogia e relações sociais. **Educação comparada** – panorama internacional e perspectiva, v. 2, 2012, p. 611-627. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000225468>>. Acesso dia 20 de outubro 2020.

CAMPOS, Priscila Becil. **Estudantes de classes populares em cursos de alta seletividade na universidade de Brasília**. Trabalho de conclusão de curso – UnB, Faculdade de Educação, 2017. Disponível em: <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/18541/1/2017_PriscilaBecilCampos.pdf>. Acesso dia 19 de agosto 2020.

CANCLINI, Néstor García. **Diferentes, desiguales y desconectados** – Mapas de la interculturalidad. Barcelona, ES: Gedisa Editorial, 2004, p. 45-79.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. 313p.

CASILLAS, Miguel; MARTINELL, Alberto Ramírez. eNotas para uma sociología de la incorporación de las TIC a la educación. CONGRESSO NACIONAL DE INVESTIGACIÓN EDUCATIVA – **COMIE**, San Luis Potosí, p. 1-12, 2017. Disponível em: <<https://www.comie.org.mx/congreso/memoriaelectronica/v14/doc/0593.pdf>>. Acesso dia 3 de agosto 2020.

CESAR, Layla Jorge Teixeira. **Mecanismos de seleção para o ensino superior e desigualdade educacional: um estudo sobre o PAS e o Vestibular na universidade de Brasília**. 2013. 68p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pós-Graduação em Ciências Sociais. Instituto de Ciências Sociais, Brasília, DF.

CODEPLAN. **Atlas do Distrito Federal 2017**. Disponível em: <<https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/05/Atlas-do-Distrito-Federal-2017.pdf>>. Acesso dia 26 dezembro 2021.

CODEPLAN. Companhia de Planejamento do Distrito Federal. **PDAD 2018: Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios**. 2018. Disponível em: <http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2019/03/PDAD_DF-Grupo-de-Renda-compactado.pdf>. Acesso dia 20 de agosto 2020.

CODEPLAN. Companhia de Planejamento do Distrito Federal. **PDAD 2019: Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios**, 2019. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/89ec0c1b18b88b2e1b5ad7123becb548.pdf>. Acesso dia 4 de maio 2021.

CORAZZA, Sandra Mara. Manual infame... mas útil, para escrever uma boa proposta de tese ou dissertação. **Em Tese**, v. 22, n. 1, p. 95-105, 2016. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/11157/9736>>. Acesso dia 05 de outubro 2020.

CRUZ, Maria S. C.; REIS, Flavia H. C. S.; SOARES, Dannielly Araujo. As redes sociais virtuais no ambiente acadêmico: finalidades, efeitos no comportamento dos discentes. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, p. 12433-12446, 2020. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA19_ID8138_19082019145431.pdf>. Acesso dia 08 de setembro 2021.

ESTEFANÍA, Miguel Melendro; CASTILLA, Javier García; MARTÍNEZ, Rosa Goig. El uso de las TIC en el ocio y la formación de los jóvenes vulnerables. **Revista Española de Pedagogía**, a. LXXIV, n. 263, p. 71-89, enero/abril 2016. Disponível em: <<https://revistadepedagogia.org/wp-content/uploads/2016/02/el-uso-de-las-tic.pdf>>. Acesso dia 3 de agosto 2020.

FICHTNER, Bernd. Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) como prática cultural de adolescentes e jovens: uma perspectiva filosófica e epistemológica. In: SOUSA, Carlos Ângelo de Meneses (org.) et al. **Juventudes e tecnologias: sociabilidades e aprendizagens**. Brasília, DF: Liber Livro, 2015, p. 43-58.

FLACSO - Grupo Estratégico de Análise da Educação Superior no Brasil. Democratização da educação superior no Brasil: avanços e desafios. **Cadernos do GEA**, Rio de Janeiro, n. 1, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://flacso.org.br/files/2012/06/Caderno_GEA_N1.pdf>. Acesso dia 30 de abril 2020.

FREITAS, Lêda Gonçalves; FRANÇA, Carla Cristie; ALVES, Lucicleide Araújo. Juventude e Aprendizagem com as tecnologias: uma reflexão a partir da abordagem histórico-cultural. In: SOUSA, Carlos Ângelo de Meneses (org.) et al. **Juventudes e tecnologias: sociabilidades e aprendizagens**. Brasília, DF: Liber Livro, 2015, p. 193-205.

SOUZA, Sérgio Augusto Freire de. **Análise de discurso: procedimentos metodológicos**. Instituto Censur. Edição do Kindle, 2014, 66p.

GONÇALVES, Fernando Gonçalves de; RAMOS, Marília Patta. Sucesso no campo escolar: condicionantes para entrada na universidade no Brasil. **Educação e Sociedade**, Campinas, SP, v. 40, p. 1-22, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0101-73302019000100305&lng=pt&nrm=iso>. Acesso dia 3 de agosto 2020.

GUIZZO, Bianca Salazar; MARCELLO, Fabiana de Amorim; MÜLLER, Fernanda. A reinvenção do cotidiano em tempos de pandemia. Seção temática: Infância, Política e Educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 46, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/ybM6TZ8MvPmdLN8HzqgFZKS/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso dia 8 de julho 2020.

IBGE/PNAD. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. **Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal PNAD contínua 2018**. Brasília: IBGE, 2018. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101705>>. Acesso dia 23 de junho 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira.** Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. 148p. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101760.pdf>>. Acesso dia 04 de maio 2021.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência.** São Paulo, SP: Aleph, 2006, 478p.

KRAINSKI, Luiza Bittencourt. Reflexões sobre a política de acesso e permanência no ensino superior público. **XIV Colóquio Internacional de Gestão Universitária – CIGU,** Florianópolis, 2014. Disponível em: <<http://flacso.org.br/files/2016/12/reflexoes-politica-de-acesso.pdf>>. Acesso dia 24 de setembro 2020.

LIMA, Daniella; VERSUTI, Andrea. **Narrativa transmídia e educação: praticando a leitura e a escrita de gêneros textuais.** Diálogo sobre comunicação e linguagens. São Cristóvão, SE, Editora UFS, 2018, p. 15-26.

LIRA, Larissa Silva de. **Elementos para o sucesso escolar na mídia impressa: estudo sobre o repertório dos alunos da rede pública, aprovados em cursos de alta seletividade pelo PAS/UNB (1996 a 2017).** 2017. Monografia. Faculdade de Educação (UnB). Disponível em: <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/19063/1/2017_LarissaSilvadeLira.pdf>. Acesso dia 10 de agosto 2020.

LÓPEZ, Juan Sebastián López; FRANCO, Didier Arnulfo Santiago. TIC y mediaciones culturales em la educación superior: hacia un programa multidimensional. **Análisis,** Bogotá, v. 46, n. 85, p. 191-213 jul./dic. 2014. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/287506617_TIC_y_mediaciones_culturales_en_la_educacion_superior_hacia_un_programa_multidimensional>. Acesso dia 3 de agosto 2020.

MARTELETO, Regina Maria. A cultura, o conhecimento e a informação na obra de Pierre Bourdieu. In: **Pierre Bourdieu e a produção social da cultura, do conhecimento e da informação.** Organização: Regina Maria Marteleto e Ricardo Medeiros Pimenta. Rio de Janeiro: Garamond, 2017, p. 29-48.

NORIEGA, José Ángel Vera; CARVAJAL, Claudia Karina Rodríguez; GARCÍA, Edgar Emmanuel Martínez. Capital cultural y competencias digitales em estudiantes universitarios. **Ventana informática,** Universidad de Manizales, n. 36, enero/junio, 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/320024303_Capital_cultural_y_competencias_digitaes_en_estudiantes_universitarios>. Acesso dia 4 de agosto 2020.

OLIVEIRA, José Reinaldo; DIAS, Danilo Borges; LIMA, Denise Soares; SOUSA, Carlos Ângelo. O papel da internet na [re]construção sócio-histórica da juventude: do jeans às redes sociais digitais. In: SOUSA, Carlos Ângelo de Meneses (org.), et al. **Juventudes e tecnologias: sociabilidades e aprendizagens.** Brasília, DF: Liber Livro, 2015, p. 101-128.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos.** 6. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, 181p.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso: princípios e procedimentos.** 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005, 100p.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A materialidade do gesto de interpretação e o discurso eletrônico. In: DIAS, Cristiane. **Formas de mobilidade no espaço e-urbano: sentido e materialidade digital** [online]. Série e-urbano, v. 2, 2013. Disponível em: <<https://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/>> . Acesso dia 7 de agosto 2021.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Editora UNICAMP, 1997.

PISCHETOLA, Magda. **Inclusão digital e educação: a nova cultura da sala de aula**. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.

RAMA, Claudio. De la producción de capital humano a la producción de capital social. Un enfoque desde la economía de la responsabilidad social de las universidades. In: Julio Domínguez; Claudio Rama (eds.). **La responsabilidad social universitaria en la educación a distancia** Chimbote: ULADECH Católica, 2012. p. 39-52. Disponível em: <<https://www.ses.unam.mx/curso2014/pdf/Rama-Produccion.pdf>>. Acesso dia 23 de agosto 2020.

RÁMILA, Karla Paola Martínez; MARTINELL, Alberto Ramírez. Redes sociales em educación superior: transformaciones tecnológicas, de socialización y de colaboración entre estudiantado universitario. **Revista Ensayos Pedagógicos**, ed. esp., p. 93-111, 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.una.ac.cr/index.php/ensayospedagogicos/article/view/9342>>. Acesso dia 4 de agosto 2020.

RECUERO, Raquel. Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na internet. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 38, 2009. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/5309/3879>>. Acesso no dia 27 de setembro 2021.

RIBEIRO, Elisa Maria; PEIXOTO, Adriano; BASTOS, Antônio. Relações intergrupais e sistema de cotas: percepções de estudantes de direito. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 20, n. 2, 3-15, jul./dez. 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902019000200002> Acesso dia 15 de setembro 2021.

RISTOFF, Dilvo. O novo perfil do campus brasileiro: uma análise do perfil socioeconômico do estudante de graduação. **Avaliação**, Campinas, SP, v. 19, n. 3, p. 723-747, nov. 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/aval/v19n3/10.pdf>>. Acesso dia 18 de maio 2020.

RISTOFF, Dilvo. Democratização do campus: impacto dos programas de inclusão sobre o perfil da graduação. **Cadernos do GEA**, n. 9, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://flacso.org.br/files/2017/03/Caderno_GEA_N9_Democratiza%C3%A7%C3%A3o-do-campus.pdf>. Acesso dia 1 de maio 2020.

RÜDIGER, Francisco. **As teorias da cibercultura** – perspectivas, questões e autores. Preliminares ao relato da problemática teórica da cibercultura. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2013, p. 7-24.

SAMPAIO, Marina de Oliveira. **Os estudantes e o uso das TIC na preparação aos exames de seleção do ensino superior público: ferramentas, dificuldades e estratégias**. 2019. 155p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pós-Graduação em Educação. Universidade de Brasília. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/36790/1/2019_MarinadeOliveiraSampaio.pdf>. Acesso dia 17 de julho 2020.

SANTOS, Valmaria Lemos da Costa; SANTOS, José Erimar dos. As redes sociais digitais e sua influência na sociedade e educação contemporâneas. **HOLOS**, a. 30, v. 6, p. 307-328, 2014. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/1936>>. Acesso dia 4 de agosto 2020.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. Família, escola e mídia: um campo com novas configurações. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 107-116, jan./jun. 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ep/v28n1/11659.pdf>>. Acesso dia 05 de julho 2020.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. Um novo capital cultural: pré-disposições e disposições à cultura informal nos segmentos com baixa escolaridade. **Educação & Sociedade** [online], v. 26, n. 90, pp. 77-105, 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/es/v26n90/a04v2690.pdf>>. Acesso dia 27 de maio 2020.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. Sociabilidade juvenil, mídias e outras formas de controle social. DAYRELL, Juarez; MOREIRA, Maria Ignez Costa; STENGEL, Márcia. **Juventudes contemporâneas: um mosaico de possibilidades**. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2011. Disponível em: <http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20120704131151.pdf>. Acesso dia 05 de julho 2020.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A Mídia e o ensino superior: é possível a criação de um consenso? **Educação & Realidade**, v. 27, n. 1, p. 151-182, jan./jun. 2002. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoe realidade/article/view/25942/15205>>. Acesso dia 05 de julho 2020.

SORJ, Bernardo. **Brasil @ povo.com** – a luta contra a desigualdade na sociedade da informação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; Brasília, DF: Unesco, 2003. Disponível em: <http://www.bernardosorj.com/pdf/Brasil_@_povo_com.pdf>. Acesso dia 13 de setembro 2020.

SOUSA, Carlos Alberto Lopes. O juízo estudantil no espaço virtual. In: SOUSA, Carlos Ângelo de Meneses (org.), et al. **Juventudes e tecnologias: sociabilidades e aprendizagens**. Brasília, DF: Liber Livro, 2015, p. 207-232.

SOUZA, Alberto de Mello. Desempenho dos candidatos no vestibular e o sistema de cotas na UERJ. **Ensaio: Avaliação em Políticas Públicas Educacionais**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 77, p. 701-724, out./dez. 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ensaio/v20n77/a05v20n77.pdf>>. Acesso dia 4 de agosto 2020.

SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006. 207p.

SOUZA, Jessé. **A classe média no espelho**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2018. (Recurso digital). 247p.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987. Disponível em: <<https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Trivinos-Introducao-Pesquisa-em-Ciencias-Sociais.pdf>>. Acesso dia 10 de agosto 2020.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 32, maio/ago. 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n32/a03v11n32.pdf>>. Acesso dia 10 de agosto 2020.

ZAMBONI, Marcio. Marcadores sociais da diferença. **Sociologia: grandes temas do conhecimento** (Especial Desigualdades), São Paulo, v. 1, p. 14-18, 01 ago. 2014. Disponível em: <https://assets-dossies-ipg-v2.nyc3.digitaloceanspaces.com/sites/2/2018/02/ZAMBONI_MarcadoresSociais.pdf> Acesso dia 4 de maio 2021.

URBINA, Alicia Angélica Núñez; PERALTA, Alejandra Isabel Ledezma. Cultura y apropiación social de las TIC's. **Revista Iberoamericana para la investigación y el desarrollo educativo**, p. 10, enero/junio, 2013. Disponível em: <<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwjquOPdv4TrAhV7GbkGHfD7BigQFjAAegQIBBAB&url=http%3A%2F%2F11.ride.org.mx%2Findex.php%2FRIDESECUNDARIO%2Farticle%2Fdownload%2F556%2F545&usq=AOvVaw1dIOIE581v18pEvC9CvfiH>> Acesso dia 4 de agosto 2020.

WANDERLEY, Yuri Bastos. **Apropriações tecnológicas no ensino e aprendizagem**: as experiências dos educadores da rede Anísio Teixeira. 2017. 145f. Dissertação (Mestrado em Educação). Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal da Bahia. Salvador. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/22983/1/FACED_DISSERTAÇÃO-YURI%20BASTOS%20WANDERLEY.pdf>. Acesso dia 13 de setembro 2020.

APÊNDICES

APÊNDICE I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Universidade de Brasília – UnB
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você é convidado (a) a participar da pesquisa **Apropriação do capital cultural midiático e das TIC no ingresso de estudantes cotistas em cursos de alta seletividade na universidade**, de responsabilidade da pesquisadora **Larissa Silva de Lira** e seu orientador, **Prof. Dr. Carlos Alberto Lopes de Sousa**, realizada pela Faculdade de Educação da UnB. A pesquisa tem como finalidade analisar as condições de apropriação do capital cultural midiático nas práticas formais de estudo, além de identificar traços de convergências e dissonâncias entre o perfil das famílias e dos estudantes candidatos e estudantes cotistas aprovados em cursos de alta seletividade social da universidade.

Você tem liberdade de se recusar a participar de qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone da pesquisadora (61) XXXX-XXXX.

A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade. Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente a pesquisadora e o orientador terão conhecimento dos dados.

Ao participar desta pesquisa você não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre o tema apresentado. A pesquisadora se compromete a divulgar os resultados obtidos. As informações fornecidas por você serão utilizadas somente para fins de pesquisa e outros trabalhos acadêmicos, inclusive em coautoria ou por outros pesquisadores interessados na temática, garantido o anonimato do (a) participante (a).

Você não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Eu, _____, RG _____, órgão expedidor: _____, declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

Brasília – DF, _____ de _____, 2020.

APÊNDICE II – ROTEIRO DE ENTREVISTA



Universidade de Brasília – UnB
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE

PERFIL DO ESTUDANTE E DA FAMÍLIA

- 1- Qual a sua idade? – pergunta interrogativa
- 2- Onde você mora? Você mora com sua família, se não, por quê? – pergunta interrogativa/explicativa.
- 3- Quantas pessoas moram na sua casa? (contando com você) – pergunta interrogativa.
- 4- Qual cidade você nasceu? – pergunta interrogativa.
- 5- Qual a renda mensal aproximada da sua família? Indique uma das alternativas – pergunta interrogativa.
 - a) 1 a 3 salários-mínimos (entre R\$1.045 e R\$ 3.135)
 - b) 3 a 4 salários-mínimos (entre R\$ 3.135 e R\$ 4.180)
 - c) 4 a 6 salários-mínimos (entre R\$4.180 e R\$ 6.270)
 - d) 6 a 8 salários-mínimos (entre R\$6.270 e R\$ 8.360)
 - e) acima de 6 salários-mínimos (R\$ 8.360 ou mais)
- 6- Qual o nível de escolaridade dos seu pai ou responsável? – pergunta interrogativa.
- 7- Qual o nível de escolaridade da sua mãe ou responsável? – pergunta interrogativa.
- 8- Qual a principal ocupação do seu pai ou responsável? – pergunta interrogativa.
- 9- Qual a principal ocupação de sua mãe ou responsável? – pergunta interrogativa.
- 10- Por que você escolheu cursar essa graduação? – pergunta explicativa.
- 11- Existe algum tipo de cobrança dos seus pais para que você trabalhe para auxiliar nas despesas de casa? – pergunta explicativa/avaliativa.
- 12- Quais são as necessidades financeiras básicas da sua família? (ideia de necessidade associada à renda e despesas) – pergunta descritiva.
- 13- Sua família participou da sua vida escolar e participa da sua vida acadêmica? Como eles participam? Se não, por quê? – pergunta interrogativa/explicativa.
- 14- Quais são as maiores virtudes de seus pais ou responsáveis? (virtudes são qualidades que contribuem na formação de valores morais e éticos do estudante, como Justiça, Esforço, Honestidade, entre outros) – pergunta avaliativa.

- 15- Quais familiares são exemplos de vida profissional para você? Por quê? – pergunta descritiva/avaliativa.
- 16- O grau de escolaridade de seus pais ou responsáveis refletiram na tua trajetória escolar e escolha de curso? Por que da sua resposta? pergunta interrogativa/ avaliativa.
- 17- Qual a opinião dos seus pais em relação a sua permanência na universidade? - pergunta avaliativa.

PERMANÊNCIA NA UNIVERSIDADE

- 18- Você sempre estudou em escola pública? - pergunta interrogativa.
- 19- Você fez cursinho preparatório para ingressar na universidade? Se sim, qual? (perguntar se as aulas eram presenciais ou EaD) – pergunta interrogativa.
- 20- Os professores durante a tua formação básica te incentivaram a usar a internet para complementar ou ampliar o conteúdo estudado? E agora na graduação? - pergunta avaliativa.
- 21- A universidade disponibiliza acesso à laboratórios de informática? Os professores incentivavam o uso desse espaço? - pergunta interrogativa/avaliativa.
- 22- Como era a sua rotina de estudos antes da pandemia na universidade? - pergunta descritiva.
- 23- Como é a sua rotina de estudos na pandemia? - pergunta descritiva.
- 24- Você recorre a alguma tática de estudo para aprimorar o processo de aprendizagem? Se sim, qual? Você costuma fazer à mão ou digitado? (exemplos de táticas – fichamento, resumo, mapa mental) - pergunta interrogativa/descritiva.
- 25- Você tem um espaço próprio de estudo em casa? Como ele é? - pergunta descritiva.
- 26- Você trabalha ou faz estágio? Se sim, onde você trabalha ou estagia? - pergunta interrogativa.
- 27- Você tinha acesso à internet na universidade antes da pandemia? - pergunta interrogativa.
- 28- Quais ambientes da universidade você costumava frequentar para estudar antes da pandemia? - pergunta descritiva.
- 29- Você recebe algum benefício da universidade para se manter ou custear algumas despesas? Se sim, qual? - pergunta interrogativa.
- 30- Em relação ao uso das TIC na universidade, como você descreveria o acesso à internet na universidade antes da pandemia? - pergunta descritiva.

- 31- Antes da pandemia as aulas na universidade costumavam ser mediadas por dispositivos eletrônicos? Se sim, quais? - pergunta interrogativa/descritiva.
- 32- Antes da pandemia você costumava usar o dispositivo móvel para realizar pesquisas em sala de aula? Se sim, quais? pergunta interrogativa/descritiva.
- 33- Você enfrentou dificuldades ao ingressar na universidade? Se sim, quais? - pergunta interrogativa/descritiva.
- 34- Você enfrentou alguma dificuldade em cursar disciplinas na graduação. Se sim, qual foi e como enfrentou isso? - pergunta explicativa.
- 35- Vamos imaginar que você precise estudar para uma prova, mas está sem acesso à internet, como você procede? - pergunta hipotética.
- 36- Como você verifica se a informação do site é confiável e segura para estudar? - pergunta avaliativa/explicativa.
- 37- Você se sente mais entusiasmado estudando pela internet ou pelos livros? Por quê? pergunta interrogativa/explicativa.
- 38- Você reparou alguma diferença entre você e seus colegas de classe? Se sim, qual? pergunta explicativa.
- 39- Como você descreveria a sua relação como estudante cotista com professores? pergunta avaliativa/explicativa.
- 40- Como você descreveria a sua relação como estudante cotista com estudantes não cotistas? pergunta avaliativa/explicativa.

CAPITAL CULTURAL E MIDIÁTICO

- 41- Com que frequência você assiste filmes? Qual tipo de filmes você mais gosta de assistir? – pergunta interrogativa/avaliativa.
- 42- Antes da pandemia, quantas vezes você assistiu filmes no cinema nos últimos seis meses? – pergunta interrogativa.
- 43- Com que frequência você visita museus? Qual tipo de arte você mais aprecia? - pergunta interrogativa/avaliativa.
- 44- Com qual frequência você assiste apresentações de orquestras? Qual tipo de música você mais aprecia? pergunta interrogativa/avaliativa.
- 45- Com qual frequência você participa de eventos culturais? Se sim, quais? pergunta interrogativa/descritiva.
- 46- Você costuma ler livros? Se sim, de qual gênero? pergunta interrogativa/descritiva.
- 47- Quantos livros você leu nos últimos seis meses? - pergunta interrogativa.

- 48- Você prefere o livro impresso ou digital? Qual dos formatos você mais utiliza? - pergunta avaliativa/interrogativa.
- 49- Você prefere ler livro ou assistir TV? Por quê? - pergunta avaliativa.
- 50- Você cursou ou cursa algum curso de língua estrangeira? Se sim, qual? - pergunta interrogativa.
- 51- Você já participou de algum intercâmbio internacional? - pergunta interrogativa.
- 52- Com qual frequência você assiste programas televisivos? - pergunta interrogativa.
- 53- Seus parentes também assistem programas televisivos? - pergunta interrogativa.
- 54- Antes da pandemia quais atividades você mais gostava de fazer para descansar ou relaxar? - pergunta descritiva.
- 55- Quais atividades você mais gosta de fazer para descansar ou relaxar durante o isolamento social? - pergunta descritiva.
- 56- Você tem alguma dificuldade de concentração quando utiliza a internet para estudar? - pergunta interrogativa.
- 57- Quais dificuldades você tem ou teve no manejo das plataformas digitais para o estudo? - pergunta avaliativa/descritiva.
- 58- Quando você tem alguma dificuldade em pesquisar na internet, como você procede? - pergunta interrogativa/explicativa.
- 59- Você participa de algum grupo voltado para o estudo no Whatsapp ou em outras mídias sociais? Se sim, essa participação te auxiliou nos estudos? - pergunta interrogativa/avaliativa.
- 60- Quando você tem dúvida em relação à matéria, você recorre a quem ou o que para sanar dúvidas? - pergunta interrogativa.
- 61- Em relação as mídias sociais, quais mídias você costuma acessar para estudar? Por quê? - pergunta interrogativa/explicativa.
- 62- Algumas mídias digitais disponibilizam o acesso às *Lives*, você já assistiu *lives* direcionadas à alguma matéria em que está estudando ou interessado? Ou o objetivo de assistir *lives* é outro? Se sim, qual? - pergunta interrogativa/avaliativa.
- 63- Algumas mídias digitais possibilitam a criação de páginas voltadas para a divulgação de conteúdo educacional, você tem o costume de acessar, interagir e compartilhar conteúdos educacionais? Se sim, quais sites você acessa? - pergunta interrogativa/descritiva.
- 64- Você utiliza aplicativos disponíveis no celular para estudar? Se sim, quais? - pergunta interrogativa/descritiva.

- 65- Qual tipo de conteúdo você mais compartilha e ler nas suas redes sociais? – pergunta interrogativa.
- 66- Você acredita que as informações veiculadas nas mídias sociais te ajudaram em algum momento para estudar ou responder questões das disciplinas que você cursou na graduação? Como? – pergunta interrogativa/explicativa.
- 67- Você possui computador próprio? Se não, você compartilha com quantas pessoas? – pergunta interrogativa.
- 68- Você possui dispositivo móvel próprio? - pergunta interrogativa.
- 69- Com início do semestre letivo da UnB com aulas remotas devido a pandemia, você está conseguindo se adaptar bem ao novo formato de aula? - pergunta avaliativa.
- 70- Você teve alguma dificuldade em relação ao acesso à dispositivos eletrônicos ou à internet de qualidade nesse período? Por quê? - pergunta interrogativa/explicativa.
- 71- Você prefere o formato de aula remota em comparação às aulas presenciais? Se sim, por quê? - pergunta avaliativa/explicativa.
- 72- O que você mais sente falta das aulas na universidade? – pergunta descritiva
- 73- Teve alguma dificuldade para acessar e participar das aulas remotas? Se sim, quais? – pergunta interrogativa/descriptiva.

RECONSTRUÇÃO DO DISCURSO E NOTÍCIAS DA MÍDIA

- 74- A partir do seu ponto de vista, como estudantes cotistas são retratados nas notícias divulgadas pela mídia? Pergunta explicativa/avaliativa.
- 75- Muitas notícias que relatam o ingresso de estudantes cotistas abordam que tal sucesso foi fruto do esforço próprio do estudante. Você concorda com essa perspectiva? Se não, por quê? – pergunta hipotética.
- 76- Nota-se que em uma das reportagens o estudante afirma que tem um sonho de se tornar um médico. Qual é o seu sonho? – pergunta interrogativa .
- 77- Observa-se que uma das reportagens apresentam professores que incentivam os estudantes a ingressarem na universidade, através de projetos, atividades complementares, pré-vestibular ou pré-Enem (descrito na reportagem) você acredita que a oferta de projetos culturais, e cursinhos preparatórios sem custo, seja suficiente para o ingresso de jovens da rede pública na educação superior? Você teve acesso a esse tipo de atividade na formação básica? - Pergunta avaliativa/interrogativa.
- 78- Você acredita que ter internet e aparelhos tecnológicos é importante para aperfeiçoar as estratégias de estudos? Se sim, por quê? É suficiente? – pergunta avaliativa/explicativa.

- 79-** Você avalia que usar redes sociais e outros recursos da internet é uma forma de descansar? Por que da sua resposta? – pergunta avaliativa/explicativa.
- 80-** Você se considera de qual classe social? – pergunta interrogativa.
- 81-** Quais outras classes sociais existem? – pergunta interrogativa.
- 82-** Você acredita que estudantes de uma classe social mais elevada que a sua estudam da mesma forma que você? Como você imagina que eles estudam? – pergunta avaliativa/explicativa.
- 83-** Como você descreveria o seu processo de ingresso na universidade? Quais fatores colaboraram para isso? – pergunta avaliativa/explicativa.
- 84-** Como você descreveria o seu processo de permanência na universidade? Quais fatores colaboram para isso? E quais fatores não colaboram? – pergunta avaliativa/explicativa.
- 85-** Caso você fosse convidado a reescrever a reportagem apresentada, como você faria? Mudaria algo? Se sim, por quê? - – pergunta hipotética.
- 86-** Em relação à política de cotas, você acredita que ela seja suficiente para o ingresso na universidade? E para permanência? Por quê? – pergunta avaliativa/explicativa.
- 87-** Você acredita que com a posse do diploma de graduação seja possível ascender socialmente? Se sim, por quê? – pergunta avaliativa/explicativa.